DEMÔNIO DISFARÇADO

A DEVIL IN DISGUISE

Caitlin Crews

Uma sedução arriscada...

O trabalho infernal de Drusilla Bennet está perto de acabar. Logo ela retomará sua vida e deixará seu chefe demoníaco para trás. E está preparada para dizer um belo "Eu me demito!". Cayo Vila nunca é pego de surpresa. Porém, para tudo existe uma primeira vez. E ele não está acostumado a ouvir um "não" como resposta. Portanto, o pedido de demissão da melhor assistente pessoal que já teve é simplesmente inaceitável. Dru já tinha ouvido falar muito de seu lendário charme, mas só agora, quando ele está focado em sua direção, ela entende por que é tão difícil negar qualquer coisa a Cayo Vila!

Digitalização: Vicky
Revisão: Bruna Cardoso

Projeto Revisoras

Querida leitora,

Na primeira história, você vai ver que de tanto brincar com fogo, Drusilla Bennet — a assistente do charmoso Cayo Vila — está prestes a se queimar ao pedir demissão. Porém, seu chefe arrogante não dará o braço a torcer, desconsiderando a vontade de Dru. Mas ela nem imagina que sua vida poderá ser tornar um inferno, pois Cayo não a deixará em paz!

Em *O amor é eterno,* o russo Serge Marinov é capaz de dar tudo o que uma mulher mais deseja. E ele tentará persuadir à encantadora Clementine Chevalier. No entanto, o que ele ainda não entendeu é que existem coisas que nem o mais lindo dos diamantes pode comprar. Será que ele estará disposto a pagar um preço incalculável para ter Clementine em seus braços para sempre?

Boa leitura!

Equipe Editorial Harlequin Books

Tradução: *Dinah Kleve*

HARLEQUIN
2013

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: A DEVIL IN DISGUISE
Copyright © 2012 by Caitlin Crews
Originalmente publicado em 2012 por Mills & Boon Modem Romance

Título original: UNTOUCHED BY HIS DIAMONDS
Copyright © 2012 by Lucy Ellis
Originalmente publicado em 2012 por Mills & Boon Modern Romance

Projeto gráfico e arte-final de capa: Núcleo i designers associados
Editoração eletrônica: EDITORIARTE
Impressão: RR DONNELLEY
www.rrdonnelley.com.br
Distribuição para bancas de jornal e revistas de todo o Brasil:
FC Comercial Distribuidora S.A.
Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4° andar
São Cristóvão, Rio de janeiro, RJ — 20921-380
Contato: virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

– É CLARO que você não vai se demitir – disse Cayo Vila, impacientemente, sem ao menos erguer os olhos da ampla mesa de aço e granito que se impunha diante de uma vista gloriosa da cidade de Londres.

Não que ele jamais tivesse sido visto desfrutando dela. O que se dizia era que Cayo Vila, na verdade, amava deter aquilo que os outros cobiçavam.

Drusilla Bennett sentiu uma enorme satisfação por saber que não faria mais parte de sua lista de propriedades e se obrigou a sorrir para o homem que havia dominado todos os aspectos da sua vida nos últimos cinco anos.

Trabalhara dia e noite como assistente pessoal dele, atravessando diferentes fusos horários em cada cantinho do globo terrestre por onde se estendia o seu vasto império.

E ela o odiava.

Era difícil imaginar, agora que sabia da verdade, como havia podido nutrir sentimentos mais puros por aquele homem por tanto tempo...

Mas não importava, disse ela a si mesma, duramente. Aquilo já era passado. *É claro que era.*

Dru foi tomada de assalto por uma daquelas ondas de pesar que vinham se abatendo sobre ela naqueles estranhos tempos, desde que seu irmão gêmeo, Dominic, morrera. Havia sido a única a ajudá-lo no tratamento de sua doença, ou melhor, de seus vícios.

Cuidara dele, pagara as contas de seus médicos e tratara de todas as questões relativas à sua cremação. *Aquilo*, sim, havia sido muito difícil, e ainda estava sendo.

As decisões quanto ao seu emprego eram simples. Ela não ia mais tratar a si mesma como a pessoa que menos importava em sua vida. Estava tentando se convencer de que teria pedido demissão de qualquer maneira, mesmo que não tivesse descoberto o que Cayo fizera.

– Este é o meu pedido de demissão – disse ela, calmamente, naquele tom de voz sereno e profissional que se tornara a sua segunda natureza e que ela havia decidido nunca mais voltar a usar assim que deixasse aquele homem.

Já podia mesmo sentir a concha em que havia se escondido por tanto tempo começar a rachar.

– Imediatamente.

Lenta e incredulamente, Cayo Vila, o renomado e implacável fundador e presidente da Vila Group e sua impressionante rede de hotéis, empresas aéreas, negócios e o que mais lhe interessasse, ergueu a cabeça.

Dru conteve a respiração. Ele havia baixado as sobrancelhas negras sobre o intenso calor dourado de seus olhos. A expressão feroz e inflexível de seu rosto, tornada quase que brutalmente sensual por causa da boca atraente, estava ficando cada vez mais grave. Ela sentiu o efeito de ser o alvo de sua completa

atenção, um efeito que nem todos aqueles anos de proximidade haviam conseguido amenizar.

Aquilo era o que ela mais odiava. Sua maldita fraqueza.

O amplo escritório pareceu, subitamente, pequeno e apertado.

– Como?

Ela notou o leve sotaque espanhol por trás das palavras dele, traindo o temperamento volátil que ele costumava manter sob estrito controle e conteve um leve tremor. Não era à toa que era chamado de o Satã Espanhol. *Ela* gostaria de chamá-lo de algo bem pior.

– Você ouviu muito bem – disse ela, sentindo-se bem melhor com a bravata.

Cayo balançou a cabeça.

– Eu não estou com tempo para isso – disse ele. – Envie-me um e-mail detalhando as suas preocupações e…

– Está sim – interrompeu-a.

Ambos se detiveram, talvez por terem notado que ela nunca havia ousado interrompê-lo antes.

– Eu mesma reservei estes 15 minutos na sua agenda para que pudéssemos tratar desse assunto.

Um momento muito tenso transcorreu lentamente entre eles, em que ele sequer piscou, emanando fogo de seu olhar ardente.

– Por acaso decidiu exigir um aumento ou a obtenção de novos benefícios? – questionou ele, rispidamente.

Dru sentiu algo rachar sob a sua armadura profissional, e como se o tivesse percebido, ele sorriu.

– Eu não estou reivindicando um aumento, nem qualquer outra coisa – disse Dru, muito objetivamente, desejando que depois de todo aquele tempo e do que havia descoberto, ela estivesse imune a ele e àquela selvagem sensação que o sorriso dele sempre lhe provocava. – Não quero nem mesmo uma carta de recomendação. Esta conversa é simplesmente uma cortesia.

– Se está pensando em revelar os meus segredos a qualquer um de meus adversários – o avisou, num tom casual que Dru, no entanto, conhecia excessivamente bem para se deixar enganar –, deveria saber que eu seria capaz de dedicar a minha vida para destruí-la, tanto nos tribunais quanto fora deles.

– Não há nada que me agrade mais que uma boa ameaça – respondeu ela, no mesmo tom, embora duvidasse muito que o estômago *dele* se contorcesse por isso. – Mas não haverá a menor necessidade disso. Eu não tenho nenhum interesse no mundo corporativo.

A boca dele se curvou em algo excessivamente cínico para ser chamado de mais um sorriso.

– Diga o seu preço, Srta. Bennett – sugeriu-o, com uma voz mais misteriosa, parecendo um encantador de serpentes corporativo.

Ela, porém, não era nenhuma de suas cobras e se recusava a dançar de acordo com a sua música, por mais sedutora que ela fosse. Já vinha fazendo-o há tempo demais, e aquele era o ponto final.

Tinha que ser.

– Eu não tenho preço – disse ela, com toda a sinceridade.

Até ontem, bastaria um sorriso de Cayo para que ela movesse mundos e fundos por ele. Hoje, no entanto, ela só podia se espantar com a sua ingenuidade de outrora.

– Todo mundo tem um preço.

No mundo dele, sim, conforme ela bem sabia.

– Sinto muito, Senhor Vila – disse Dru, dando mesmo de ombros –, mas eu não tenho.

Não mais. Dominic se fora. Ela não era mais o único apoio com que ele contava e as correntes invisíveis de emoção e desejo que a haviam governado por tanto tempo não eram mais capazes de mantê-la por lá. Não depois de ela ter descoberto, acidentalmente, o que Cayo realmente pensava a seu respeito.

Ele correu aqueles seus olhos intensos, cor de âmbar, por ela, como se a estivesse tocando com as próprias mãos, incendiárias e exigentes. Dru sabia o que ele estava vendo. Havia forjado a sua imagem corporativa de acordo com as suas preferências.

Ela se manteve impávida diante do seu escrutínio, resistindo à vontade de remexer em sua saia justa, ou na blusa de seda que estava usando, nas cores neutras que ele preferia. Sabia que o coque que mantinha o seu cabelo castanho preso no alto da nuca estava impecável. Não usava nenhuma jóia chamativa que ele pudesse classificar como "distração". Sua maquiagem havia sido cuidadosamente aplicada, como sempre, a fim de manter a aparência sempre fresca e arrumada como se não precisasse fazer uso de cosmético algum. Ela havia se especializado em representar aquele papel, em ser precisamente o que ele queria que ela fosse. Tinha feito aquilo por tanto tempo que era capaz de fazê-lo até mesmo dormindo.

Dru percebeu o exato momento em que Cayo se deu conta de que ela estava falando sério. A impaciência desapareceu de seu olhar astuto e se transformou em algo bem mais calculado, quase taciturno. Ele se recostou em sua cadeira enorme e deliberadamente intimidadora, apoiou o maxilar na mão e a submeteu a toda a intensidade de seu olhar devastador.

Cayo Vila jamais aceitava um *não* como resposta.

Aquele, na verdade, costumava ser o seu ponto de partida.

E onde ela desembarcava, daquela vez, e para sempre. Dru mal conseguia conter a sua satisfação por saber que ela seria a única coisa que ele não poderia *dominar*. Não mais. Nunca mais.

– O que houve? – perguntou ele, tranquilamente, tendo, obviamente, concluído que a manipularia melhor se demonstrasse interesse no que ela poderia estar sentindo. – Você está infeliz?

Que pergunta absurda pensou Dru, soltando uma pequena gargalhada. Os olhos dele se estreitaram, parecendo quase brilhar com a intensidade da irritação que normalmente mantinha-se apenas à espreita, em seu olhar, como uma promessa que ninguém desejava que ele cumprisse.

– É claro que estou infeliz – respondeu ela, contendo-se para não revirar os olhos. – Não tenho vida pessoal há cinco anos, porque cuido apenas da sua.

– Pelo que é extraordinariamente bem paga – pontuou ele.

– Sei que não vai acreditar em mim – disse Dru, quase compadecida, o que fez com que os olhos dele se estreitassem ainda mais –, porém há coisas mais importantes na vida que o dinheiro.

Ele voltou a lhe lançar aquele olhar âmbar sagaz mais uma vez.

– Isso tem a ver com algum homem? – perguntou ele, num tom de voz que ela poderia ter chamado de decepcionado, caso ela pertencesse à outra pessoa.

Ela riu novamente, para não permitir que ele percebesse que havia atingido uma amarga verdade que ela não tinha a menor intenção de reconhecer.

– E quando eu teria tempo de conhecer algum homem? – perguntou ela. – Entre a minha rotina diária e as viagens de negócios? Ocupada, enviando presentes de despedidas a todas as *suas* ex-amantes?

– Compreendo – disse ele, num tom que fez com que ela se empertigasse de tão condescendente. – Sugiro que tire uma semana de folga, Srta. Bennett. Talvez duas. Procure uma praia e alguns corpos quentes. Beba algo forte e sacie os seus desejos. Tantas vezes quantas forem necessárias. Você não é de nenhuma serventia para mim nesse estado.

– É uma ideia encantadora – reconheceu Dru, por entre lábios pálidos de raiva, sentindo algo sombrio e destrutivo arder dentro dela. – E eu agradeço a oferta, mas não sou o senhor. – Ela deixou que tudo o que sentia por ele… todos aqueles anos de desejo e sacrifício, todas as coisas que havia pensado e pelas quais tinha esperado todos os sonhos tolos que ele não tinha ideia que ela nutria desde a sua infância e até mesmo aquela noite complicada e emotiva em Cádiz, três anos atrás, sobre a qual eles nunca haviam falado, nem falariam, queimassem dentro dela ao olhar para ele. – Eu não "sacio os meus desejos" com o mesmo abandono indiscriminado, deixando um rastro pelo caminho, como um Godzilla super sexualizado. Eu sigo padrões de conduta.

Cayo piscou. Não moveu um músculo sequer, mas ainda assim, Dru achou melhor permanecer onde estava, tamanha era a intensidade da raiva que emanava daqueles olhos cor de âmbar, injetados nela.

– Está se sentindo mal? – perguntou ele. A tensão em seu maxilar de pedra e a intensificação de seu sotaque eram os únicos indícios de fúria, mas Dru sabia reconhecer os sinais de perigo quando os via. – Ou será que perdeu completamente o bom senso?

– Isso se chama *honestidade*, Senhor Vila – respondeu, num tom agudo que denunciou o alarme que havia começado a soar dentro dela, insistindo para que saísse correndo, que parasse de *provocá-lo*! – Compreendo que não esteja familiarizado com isso, especialmente de minha parte, mas é o que acontece quando alguém é descuidadamente dominador como o senhor se orgulha tanto de ser. Está cercado de um séquito que o teme excessivamente a ponto de falar a verdade. Eu mesma venho fingindo ser um deles há anos.

Ele permaneceu aterradoramente imóvel. Seu corpo musculoso parecia vibrar com o esforço que deveria estar fazendo para não explodir. Ele injetou os olhos nela, sombrios, furiosos e infinitamente mais letais do que ela gostaria de admitir.

Ou talvez ela fosse excessivamente susceptível a ele. Ainda. Sempre, sussurrou uma voz dentro dela, renovando o seu desespero.

– Sugiro que você pense muito cuidadosamente antes de dizer qualquer outra coisa – o avisou daquela sua maneira enganosa –, para não se arrepender depois.

Daquela vez, a risada de Dru foi verdadeira, ainda que um pouco nervosa.

– O que você vai fazer? Demitir-me? Colocar-me na lista negra? Negar a mim uma carta de referência?

E então, realizando finalmente o sonho que acalentara desde que aceitara aquele emprego estafante a fim de conseguir pagar as contas de Dominic, uma vez que não conseguia deixar de amar o seu irmão, apesar de tudo, e porque ela

era tudo o que ele tinha na vida e aquilo representara algo para ela, mesmo quando desejara que não, Dru deu as costas para Cayo Vila, o grande demônio, e saiu da sua vida para sempre.

Exatamente como havia planejado fazer um dia.

Aquilo merecia ao menos um soar de trombetas e nem um traço sequer daquela espécie de angústia que estava tornando tudo muito mais difícil.

Dru já havia quase chegado à porta externa do escritório, onde ficava a sua mesa, quando ele gritou o nome dela. Fora um comando inflexível para o qual ela havia sido excessivamente bem treinada a não ignorá-lo. Ela se deteve, odiando a si mesma por obedecer a ele. Mas aquela seria a última vez.

Ela olhou para trás e ficou arrepiada ao constatar o quanto ele havia se aproximado sem que o tivesse ouvido. Seu olhar de advertência a atingiu em cheio, fazendo o seu coração bater mais forte e rápido.

– Se não me falha a memória – disse ele, num tom frio, completamente em desacordo com a expressão sombria e selvagem de seu olhar dourado e ardente –, consta em seu contrato que você tem que cumprir duas semanas de aviso prévio.

Aquela foi à vez de Dru piscar nervosamente.

– Você não pode estar falando sério.

– Eu posso ser um Godzilla excessivamente sexuado, Srta. Bennett... – disse ele, pronunciando cada palavra como quem desfere uma bala. – Mas isso não abala a minha habilidade em ler um contrato. Duas semanas, que, se não me engano, incluem o jantar com o investidor, em Milão, que planejamos durante meses.

– Por que você ia querer uma coisa dessas? – Dru percebeu que havia se virado para encará-lo quando não tinha a intenção de se mexer, e cerrou os punhos. – Será que você é tão perverso assim?

– Estou surpreso por ainda não ter descoberto a resposta a essa pergunta junto às minhas ex-amantes, de quem você, aparentemente, é tão próxima – disse Cayo, com ironia.

Ele cruzou os braços, e Dru se flagrou admirando, mais uma vez, a perfeição de sua forma atlética, parte do que o tornava tão mortalmente indomável. Cada centímetro daquele corpo era uma arma finamente moldada que ele não hesitava em usar como melhor lhe conviesse, como agora, intimidando-a com sua altura, a amplitude de seus ombros e a inexorável força e poder de sua masculinidade.

Ela não queria vê-lo como um homem. Não queria se lembrar do calor das mãos dele contra a sua pele, da sua boca tão exigente sobre a dela. Preferia morrer a lhe dar a satisfação de ver que ele a havia abalado.

– Cada um tem o que merece – murmurou ela soando quase blasé até para si mesma.

Cayo não pareceu esboçar reação, mas ela sentiu, mesmo assim, algo quente explodir entre eles, que quase a fez voltar atrás. Contudo, Dru se recusou a se acovardar.

– Tire o restante do dia de folga – sugeriu-o. – Nos veremos amanhã às 6h30, como de hábito, Srta. Bennett.

Ele nunca pararia. Toda a sua vida era uma constante reafirmação da sua incapacidade de aceitar um não como resposta. Cayo jamais havia se confrontado com uma regra que não pudesse quebrar, com um muro que não

pudesse saltar uma barreira que não pudesse derrubar, simplesmente porque ela havia ousado se colocar em seu caminho.

Ele *tomava* o que queria.

Havia feito isso com Dru sem que ela sequer tivesse se dado conta disso até aquele dia. Parte dela ainda desejava nunca ter aberto a gaveta daquele arquivo para jamais ter descoberto o quão facilmente ele descarrilara a sua carreira, três anos atrás, sem que ela fizesse ideia disso.

Se concordasse com a proposta de ainda trabalhar para ele por mais duas semanas, poderia acabar morrendo na praia. Ele reassumiria o controle da vida dela como havia feito nos últimos cinco anos, e aquilo não teria mais fim.

Nunca. Dru sabia perfeitamente que ela fora a melhor assistente pessoal que ele já havia tido. Precisara sê-lo, pois necessitava do dinheiro e da influência do nome dele para internar Dominic nas melhores clínicas de reabilitação para dependentes químicos. Ela ainda acreditava que aquilo tudo havia valido a pena, por mais arrasada que estivesse. Dominic não morrera sozinho, numa esquina solitária, em algum bairro abandonado da cidade, sem poder ser identificado, velado e pranteado.

Aquela era a única coisa que importava.

Dominic, porém, havia sido apenas a sua motivação original.

Seus sentimentos patéticos por Cayo foram a segunda razão, bem mais atraente, por sinal, de ela ter se tornado indispensável para Cayo. Dru passara a se orgulhar de sua capacidade de servi-lo tão bem. Aquilo lhe trazia um sabor amargo à boca, agora, porém era a mais pura verdade. Ela havia sido masoquista a esse ponto e teria que conviver com isso. Se ficasse mais um dia que fosse com ele, veria toda e qualquer chance de ainda resgatar a sua vida e fazer algo por si mesma desaparecer.

Ele seguiria comprando mais e mais coisas e vendendo outras tantas, faria milhões e destruiria vidas por simples capricho, inclusive a dela.

E ela continuaria saltando de um lado para o outro a fim de fazer as suas vontades e abrir caminho para ele, antecipando todas as suas necessidades e se perdendo, pouco a pouco, até não ser mais nada além de uma casca de boa aparência e voz serena. Um robô sob o seu comando. Uma escrava dos sentimentos que ele jamais lhe retribuiria, apesar dos pequenos vislumbres de algo em contrário, em noites complicadas de cidades distantes sobre as quais eles jamais conversavam.

Pior, ela *desejaria* ser tudo o que pudesse para Cayo, contanto que pudesse ficar perto dele, como fizera desde a noite em que havia visto um lado seu completamente diferente, em Cádiz.

Ela se agarraria a qualquer coisa. Chegaria mesmo a fingir que não sabia que ele havia esmagado os seus sonhos de crescer na vida com um único e brutal e-mail.

Sabia que era patética e estúpida a esse ponto. Já não o havia provado durante todos aqueles últimos três anos?

– Não – disse ela.

Aquela era, evidentemente, uma palavra que ele raramente ouvia.

Ele baixou as sobrancelhas negras e os olhos dourados e duros brilhavam, com uma expressão de divertimento. Aquela boca impossivelmente exuberante, a mesma que fazia com que a sua legião de amantes fantasiasse que poderia

haver alguma suavidade nele, apenas para descobrir, tarde demais, que aquilo não passava de uma miragem, achatou-se abominavelmente.

– Como assim, não?

O ritmo espanhol de sua fala fez com que as palavras soassem quase musicais, mas Dru sabia que quanto mais denso estivesse o seu sotaque, maiores seriam os seus problemas e mais próximo aquele temperamento vulcânico estaria da erupção.

Ela deveria ter lhe dado as costas e saído correndo, para a sua própria segurança.

Deveria ter respeitado o nó em seu estômago, o calor que correu pela sua pele e o pânico que a atravessou.

– Compreendo que não esteja muito familiarizado com esta palavra – disse Dru, soando, talvez, mais empoderada e segura do que seria indicado. Ou verdadeiro. – Ela significa divergência, recusa. Ambos os conceitos com os quais você apresenta muita dificuldade. Mas isso, eu folgo em dizer, não é mais problema meu.

– Pois vai se tornar seu problema já, já – disse-lhe ele, num tom que ela nunca havia escutado antes. Cayo estreitou ainda mais os olhos, como se nunca a tivesse realmente visto até aquele momento, e algo no seu olhar fez com que Dru ficasse tonta. – Eu vou…

– Pode me processar – disse ela, interrompendo-o outra vez, com um gesto despreocupado que o enfureceu. – O que acha que vai ganhar com isso?

Pela primeira vez, desde que Dru o havia conhecido, Cayo Vila ficou sem palavras. O silêncio era tenso e de tirar o fôlego, e mesmo assim soava tão alto quanto uma sirene. Ele simplesmente o olhou estupefato, com uma expressão que ela jamais havia visto naquele rosto implacável.

Ótimo.

– Vai me tirar o apartamento? – prosseguiu, encorajada, talvez, pelo seu silêncio sem precedentes e pelo caos em seu interior, pelo qual ele era o único culpado. – Aquilo não passa de uma quitinete alugada. Fique à vontade. Se você quiser, posso fazer um cheque agora mesmo com o valor de tudo o que eu tenho no banco. Vai ser esse o preço? – Ela riu e ouviu o som ricochetear pela parede de vidro, a superfície de sua mesa e até mesmo o chão encerado da parte externa do escritório. – Eu já lhe dediquei cinco anos da minha vida. Não vou lhe dar mais duas semanas. Não vou lhe dar nem mais um segundo. Prefiro a morte.

CAYO FICOU olhando para a sua assistente como se jamais a tivesse visto antes.

Havia algo no seu modo de inclinar o belo e perfeito rosto oval, na maneira como os seus olhos cinza habitualmente calmos cintilavam com a força de sua indignação e naquela sua boca que o impediam de desviar o olhar.

Uma lembrança despontou na mente dele, sem ser convidada. A mão de Dru em seu rosto, seus olhos cinza calorosos e um tanto afeiçoados, seus lábios... Não. Ele havia se esforçado demais para arrancar aquela insanidade de sua consciência. Aquela fora uma única noite repreensível em cinco anos sem maiores incidentes. Por que pensar naquilo, afinal?

– Eu prefiro a morte – repetiu ela, como que achando que ele não a tivesse ouvido da primeira vez.

– Isso pode ser providenciado – disse ele, procurando aquele rosto que ele conhecia tão bem, à procura de algo que tivesse desencadeado tudo aquilo. – Esqueceu que eu sou um homem movido a desafios?

– Se vai me fazer ameaças, Senhor Vila, que sejam ao menos críveis. Você pode ser muitas coisas, mas não é um assassino. Pelo menos não ao pé da letra.

Pela primeira vez, provavelmente desde a sua infância como filho de mãe solteira que toda a cidade sabia que fora parar em um convento, logo após o seu nascimento, para não enfrentar as conseqüências de seu ato, Cayo ficou perdido. Poderia ter achado divertido o fato de ter sido a sua tão glorificada assistente pessoal aquela a deixá-lo em tal situação, quando ninguém mais conseguia desequilibrá-lo.

Tinha certeza de que ainda riria muito daquilo tudo, mas e até lá?

Ele precisava dela, de volta ao lugar ao qual pertencia ao papel que ele queria que Dru representasse, por isso ignorou a voz que lhe sugeriu que não haveria mais volta para aquilo. Que ela nunca mais se faria tão confortavelmente invisível quanto antes, que era tarde demais, que o tempo de que dispusera depois do incidente em Cádiz, três anos atrás, já havia sido um bônus e que aquilo era apenas o efeito retardado de...

– Eu estou indo embora – disse ela, tratando-o como criança pirracenta. – Vai ter que se conformar com isso, e se achar necessário me processar, fique à vontade. Eu fiz uma reserva para Bora Bora, esta manhã.

Finalmente, o cérebro dele recomeçou a funcionar.

Uma coisa era ela se retirar para onde quer que morasse, em Londres, ou até mesmo passar uma semana de folga, em, digamos, Ibiza, como ele mesmo havia sugerido, mas a distante Polinésia Francesa? Aquilo era inaceitável.

Ele não podia permitir que ela fosse embora. Recusava-se a fazê-lo e não queria avaliar os seus motivos para tanto, assim como não quisera fazê-lo da última vez em que descobrira que ela queria deixá-lo.

Não havia visto sentido em ir mais fundo, três anos atrás, apenas uma semana depois daquela noite em Cádiz, e não via sentido naquilo agora.

Dru sabia de coisas demais a seu respeito. Ele não podia imaginar quanto tempo levaria para treinar uma substituta e não tinha a menor intenção de descobri-lo. Faria o necessário para proteger seus bens, como sempre.

– Peço desculpas pelo meu comportamento – disse ele, quase formalmente, enfiando as mãos nos bolsos e se virando de um modo que sabia ser o exato oposto da agressividade. – Você me pegou de surpresa. – Os olhos cinza dela se estreitaram desconfiados, e ele desejou ter dedicado algum tempo a aprender como decifrá-la como sabia que ela era capaz de fazer com ele. Aquilo o deixava em desvantagem, outra sensação que lhe era muito pouco familiar. – É claro que eu não vou processá-la – prosseguiu, forçando-se a manter um tom civilizado. – Eu só estava reagindo como qualquer um faria se estivesse correndo o risco de perder a melhor assistente pessoal que já teve. Talvez a melhor de toda Londres. Tenho certeza de que sabe disso.

– Bem – disse ela, baixando o olhar, o que Cayo achou fascinante, acrescentando algo, numa voz abafada, como *não é nada de que se possa orgulhar, não é?*

Ele quis prosseguir por aquele viés, mas não o fez. Tinha a intenção de descobrir todos os mistérios ainda restantes relativos àquela mulher, até ter

certeza de que ela nunca mais poderia pegá-lo de surpresa. Mas não o faria até que tivesse lidado com a situação do único modo que sabia fazê-lo.

Dominando-a e fazendo com que ela ficasse de novo do seu lado, quaisquer que fossem os meios de que precisasse se valer para tanto.

– Contudo, como deve estar ciente – prosseguiu ele –, você terá que assinar uma grande quantidade de documentos antes de deixar a empresa. Acordos de sigilo, para dizer o mínimo. – Ele checou o seu relógio. – Ainda é cedo. Podemos partir imediatamente.

– Partir? – repetiu ela, franzindo intensamente a testa, fazendo com que ele se desse conta de que jamais a havia visto fazer aquilo antes. Sempre fora muito serena. Somente aquela estranha centelha em seu olhar dava indícios do que lhe passava pela cabeça e ele nunca quisera saber do que se tratava. Por que não conseguia desviar a atenção de sua boca, ou das linhas de expressão que ele nunca havia visto? Aquilo beirava o desconfortável. Era como se ela fosse uma pessoa de verdade, e não apenas o seu bem mais precioso, exibindo traços novinhos em folha. Pior, era como se ela fosse uma mulher.

Mas ele não queria pensar naquilo nem se lembrar da única vez em que a enxergara como algo mais que sua assistente. Não queria aquela mulher na sua cama. É claro que não. Ela era inteligente demais, boa demais no que fazia. Ele a queria a seu dispor e ao seu lado, que era o seu lugar.

– Toda a minha equipe jurídica está em Zurique – lembrou-lhe Cayo, gentilmente. – Você certamente não se esqueceu disto em sua pressa de ir embora.

Ele a viu enrijecer e pensou que ela ia se exasperar diante da ideia de uma rápida viagem à Suíça, mas em vez disso Dru engoliu em seco e ajeitou os ombros, como se uma viagem de menos de duas horas no jatinho dele fosse o preço que ela estava relutantemente disposta a pagar pela sua liberdade.

– Está bem – disse ela, com um suspiro impaciente. – Eu assinarei tudo o que você quiser. Até mesmo em Zurique, se insiste. Quero colocar um ponto final nisso tudo.

Cayo sorriu. Ela havia caído em sua armadilha.

CAPÍTULO DOIS

O HELICÓPTERO pousou no heliporto da coberta de proa do luxuoso iate que se deslocava suavemente. Ao notar que o piloto estava desligando os motores e se preparando para permanecer a bordo, Dru concluiu que não tinha alternativa e desembarcou. Já deveria ter imaginado que Cayo faria algo daquele gênero.

Apesar de querer estar à milhas de distância dele, flagrou-se seguindo o seu passo determinado e atlético pelo deque, aborrecida demais para admirar o mar azul que os cercava por todos os lados e o que ela temia que fosse a Croácia, ao longe. A brisa marinha soltou algumas mechas do coque que ela havia prendido

meticulosamente para enfrentar a garoa londrina, e Dru, por força do hábito, passou por um momento de pânico, como se ainda estivesse preocupada com a possibilidade de deixar a desejar no que dizia respeito à sua aparência profissional.

– Isto é um rapto! – disse ela, mais uma vez.

Cayo voltou à cabeça lentamente na direção dela e a sua expressão fez com que todo o corpo dela se arrepiasse.

– Do que você está falando? – perguntou ele, maviosamente. Era um tom perigoso, mas ela não podia permitir que ele a intimidasse. – Ninguém a forçou a fazer esta viagem.

– Nós não estamos na Suíça – disse ela, tentando conter o pânico crescente. – A menos que eu esteja muito enganada, isto aqui é Dubrovnik.

Ela reconhecera a cidade de tetos vermelhos incrustada na costa do mar Adriático e não precisava que Cayo lhe confirmasse onde estavam. Sua vontade era lançá-lo naquelas águas e vê-lo ser consumido por elas, mas não ousava tocar em seus músculos lisos e macios.

Ele já devia ter planejado tudo desde o primeiro momento em que mencionara Zurique, antes, ainda, de eles pousarem naquele misterioso campo de pouso em algum ponto distante da Europa e ele apressá-la para dentro do helicóptero.

– Suíça? – perguntou ele, naquela voz enganadoramente suave. – Você deve ter entendido errado.

– Qual é exatamente o seu plano? – exclamou ela, já prestes a explodir. – Por acaso, virei a sua prisioneira?

– Como você é dramática – disse ele, dando-lhe a impressão de estar escolhendo as palavras cuidadosamente. – Como conseguiu esconder isso tão bem, durante tanto tempo?

– Você deve ter me confundido com outra pessoa. Eu não pretendo obedecê-lo cegamente...

– Tem certeza? – Aquele olhar dourado intenso havia escurecido, aquecendo-a estranhamente, mas ela disse a si mesma que aquilo não passava de raiva. – Se não me falha a memória, a obediência é um de seus fortes.

– A obediência era o meu trabalho – disse ela, com resquícios de sua antiga frieza. – Mas eu pedi demissão.

Cayo olhou para ela por um longo e tenso momento.

– Seu pedido de demissão não foi aceito, Srta. Bennett – exclamou ele, feroz e autoritário, como se ela não devesse ousar mencionar aquele assunto outra vez, e lhe deu as costas, dando o assunto por encerrado.

Dru permaneceu onde ele a deixara, sentindo-se um tanto tola e inapropriada em suas roupas de executiva e seus saltos altos. Ela tirou os sapatos, mantendo-os na mão, e inspirou o ar marinho, pressionando os dedos dos pés contra o deque frio, como que buscando alguma sustentação.

Apoiou os cotovelos no convés e admirou a vista, sentindo todo o seu esforço, angústia, sacrifício e frustração se revolverem em seu interior. A terrível verdade é que alguma parte dela desejava nunca ter descoberto nada. Agora que já abrira a porta para tudo o que havia reprimido por tanto tempo, não podia mais voltar atrás.

Não podia voltar no tempo e impedir que seu pai morresse quando ela e Dominic ainda eram crianças. Não podia impedir a sucessão de amantes de sua

mãe, cada um mais depravado que o anterior, nem que o doce e sensível Dominic optasse pela alienação, envolvendo-se com drogas cada vez mais pesadas até que não houvesse mais nada a fazer a não ser esperar pelo trágico fim.

Ela respirou profunda e quase dolorosamente.

Estava livre de todas aquelas obrigações agora, mas também irrevogavelmente só.

Dru mal se lembrava do pai, e a mãe não havia reconhecido a sua existência durante anos. Toda a sua vida se preocupara em lidar com a doença de Dominic, e agora que ele falecera não havia mais nada além de… silêncio. Mas ela o preencheria. Iria construir uma vida baseada, finalmente, naquilo que queria e não em uma oposição às escolhas de sua mãe, ou nas necessidades de Dominic.

Uma vida somente sua, como quer que ela fosse.

Tudo o que precisava fazer era escapar das mãos de Cayo Vila.

Uma nova onda de dor se abateu sobre ela, forte demais para que conseguisse afastá-la.

Cayo. Há três anos, ela tivera a impressão de ter enxergado algum lampejo de humanidade nele, uma indicação de que ele era bem mais que aquele homem que fingia ser em público. Havia construído todo um mundo imaginário de possibilidades baseado em uma conversa íntima compartilhada naquela noite e em um único beijo, despropositado e exageradamente apaixonado. Oh, como ela o desejara, como acreditara, enquanto ele, de tão pouco que se importava com ela, havia chegado ao ponto de impedir sua ascensão na Vila Group.

A Srta. Bennett é uma assistente, escrevera ele em um e-mail endereçado ao Departamento de Recursos Humanos, pouco depois da noite em que ela, tão tolamente, acreditara ter mudado tudo entre eles. Candidatara-se à vaga pensando que já estava mais do que na hora de assumir o controle da própria carreira, em vez de meramente apoiar a de Cayo. *Ela certamente não é uma vice-presidente. Procurem outra pessoa.*

Cayo não havia escondido o que fizera. Por que deveria? As provas estiveram sempre ali no arquivo de Dru, caso ela se desse ao trabalho de olhar. E ela não o havia feito até aquela pequena faxina que promovera no escritório. Tivera certeza de que tudo mudara entre eles depois de Cádiz, ainda que nada tivesse sido explicitado, e não se importara por não ter conseguido aquele emprego. Lutando para conter a raiva e as lágrimas humilhantes, ela jurou a si mesma que nunca mais seria tão tola.

Dru flagrou-se em um dos vários salões do iate, todo em vidro e mármore, junto a uma ostensiva escada em espiral, tão gloriosamente luxuosa quanto todo o restante daquele verdadeiro castelo flutuante que Cayo ganhara de um oligarca russo em um jogo de cartas de fim de noite.

– Estava à mão – dissera ele, dando de ombros quando ela lhe perguntara por que acrescentara mais um iate à sua coleção. – Por isso o peguei.

Cayo estava lá, acompanhado de uma de suas amantes intercambiáveis e anônimas, toda derretida para cima dele, com seios turbinados e cabelo louro.

Ele havia tirado o paletó e estava deliciosamente amarrotado, com a camisa branca aberta na altura do colarinho e a pele morena parecendo brilhar. A moça fez beicinho e resmungou alguma coisa, aparentemente em tcheco, ao

ver Dru, como se fosse a sua presença o motivo de Cayo estar com toda a sua atenção voltada para a TV plana e não para os seus dotes.

Seu prazo de validade está expirando, pensou Dru, impiedosamente, mas se conteve. Afinal, ela não estava competindo com aquela mulher.

Passara tempo demais dizendo a si mesma que não se importava que aquele homem que a beijara com tanto ardor e desejo em uma cidade antiga, e que a olhara como se ela fosse à única pessoa do mundo que realmente importasse para ele, se desse ao desfrute com todas aquelas mulheres anônimas. *Por que se importaria?* Tinha se debatido a respeito milhares de vezes, no meio da noite, sozinha em seu quarto, enquanto ele se esbaldava com a beldade do momento. *O que nós compartilhamos é muito mais profundo que sexo…*

Quanta desilusão.

Ela segurou um sapato em cada uma das mãos como duas armas em potencial, e se permitiu um momento de sombria diversão ao ver o olhar atento de Cayo se voltar rapidamente na direção dos saltos finos, como se tivesse enxergado a imagem que se formara na cabeça dela de enterrá-los fundo na sua jugular. Logo em seguida, porém, retornou às notícias sobre a bolsa, ignorando a ameaça e a ela também, com a maior facilidade.

Como sempre.

– Já se recuperou do seu pequeno ataque? – perguntou ele.

Dru sentiu o coração acelerar, quase tremendo de raiva, não só dele, mas de si mesma, também.

– Por acaso pretende me manter presa aqui para sempre? Isso não me parece nada prático, já que as embarcações têm que atracar alguma hora e, além disso, eu sei nadar.

– Sugiro que respire fundo, Srta. Bennett – disse ele, sem se dar ao trabalho de olhar para ela. – Está ficando histérica.

Aquilo foi demais, finalmente. Sem pensar duas vezes, ela atirou um sapato na cabeça dele.

O sapato cortou o ar, e ela imaginou o salto que quase parecia brilhar cravado entre aqueles olhos irônicos e impossíveis...

Cayo, porém, estendeu o braço e agarrou, com a mão grande e máscula, a ponta delicada do salto em pleno vôo.

Seus olhos dourados ardiam de raiva e de algo mais ao olhar para ela.

O que seria? A lembrança compartilhada de uma rua antiga e um beijo explosivo? Não, aquilo não passava da sua desesperada fantasia entrando novamente em ação.

Dru arfou levemente, como se fosse ela, e não o sapato, quem estivesse na palma da mão dele, sentindo aquele mesmo calor selvagem, que desejou ser apenas fúria, percorrer todo o seu corpo e então pulsar em seu ventre, como sempre acontecia quando ele estava por perto.

– Da próxima vez – disse ela, por entre dentes, apertando o outro sapato em sua mão –, eu não vou errar o alvo.

ELA O havia surpreendido novamente.

Seus olhos cinza estavam alerta e intensos, e Cayo não gostou nada do que pode ver neles, apesar de não compreender do que se tratava nem querer tentar fazê-lo. Não gostou do leve rubor em seu rosto tampouco de seus pés

descalços e o cabelo que pela primeira vez, desde que ele a havia conhecido, não estava em seu estado perfeito. *Sexy*.

Ele teve que se esforçar para desviar o olhar do de Dru. Quando o fez, flagrou-se olhando para o sapato que ela havia jogado em sua direção. Não quis imaginá-la deslizando aquele sapato altamente feminino pelos seus pés elegantes e delicados, que ele nunca havia notado, nem a respeito do efeito que aqueles saltos tinham sobre os quadris dela ao caminhar...

Desgraçada.

Cayo se levantou lentamente, com os olhos fixos nos dela.

– O que eu vou fazer com você? – perguntou ele, impaciente com a atitude desafiadora e com a dificuldade de resolver aquela situação que já estava fugindo do seu controle.

Aquelas mechas de cabelo escuro e sedoso, porém, roçando os lábios e o queixo dela o impossibilitavam de desviar o olhar.

– Você teve muitas opções ao longo dos últimos anos – pontuou ela, tomada de fúria. – Poderia ter me deixado assumir uma posição diferente na sua empresa, por exemplo, ou ter me deixado partir hoje, mas em vez disso escolheu me raptar.

Foi então que Cayo se lembrou de que eles não estavam sozinhos e dispensou a loura com um gesto despreocupado, ignorando a sua expressão emburrada ao sair.

Ele jogou o sapato de Drusilla sobre o lugar onde a loura estivera sentada e se perguntou por que estava sequer tendo aquela conversa, encorajando Dru ao permitir que ela falasse com ele naquele tom desrespeitoso.

Por que estava sentindo aquela necessidade totalmente estranha de lhe explicar os motivos que o haviam levado a impedir sua promoção três anos atrás? A última vez em que tinha se defendido, ou justificado o seu comportamento, havia sido… nunca.

– Eu não gosto de compartilhar as minhas coisas – disse ele, fria, única e exclusivamente para colocá-la em seu lugar.

Dru enrijeceu, e algo que só poderia ser dor inundou os seus olhos cinza.

Pela primeira vez, em anos, Cayo sentiu o mais leve indício de algo parecido com vergonha se agitar dentro dele, mas o ignorou.

– Eu poderia perguntar que tipo de homem é capaz de dizer algo tão deliberadamente insultante, mas de que serviria? – Drusilla fungou, com um olhar ainda magoado, o que o afetou mais do que deveria. – Nós sabemos exatamente que tipo de homem você é, não é mesmo?

– Os jornais me chamam de uma força da natureza – respondeu Cayo, em tom de advertência, a última que pretendia lhe dar.

Ele não era de aceitar insubordinações e, mesmo assim, vinha tolerando-a há horas. Se ela fosse um homem, ele teria lhe respondido na mesma moeda.

Basta já, pensou Cayo, impacientemente.

Ele se flagrou caminhando na direção dela, captando o modo como Dru engoliu em seco quando ele se aproximou, denunciando que ela não estava tão enojada nem impassível como aparentava.

Aquela mesma lembrança sedutora se revirou dentro dele, voltando perigosamente à vida.

Dru transferiu o seu peso de um pé descalço para o outro, fazendo com que ele se lembrasse de que ela era, de fato, uma mulher, e não um robô perfeito, construído apenas para suprir as suas necessidades. Que ela era feita de carne e

osso, uma carne lisa e macia, e que as suas pernas, que se escondiam sob aquela saia de seda, eram perfeitamente torneadas. Que ela não era uma escultura de gelo, e que ele já havia provado do seu calor.

Cayo não gostou nada daquilo, mas deixou que o seu olhar corresse novamente por Drusilla, mesmo assim, notando, como que pela primeira vez, as curvas que se elevavam em sua figura delgada, nos lugares certos.

Havia algo em seu cabelo despenteado, na emoção do seu olhar e na completa ausência de sua expressão calma habitual que o abalava profundamente. O coração dele começou a bater em um ritmo cada vez mais acelerado, fazendo-o pensar em coisas que sabia que não deveria pensar. Aquelas pernas macias enroscadas em torno de sua cintura, enquanto ele a pressionava contra uma parede na cidade antiga. A boca quente de Dru sob a sua. Toda aquela fria competência da qual Cayo dependera durante todos aqueles anos se derretendo ao seu redor…

Aquilo era *inaceitável*. Havia uma razão pela qual ele nunca se permitira pensar naquela noite, droga. Maldita *Dru*.

– Chamá-lo de uma força da natureza o exime de suas responsabilidades, não é? – perguntou Dru, como se não tivesse percebido ou não se importasse que Cayo estivesse avançando em sua direção, embora ele tivesse visto os dedos dela se apertarem em torno do sapato que ainda mantinha na mão. – Você não é um furacão nem um terremoto, Senhor Vila. É apenas um homem isolado e egoísta, com dinheiro demais e habilidades sociais de menos.

– Acho que eu a preferia como era antes – observou ele, com uma voz cortante, mas ela não se acovardou.

– Subserviente?

– Quieta.

Os lábios dela se curvaram em algo excessivamente frio para ser um sorriso.

– Se não quiser ouvir a minha voz, nem as minhas opiniões, terá que me deixar ir embora – lembrou-lhe ela. – Você é tão bom em dispensar as pessoas, não é? Não acabou de fazer isso com aquela pobre moça há cinco minutos?

Ele se valeu de sua altura e se inclinou sobre Dru, aproximando-se excessivamente do seu rosto, sentindo um leve perfume de sabonete ou perfume. Aquilo despertou o próprio desejo. Lembrou-se de ter enterrado o rosto no pescoço dela e sentiu uma vontade incontrolável de fazê-lo outra vez, *agora*. Não sabia se deveria admirá-la ou provocá-la quando ela não recuou.

Cayo teve a estranha sensação de que aquela mulher podia significar a sua morte. Aborrecido, ele afastou de sua mente aquela estúpida superstição de seus tempos de infância, que ele já acreditava ter deixado para trás.

– Por que está tão preocupada com o destino daquela "pobre moça"? – perguntou ele, com a voz cada vez mais grave à medida que ia ficando mais furioso. – Você sequer sabe o nome dela?

– Você sabe? – a retrucou, chegando a inclinar mais o rosto como se estivesse prestes a cutucá-lo com algo mais que palavras.

– Por que se importa tanto com o modo como eu trato as minhas mulheres, Srta. Bennett? – perguntou ele, em um tom gelado e perigoso que deveria tê-la silenciado por dias.

– Por que você não se importa? – contra-atacou ela, com uma expressão grave.

Subitamente, ele compreendeu o que estava acontecendo. Como não tinha enxergado toda aquela efervescência antes, já que ela deveria estar lá há anos? Ele não permitira que uma única noite insignificante, deliberadamente ignorada, praticamente assim que aconteceu, o assombrasse ou afetasse o seu relacionamento profissional com ela e achara que ela também não.

– Talvez – o sugeriu – você não tenha sido inteiramente honesta quando me disse que não havia nenhum homem envolvido nessa história.

Por um momento, ela ficou simplesmente olhando-lhe, apática.

Depois respirou fundo, enquanto o choque e a incredulidade atravessavam o seu olhar, seguidos de uma súbita consciência, e deu um passo para trás. Mas ele já o havia visto.

– Você não pode estar falando sério – disse ela, arfante, soando horrorizada. Talvez um pouco horrorizada e aterrorizada demais. – Acha mesmo que... *Você?*

– Eu – concordou ele, sentindo toda aquela fúria se agitar em seu interior, transformando-se em outra coisa, algo que ele lembrava muito bem, apesar de insistir no contrário. – Você não seria a primeira secretária no mundo a ter uma paixonite pelo chefe, não é? – Ele inclinou a cabeça, magnânimo. – Eu assumo toda a responsabilidade por isso. Jamais deveria ter permitido que aquele episódio em Cádiz ocorresse. Foi tudo culpa minha. Permiti que você alimentasse muitas ilusões.

Dru empalideceu, e apesar do que havia dito, tudo em que ele conseguiu pensar foi naquela noite ocorrida há tanto tempo na Espanha, no caminho de volta da bodega para o hotel, enquanto o mundo se turvava e ela passava o braço em torno de sua cintura, como se ele precisasse de apoio. E então a boca de Dru sob a sua, sua língua, seu sabor, muito mais inebriante que *amanzanilla* que ele havia tomado em uma espécie de tributo torto ao avô, cuja morte, naquele mesmo dia, ele se recusava a lamentar. Em vez disso, ele a beijara contra o muro e em meio a doce escuridão.

Suas mãos contra as curvas dela, seus lábios no pescoço de Dru…

Cayo ainda podia sentir o sabor dela, mesmo depois de todos aqueles anos.

Ele vinha mentindo para si mesmo. Não tinha sido movido apenas por aborrecimento e raiva. Não fora isso o que o deixara rijo e pronto, fazendo o sangue correr mais rápido pelas veias.

Aquilo era *desejo*.

– Seria mais provável eu me apaixonar pelo capeta – disse ela, furiosa, atropelando as palavras como se não pudesse pronunciá-las rápido o bastante. – Além do mais, eu era a sua assistente pessoal e não a sua secretária...

– Você é o que eu disser que é – advertiu ele, num tom mavioso e perverso, como se aquilo pudesse apagar aquela lembrança, ou colocá-la no devido lugar. A ela e àquele seu crescente desejo por ela também. – Algo que você parece ter esquecido completamente hoje.

Dru arfou e ele voltou a notar aquela centelha, aquela excitação. A lembrança.

Aquele brilho nos olhos cinza dela, que ele já havia visto uma vez e jamais esquecera, por mais que tivesse dito a si mesmo o contrário.

Mais mentiras, concluiu ele, sentindo o corpo latejar com a necessidade de sentir o sabor dela. De possuí-la.

– Eu não desperdicei um segundo sequer do meu tempo "alimentando ilusões" a respeito da sua grosseria e bebedeira em Cádiz – sibilou ela, mas a voz

falhou e ele soube que ela estava mentindo, tanto quanto ele havia feito até ali. – Foi um único beijo. Você, por acaso, fantasiou com isso? Foi por isso que me impediu de obter aquela promoção? Ciúme?

Aquela ideia era simplesmente risível, mas Cayo queria sentir novamente o sabor dela e que ela se calasse, e só conseguiu pensar em um modo de conseguir as duas coisas de uma só vez, dizendo a si mesmo que se tratava de uma estratégia.

Seu coração batia com força. Ele ansiava por botar as mãos nela.

Ele a desejava. Apenas estratégia, o pensou outra vez.

Não acreditava realmente naquela história, mas baixou a cabeça, mesmo assim, e a beijou.

FOI COMO se o ar entre eles simplesmente entrasse em combustão.

Ou talvez fosse ela quem estivesse se incendiando.

Isso não pode estar acontecendo outra vez...

Dru, porém, não teve tempo de pensar em mais nada, além disso. A boca dele estava sobre a sua aquela *boca linda*, dura, cruel e impossível, e Cayo cruzou a distância que os separava tão implacavelmente quanto fazia todo o restante. Exatamente como fizera anos atrás, em uma rua escura, envolto nas profundas sombras de uma noite espanhola. Uma das mãos deslizou sobre o quadril dela até alcançar a base de suas costas, puxando-a para junto do muro de seu peito, enquanto os lábios assumiam o controle dos dela, exigindo que ela o deixasse entrar, que retribuísse o beijo.

E, por Deus, ela o fez.

Ela deixou o outro sapato cair, perdeu a cabeça, e o fez.

Aquilo era tão excitante. *Finalmente*, sussurrou uma voz, insistente e feliz. Ele tinha sabor de desejo e comando, e ela ficou tão tonta que se esqueceu de si mesma.

Esqueceu-se de tudo que não fosse o calor daquela boca, o modo como ele inclinava a cabeça para beijá-la mais profundamente, e como a palma da mão dele pressionava as suas costas, moldando-a contra a extensão do peito dele, firme como granito. Seus seios estavam tão fartos que chegavam quase a doer esmagados contra ele. Todos os pontos de contato entre eles ardiam como que possuídos por uma febre. Ela estava retribuindo o seu beijo como que enfeitiçada por ele, e por um breve e ardente momento, ela não quis outra coisa senão se entregar àquele encantamento.

Dru não compreendia o que estava acontecendo, mas *queria* aquilo, quase além do que jamais desejara qualquer outra coisa na vida. A inexorável atração de sua boca, seu sabor, *todo ele*...

Cayo interrompeu o beijo e resmungou algo em espanhol. E a realidade se abateu novamente sobre Dru com tanta força que ela chegou a se surpreender por seus ossos não terem se quebrado com o impacto.

Ela empurrou o peito dele cegamente. Teve, assim, completa consciência não só de que havia optado por soltá-la, como também de que ela parecia desejar ficar exatamente onde estava esmagada contra ele, do mesmo modo como havia feito anteriormente, para sua própria decepção.

Dru deu um passo cambaleante para trás, e então outro. Estava respirando com muita dificuldade, tomada de um terrível pânico, temendo que não fosse preciso mais que um leve roçar do vento para que ela se lançasse novamente nos braços dele. Não conseguia enxergar nada além da névoa que parecia

cobrir a sua visão, a não ser aquele olhar nebuloso, perigoso, de um âmbar intenso e a sua boca... *aquela boca...*

Ela podia sentir a histeria crescer em seu interior, o nó em sua garganta e o clamor em seu pulso.

O estômago dela se contraiu e por um aterrorizante momento ela não soube se ia ficar enjoada, desmaiar, ou sucumbir a uma terrível combinação de ambos.

Ela, porém, respirou fundo mais uma vez, e superou aquela crise. Cayo continuou olhando-lhe, como se soubesse exatamente a força com que o seu sangue estava bombeando por todo o corpo e onde ele estava se acumulando. Como se soubesse exatamente o quanto os seus seios estavam sensíveis e onde eles enrijeceram. Como se soubesse o quanto ela ardia por ele e sempre ardera.

Dru não suportou aquilo. Não podia continuar *ali*, por isso se virou, descalça, e saiu, subitamente, do salão.

Ela acelerou o passo até se dar conta de que estava correndo em direção ao deque, respirando com tanta dificuldade como se estivesse chorando.

Talvez estivesse mesmo.

Sua tola, dizia a voz em sua mente.

No deque, o brilho da luz do sol a cegou por um momento. Ela olhou para trás e viu que Cayo estava logo ali, como sabia que estaria esguio e moreno, com aqueles olhos quentes e exigentes que pareciam quase dourados sob a luz do sol do Adriático.

– Aonde você vai? – disse ele, num tom zombeteiro, arqueando aquelas sobrancelhas perversas. Aquela boca… *Meu Deus, aquela boca*… – Achei que não tinha se importado com aquele beijinho.

Estou encurralada, pensou ela, ciente de que estava quase tendo um ataque histérico. Seu coração, porém, já estava partido. Ela sabia que não conseguiria sobreviver àquilo novamente. Não tinha nem mesmo certeza de ter sobrevivido da primeira vez.

Por isso simplesmente se virou, correu até a lateral do iate e se jogou no mar.

CAPÍTULO TRÊS

ELA HAVIA efetivamente saltado da maldita embarcação.

Cayo permaneceu no convés e a olhou com uma expressão grave quando a viu ressurgir na superfície da água e começar a nadar em direção à praia distante, lutando para manter o autocontrole. Para trancar todo aquele desejo a sete chaves, nas profundezas de sua memória.

Como aquilo tinha acontecido? *Outra vez?*

Não havia mais ninguém a culpar a não ser a ele mesmo, o que só piorava a situação, ainda mais.

– Perdoe-me, senhor, mas ela… Caiu? – perguntou uma voz por detrás dele, parecendo chocada. – Não deveríamos ajudá-la?

Ele não queria pensar nela como uma pessoa. Não queria sentir aquele seu sabor inebriante novamente em sua boca nem aquele insano desejo se agitar dentro dele outra vez, deixando-o tão rígido a ponto de quase sentir dor e parecer um estranho para si mesmo. *Ele não queria nada daquilo.*

– Essa é uma excelente pergunta – resmungou Cayo.

Ele ainda a observou por um longo e tenso momento, dando aquelas braçadas longas e seguras em meio à imensidão azul, quase admirando a sua força de vontade, para não falar na sua graça e habilidade, mesmo completamente vestida.

Cayo teve que se esforçar para manter o seu corpo sob controle e afastar aquele desejo denso que ainda latejava dentro dele. Havia sido o tipo de beijo que conduzia a cenas ardentes, e se aquela não fosse Drusilla, ele não teria pensado duas vezes, e a teria possuído ali mesmo, no chão do salão.

E contra a parede. E sobre as almofadas macias na sala de estar. Repetidas vezes, só para se deleitar naquela química que havia entre eles e que ele tentara se convencer de que tinha esquecido completamente até aquilo voltar a ser a única coisa em que conseguia pensar.

Mas aquela *era* Drusilla.

E Cayo sempre fora um homem prático, focado em tudo o que fazia. Nunca havia se desviado do caminho que traçara para si, nem sequer ficara tentado a fazê-lo. Exceto por uma infeliz escorregadela em Cádiz, naquela noite, e uma repetição ali, em seu iate.

Aquilo já era demais. Ele tinha que recuperar o seu autocontrole e não voltar a incorrer naquele mesmo erro.

Ele a viu se virar na água, certamente checando se havia alguém atrás dela, e lutou contra aquela parte do seu ser que lhe sugeriu deixá-la simplesmente por lá. Ela já o havia feito perder tempo demais. Sua agenda estava lotada naquele dia, e ele havia deixado tudo de lado a fim de tentar impedir que ela fosse embora. Por que fizera aquilo, afinal? E depois a beijara?

Não importava, disse ele a si mesmo, implacavelmente. Dru era uma assistente muito valiosa para que ele corresse o risco de deixar que ela se afogasse. Ou de se tornar a sua amante, como o seu corpo ainda demandava entusiasticamente. Havia pensado a mesma coisa, três anos atrás, quando ela se candidatara àquela promoção. Tudo deveria continuar exatamente como era antes.

Ele não compreendia por que ela queria deixar o seu emprego tão desesperadamente nem por que havia ficado tão furiosa com ele, de uma hora para outra. Tinha, porém, certeza de que se investisse dinheiro suficiente naquele problema, especialmente se o único problema fosse os seus sentimentos feridos, tudo se resolveria. Ele torceu a boca. Ao menos era assim com todo mundo.

– Senhor? Talvez devêssemos usar uma de nossas lanchas. Ela já está um pouco longe agora... – perguntou o capitão, outra vez, mais subserviente e mais preocupado.

Ele não estava gostando nada de Drusilla tê-lo feito sentir o que quer que fosse, menos ainda, algo como aquilo. Ela era a sua assistente pessoal perfeita, competente e confiável. Seu relacionamento com ela era impessoal. Foi só quando começou a enxergá-la como mulher que as coisas começaram a se complicar, e que ele começou a se sentir do jeito que imaginava que os homens mais fracos se sentiam – inseguro e até mesmo carente. Aquilo o horrorizara.

Nunca mais, jurara ele, ainda muito jovem.

Nada mais de sentimentos. Ele já havia sentido coisas demais nos primeiros 18 anos de sua vida, e sofrera muito por causa disso. Sucumbir àquelas coisas era para o tipo de homem em que ele não tinha a menor intenção de se transformar. Fracos. Maleáveis. Comuns.

Aquelas idéias o haviam guiado por quase duas décadas.

Quando algo estava fora do seu alcance, ele simplesmente o ampliava e tomava o que queria. Se não estava à venda, ele pressionava até que estivesse e freqüentemente por um preço menor que o seu verdadeiro valor, graças às suas maquinações.

Se uma mulher não o queria, ele simplesmente realizava os seus desejos, quaisquer que fossem até ela chegar à conclusão de que havia sido apressada demais em sua avaliação. Se sua assistente queria deixar o emprego, ele simplesmente a substituía, e se achava que deveria ficar ele lhe dava o que ela quisesse para tanto. Comprava tudo o que queria porque tinha cacife para tanto. Porque nunca mais voltaria a ser aquele menininho marcado pela vergonha de sua mãe. Porque não era, nem jamais seria governado por seus *sentimentos*.

Aquela louca obsessão por uma mulher que já havia tentado deixá-lo duas vezes no mesmo dia estava se tornando perigosa.

Ela o fazia *desejar*, e ele se recusava a dar mais corda àquilo.

– Prepare uma das lanchas – disse ele, em voz baixa, ouvindo, logo em seguida, toda a tripulação entrar em ação, como se só estivessem esperando ouvir a sua ordem. – Eu mesmo a buscarei.

Ele detectou certa surpresa, por parte do comandante, diante de sua resposta. É claro, ele era Cayo Vila. Não recolhia mulheres nem funcionários. Eles lhe eram entregues como qualquer outro pacote. E mesmo assim, lá estava ele, indo atrás daquela mulher. Mais uma vez. Aquilo era simplesmente inconcebível... Mas, ainda assim, ele o estava fazendo.

Foi quando avistou, finalmente, uma figura abrindo caminho teimosamente pelo mar.

– VAI ENTRAR na lancha, ou resolveu fazer isso a noite inteira?

Dru o ignorou, ou, pelo menos, tentou.

– Estamos mais longe da praia do que parece – prosseguiu ele, comprimindo os lábios. – Sem falar na corrente. Se não tiver cuidado, poderá ser arrastada para o Egito.

Ela continuou nadando. Havia realmente beijado-o daquele jeito? *Outra vez?* Cádiz fora um caso atípico. Ele estivera tão diferente aquela noite, e tudo parecera tão orgânico, tão perdoável, dadas as circunstâncias... Mas não existia desculpa para o que acontecera naquele dia. Ela sabia muito bem a opinião que ele tinha a seu respeito. E mesmo assim, o beijara *daquele jeito*. Ardente, exigente e sensual...

Dru jamais se perdoaria por aquilo.

– Prefiro mil vezes o Egito a um momento sequer a mais na sua companhia... – exclamou, mas ele a interrompeu com um estalar de dedos para o capitão que estava operando a lancha. O motor ganhou vida, abafando qualquer palavra que ela pudesse ter dito.

Dru parou de nadar, olhando consternada e muito aborrecida para a pequena embarcação que girava em círculos concêntricos em torno dela. A

água salgada bateu em seu rosto, e ela teve que esfregar os olhos. Quando voltou a abri-los, o motor já havia silenciado e a lancha estava perto demais, o que significava que *Cayo* também estava perto demais. Como ela podia estar no meio do oceano e ainda assim se sentir tão presa?

– Você está parecendo um guaxinim – disse ele, do seu modo rude, como se estivesse se sentindo pessoalmente ofendido.

– Oh – respondeu ela, numa voz frágil. – Esperava que eu mantivesse um rosto impecável enquanto nadava para salvar a minha vida?

Ela precisou lançar mão de todo o seu autocontrole para não esfregar os olhos outra vez, surpresa e levemente amedrontada diante da intensidade da própria vaidade.

– Não quero pensar na sua maquiagem agora – respondeu ele, naquele tom enganadoramente suave, o mesmo que fizera seus ossos amolecerem. – Quero fingir que isso jamais aconteceu e que eu nunca tive que ver nada além da máscara perfeitamente serena que você normalmente usa.

– Já eu, Senhor Vila, não dou a mínima para o que você quer.

Aquilo o divertiu. Ela viu a versão dele de uma gargalhada se mover por aquele rosto feroz, fascinante; uma espécie de luz na escuridão, e teve que conter a sua reação, dizendo a si mesma que aquilo se devia ao mar, ao sal e ao cansaço, e não a ele. Não aos efeitos de um beijo que a água já deveria, há muito, ter enxaguado.

Deus, como ela mentia mal.

– O que lhe importa ou não está entre as principais coisas que não me interessam a seu respeito. – A boca dura dele se entortou em uma versão fria e predatória de um sorriso. Dru teria preferido encarar um tubarão. Teria muito mais chances de sobreviver, se fosse aquele o caso. – Sei que é perfeitamente capaz de compreender o que estou dizendo, Srta. Bennett. Vou esperar.

Embora houvesse uma série de coisas que ela desejasse jogar na sua cara, ela engoliu em seco e reavaliou a situação. A verdade era que ela estava cansada. Exausta.

Tinha usado toda a sua energia para sobreviver durante aqueles últimos anos, e havia muito pouco dela ainda disponível, depois do que gastara naquele embate com Cayo.

Como que para enfatizar aquele pensamento, uma nova onda bateu em seu rosto, fazendo com que ela engasgasse levemente e então afundasse. Lá, durante um segundo, ela pôde flutuar sob a superfície e se permitir sentir o quanto estava quebrada, abatida. Arrasada por aquele dia confuso. Pelos longos anos que o haviam precedido. Pelos beijos que nunca deveriam ter acontecido e pelo irmão que jamais deveria tê-la deixado daquele modo.

Ela sentiu o seu corpo convulsionar como se estivesse chorando ali, debaixo da água. Como se estivesse finalmente cedido.

Aquilo fora demais. Cinco longos anos de preocupação e trabalho, imaginando futuros brilhantes nos quais ela jamais acreditara realmente. Não por inteiro, embora tivesse tentado. Quando Dominic se livrasse dos vícios, dissera ela a si mesma. Quando trabalhara tão duro porque o desejara, e não porque precisava fazê-lo. Havia sonhado muito e se convencido de que poderia acontecer, se ela trabalhasse o suficiente para isso. Sonhara deixar a sua infância corrompida para trás e alcançar algo mais brilhante, não é? Por que não aquilo, também?

E então chegara aquele dia terrível em que ela recebera a notícia de que Dominic estava morto. Havia tido que seguir o rastro de Cayo por meio de um mapa da Bélgica feito à mão, agindo como se o seu coração não tivesse sido arrancado do peito. Cayo não notara nenhuma diferença – ela não permitira que ele notasse o que quer que fosse. Assegurou-se de pagar todas as contas e dívidas de Dominic, enquanto um terrível pesar pairava sobre ela, à sua espera. Ela havia ignorado aquilo também. Dissera que era o seu *trabalho* ignorá-lo, fingir que estava tudo perfeitamente bem. Orgulhava-se de sua habilidade de ser perfeita para Cayo; de satisfazer as suas necessidades, independentemente do que estivesse acontecendo em sua vida.

Ler aquele e-mail, no início daquela manhã, em Londres, e enxergar a verdade a respeito de todos os seus anos passados com Cayo havia sido a gota d'água.

Parte dela quis simplesmente afundar, como uma pedra, ser envolvida pelo mar Adriático, e acabar com tudo aquilo. Simplesmente deixar-se ir. Dominic não havia feito o mesmo? O que ainda a prendia tão firmemente ao mundo, afinal?

Mas Cayo pensaria que aquilo dizia respeito a ele, e ela simplesmente não podia permitir uma coisa daquelas.

Ela se debateu, com força, e voltou para a superfície e para o sol, respirando fundo ao avistar Cayo. Ele ainda estava lá, evidentemente irritado, como se não fizesse a menor diferença se ela afundasse ou não, contanto que não atrapalhasse mais o seu dia.

De algum modo, aquilo era estimulante.

Ela não ia submergir outra vez, compreendeu Dru, então, ao olhar para aquele homem por quem ela havia se sacrificado, dia após dia, graças à sua mente fantasiosa. Não ia se machucar, nem por Cayo nem por nada.

Como poderia se já estava despedaçada?

Havia uma força naquilo, pensou ela, tirando a água do rosto e fingindo não sentir o calor dos seus olhos que indicava que não era apenas a água do mar que ela estava esfregando.

Eu lhe prometo Dominic, pensou ela, ferozmente, fazendo a própria prece, *que vou deixar esse homem e o levarei para Bora Bora, como você sempre quis. Eu o lançarei ao vento e à água, como jurei que faria. Depois disso, nós dois estaremos livres.* Assim, ela engoliu as palavras amargas que teria gostado de jogar na cara dele e nadou até o outro lado da lancha e estendeu a mão para agarrar a sua lateral. Cayo se aproximou dela, tenso. Estava mais furioso do que ela jamais o havia visto.

– Está bem – disse ela, inclinando a cabeça para olhar para ele como se aquilo não tivesse a menor importância. – Eu vou entrar na lancha.

– Sei que vai – concordou ele, maviosamente. *Furiosamente*, pensou ela. – Mas enquanto a tenho aqui, Srta. Bennett quero estabelecer algumas condições, está bem?

Dru afastou o cabelo do rosto. O coque que fizera cuidadosamente, aquela manhã, em Londres, já tinha se desfeito há muito tempo, e ela imaginou que aquela massa escura deveria estar pendendo sobre a sua cabeça como algas. Feliz, ela teve certeza de que Cayo desaprovaria aquilo profundamente. Aquele pequeno prazer permitiu que ela simplesmente arqueasse as sobrancelhas e esperasse, como se nada daquilo a estivesse magoando. Como se *ele* não tivesse a capacidade de magoá-la.

– Imagino que toda essa demonstração tenha sido um esforço calculado para fazer com que eu reconhecesse que você é, de fato, uma pessoa – continuou ele, naquele seu modo insuportável, tão condescendente.

– Que conveniente para você ignorar quase tudo o que eu efetivamente disse – murmurou ela, num tom semelhante.

– Eu vou dobrar o seu salário – propôs ele, como se não a tivesse ouvido.

Podia ficar com ele e todo aquele dinheiro, ou recuperar o seu amor-próprio; ao menos o que restava dele. Não poderia ter ambos. Aquele dia o havia provado de maneira definitiva.

Ela quis lhe dizer muitas coisas, mas o modo como Cayo olhou para ela fez com que Dru suspeitasse que, se dissesse alguma delas, ele a deixaria na água. Sabia exatamente o quão implacável ele podia ser, por isso apenas se agarrou na lateral da pequena lancha e olhou para ele.

– Estou com frio – disse ela. – Vai me ajudar a subir?

Um breve e intenso momento se passou, e então ele se inclinou, passou as mãos por baixo dos braços dela e a tirou da água como se ela não pesasse mais que uma criança. A água escorreu da roupa molhada dela, assim que Dru pousou os pés na lancha, e ela ficou subitamente ciente de seu estado. O tecido ensopado da saia, dez vezes mais pesado do que deveria enroscado e apertado demais em torno dos quadris e coxas, a blusa molhada grudada na pele, sob a brisa marinha e o emaranhado de seu cabelo molhado.

Ela ergueu o olhar, e o ar pareceu fugir de seus pulmões. Não precisou ver os olhos de Cayo para saber que ele olhava diretamente para o modo como as suas roupas ensopadas estavam se moldando às curvas do seu corpo. Sua blusa, originalmente de um tom suave de cinza, quando seca, estava praticamente transparente, exibindo o sutiã magenta que ela usava por baixo.

Dru não conseguiu processar todo o caleidoscópio de emoções que se agitou por ela: decepção embaraço aquela terrível vulnerabilidade, aquele choro debaixo d'água, ameaçando transbordar mais uma vez. Ela olhou nostalgicamente para o mar, mais uma vez, chegando a pensar em voltar a cair na água.

– Nem pense nisso – disse ele, entre dentes, e então várias coisas aconteceram simultaneamente.

A lancha deu uma guinada para frente, certamente em decorrência de algum sinal de Cayo. Dru teria caído se ele não a tivesse agarrado pela cintura e a pousado sobre as almofadas brancas imaculadas, ao seu lado. Dru sentiu o calor e a força que emanavam dele e um desejo desesperado se elevou dentro dela, fazendo com que odiasse a si mesma. Logo depois, estava sentada ao lado dele, e a lancha seguiu em direção ao iate.

Cayo não disse mais nada até eles chegarem à segurança a bordo, e um dos membros de sua tripulação envolvê-la, sem expressão alguma, em uma toalha bem grande e quente. Ela lançou um sorriso de agradecimento ao capitão. Apesar de patético e enlameado, Cayo olhou para ela como um belo deus espanhol, intocável.

Os tripulantes desapareceram como se tivessem percebido o que estava por vir. Se ainda tivesse um mínimo de bom senso, Dru teria feito o mesmo.

Em vez disso, ela ficou lá e esperou, com as costas retas e uma expressão, ela esperava tão serena quanto possível. Cayo baixou os seus óculos escuros e a avaliou com um brilho daqueles olhos intensos e dourados.

– Tenho certeza de que você sabe onde estão as roupas extras neste iate – disse ele, tranquilamente.

Ela não confiou naquele tom.

– Sugiro que você se sirva delas e então venha falar comigo. Vamos nos comportar como duas pessoas civilizadas e discutir as condições da manutenção do seu emprego, fingindo que o restante deste dia jamais aconteceu.

Dru se obrigou a sorrir.

– Eu estava com frio e quis sair da água – disse ela. – Mas pedi demissão. – Ela deu de ombros diante da expressão incrédula dele. – Posso lhe dizer o que você quiser, e então desaparecer na primeira oportunidade disponível, ou ser honesta e torcer para que me deixe partir com alguma dignidade. A escolha é sua.

Cayo estava olhando para ela como se já a tivesse destruído há muito e olhasse para as cinzas restantes. Ela voltou a encará-lo e disse a si mesma que os arrepios que estava sentindo se deviam apenas ao frio.

– Você e eu nos afastamos muito da dignidade, hoje – disse ele, num tom de voz bem mais baixo.

– Sua escolha continua a mesma – repetiu ela, como se não estivesse excessivamente próxima das lágrimas. – Com dignidade ou não.

– Vá se arrumar, Srta. Bennett – disse Cayo, num tom suave, sombrio e ameaçador, com um sotaque excessivamente intenso que deveria tê-la assustado, caso ainda houvesse alguma parte sua inabalada. – Conversaremos depois disso.

DRU VOLTOU mais tarde e adentrou o estúdio luxuoso, todo apainelado, em madeira escura, a fim de encontrá-lo, mas não estava "arrumada" como Cayo havia esperado. Ele estava de pé no deque, falando ao celular, naquele seu tom brusco. Ela, porém, não se aproximou para se inteirar do assunto. Não queria fazer nada que fazia antes, por isso, simplesmente esperou.

– Eu preciso desligar – disse ele, ao aparelho, sem tirar os olhos dela. – Posso saber que roupa é essa?

– Eu não sabia que deveria respeitar algum código de vestimenta – respondeu Dru, como se não o tivesse compreendido. – A última mulher que eu vi neste barco, há cerca de uma hora, parecia achar que o fio dental era a última moda.

– Ela não está mais conosco – disse ele, estreitando os olhos. – Mas isso não explica por que você está vestida como se fosse…

Ele se deteve.

– Uma pessoa normal? – perguntou Dru. Sabia que ele não ia aprovar a sua escolha e o havia feito deliberadamente. – Ora, Senhor Vila, estamos em pleno século XXI. Esta não pode ser a primeira vez que vê uma mulher de jeans.

– É a primeira vez que eu vejo *você* de jeans – disse ele em um tom mais duro, tanto quanto o olhar dele, e o pulso de Dru parecia acelerar sob a sua pele, arrepiando os seus braços. – Eu não tinha ideia de que o seu cabelo era tão longo.

Dru deu de ombros como se estivesse completamente imune a ele e seguiu em frente, acomodando-se em uma das poltronas de pelúcia posicionada de modo a obter a melhor vista das amplas janelas do iate. Ele estava certo – ela sabia exatamente onde estavam as roupas extras. Tanto os itens que Cayo havia

estocado para as suas inesperadas convidadas quanto o guarda-roupa que ele mantinha para si e para ela, caso os negócios os conduzissem até lá de surpresa.

E quando dizia estocadas por Cayo, queria dizer, é claro, por ela.

Dru dispunha de tudo o que precisava para retomar o seu antigo papel de robô prestativo, mas não conseguira se convencer a fazê-lo.

Em vez disso, deixara o seu cabelo secar naturalmente, enquanto escolhia, lentamente, o que vestir – agora ele pendia em escuras ondas sobre as costas dela. Encontrara um jeans branco em um dos armários, bem mais justo do que ela gostaria e escolhido de acordo com as medidas da maioria das convidadas habituais de Cayo. Em outro, um adorável top, largo e solto, em um vibrante padrão azul e branco para fora do seu jeans. Ela ainda havia escolhido uma echarpe cinza ardósia para se proteger da brisa do mar e permanecido com os pés descalços e o rosto limpo.

Estava parecendo consigo mesma. Finalmente. Mas Cayo a olhava como se ela fosse um fantasma.

– Essa é uma nova versão sua a bordo, Srta. Bennett? – perguntou ele, com uma voz que reverberou pelo recinto silencioso, fazendo o coração dela saltar dentro do peito. – Outra desesperada tentativa de atrair a minha atenção?

– Foi você quem quis conversar, não eu – respondeu ela, forjando um sorriso frio. – Eu teria ficado perfeitamente feliz em me retirar do foco de sua atenção. Para sempre.

O músculo do maxilar de Cayo se moveu.

– E se eu triplicar o seu salário? Você disse que morava em uma quitinete alugada? Eu lhe comprarei um apartamento. Uma cobertura, se você quiser. Escolha o bairro de Londres que preferir.

Grande parte dela desejava aquilo. Quem não desejaria? Ele estava lhe oferecendo uma vida inteiramente diferente pelo mesmo trabalho que ela sempre gostara muito, até hoje.

Mas… E depois? Perguntou ela a si mesma. Aquela sugestão não passava de uma maneira refinada de prostituição. Ela se entregaria a ele, que lhe pagaria por isso.

Ela enxergou tudo muito claramente e ficou enjoada. Seria mais fácil se pudesse fazer aquilo simplesmente pelo dinheiro, porém ela já havia ido longe demais. *Pelo menos agora*, pensou ela, *já sabia de tudo*. Era um começo.

– Eu não quero morar em Londres – disse-lhe ela, ignorando o modo como seu estômago se revirou e seu coração pareceu uivar. – Não quero um apartamento.

– Onde, então? – Ele arqueou uma sobrancelha. – Está pensando em uma casa? Uma propriedade? Uma ilha particular? Acho que disponho de todas essas opções.

– É verdade – respondeu ela. – Você tem 16 residências. Tem também três ilhas particulares, bem como uma modesta coleção de atóis, ao menos, segundo os últimos dados. Você sempre adquire algo novo, não é?

Cayo se apoiou na ampla mesa que se estendia pelo centro do recinto como se fosse um trono, onde ele esperava ser venerado, e cruzou os braços. Dru não pôde negar a intensidade daquele olhar. Era como um fogo que a atingiu até as solas dos pés descalços, embora ela não tivesse ideia do que ele estava enxergando.

– Escolha um deles.

Era uma ordem.

– Você não pode me comprar de volta – disse Dru, num tom tão tranqüilo quanto o dele. – Eu não quero o seu dinheiro.

– Todos têm um preço, Srta. Bennett, especialmente aqueles que alegam não ter um.

– Sim – disse ela, remexendo-se em sua cadeira, inquieta. Queria já ter passado por tudo aquilo e encontrado forças para enfrentá-lo e ir embora. – Sei muito bem como você age. Mas eu não tenho mais família para ser ameaçada ou salva. Não tenho dívida alguma de que você possa se valer a seu favor. Nenhum segredo sujo que você possa ameaçar expor ou esconder mais profundamente. Nada pode me forçar a aceitar de volta um emprego que não me interessa mais.

Ele apenas a olhou daquela sua maneira característica, como se não desse a menor importância para o que ela havia dito. Estava inamovível.

Dru foi tomada por uma agitação desesperada e não conseguiu mais permanecer sentada, por isso se levantou e se afastou dele.

– Srta. Bennett – começou ele, em um tom de voz que ela reconheceu imediatamente.

Aquele era o tom de voz que ele usava para envolver as suas vítimas antes de desferir o golpe mortal. Ela já o havia ouvido em centenas de salas de reuniões e em milhares de videoconferências.

– Por que está fazendo isto? – perguntou ela, cerrando os punhos e sentindo um calor escaldante no fundo dos olhos.

– Eu já lhe disse – respondeu ele impacientemente, em um tom frio e ameaçador, enquanto ela se sentia quebrada em mil pedaços. – Você é a melhor assistente pessoal que eu já tive. Isso não é um elogio, mas uma constatação.

– Isso pode ser verdade, mas você poderia ter me substituído por 15 assistentes perfeitas, todas treinadas e prontas para servi-lo na mesma hora. Poderia ter me substituído por qualquer pessoa do mundo. Não há nada que justifique o que está fazendo. Não existia explicação há três anos e não há agora!

– Ao que parece – disse ele, friamente –, seu preço é mais alto que o da maioria.

– Isso é insano. – Ela balançou o cabelo para afastá-lo do rosto e proibiu a si mesma de cair em prantos. – Você não precisa de mim.

– Mas eu a quero.

Dru decidiu parar de tentar se conter. De que adiantava tudo aquilo, afinal?

– Havia uma pessoa que eu *amava*. Uma pessoa que eu perdi. Anos que eu jamais poderei recuperar. – Ela não se importou que sua voz estivesse trêmula e alta e que seus olhos estivessem molhados. Não se importou com o que ele pudesse ver quando olhasse para ela, nem que pudesse suspeitar que ela estivesse falando a respeito de alguém que não o seu irmão. – Não há nenhum dinheiro no mundo que você possa consertar o que se quebrou. Nada me fará reaver o que perdi... O que foi tirado de mim. – Pior, o que ela dera a ele, tola que fora. – Quero desaparecer para um mundo onde Cayo Vila não tem nenhuma importância, nem para mim, nem para ninguém mais.

Aquilo era o principal.

A verdade é que ele não precisaria ter lhe oferecido os seus apartamentos, propriedades, ou ilhas. Bastaria que lhe tivesse dito que a queria… A masoquista

que havia dentro dela sabia muito bem que trabalharia para ele, até mesmo de graça, se Cayo a desejasse daquele modo.

Mas ele não queria ninguém assim. Especialmente não a ela. Dru podia dizer a si mesma que Cayo era incapaz de um sentimento como aquele, que ele nunca havia amado ninguém, nem jamais amaria... Mas aquilo seria dourar a pílula.

– Você já deixou a sua posição bem clara – disse Cayo, depois de um momento de tensão.

– Então, por favor, deixe-me ir embora.

Fora muito mais difícil dizer tais palavras do que ela havia imaginado, e Dru se odiou por isso.

Aquela estranha luz reapareceu nos olhos fascinantes dele, mas seu rosto pareceu se fechar logo em seguida, e ele se empertigou a fim de olhá-la de cima a baixo. *Aquele era Cayo Vila*, lembrou Dru a si mesma, o homem que não deixava nada escapar. Que nunca se curvava nunca se comprometia. Ele simplesmente prosseguia até vencer.

– Você me deve duas semanas – disse ele, como se estivesse decretando uma sentença. – E eu não pretendo abrir mão delas. Você pode executar o seu trabalho durante esse período e cumprir as suas obrigações, ou eu simplesmente a manterei comigo como um cachorro, só de pirraça. – Ele, no entanto, parecia quase triste, o que provocou um frio na barriga de Dru. Outra vez. E aquele terrível desejo que voltou a crescer dentro dela…

Cayo sorriu, como que de muito longe, frio e duro.

– A escolha é sua, Srta. Bennett.

CAPÍTULO QUATRO

ELE DEVERIA estar feliz… Ou ao menos satisfeito.

Cayo se recostou em sua cadeira e olhou na direção da mesa coberta por uma toalha de linho branco na sala de jantar de sua suíte presidencial, no hotel Príncipe di Sabóia, em Milão, analisando o pequeno jantar que havia feito Drusilla organizar em um dos locais mais prestigiados da Europa. Os aposentos da ampla suíte davam a impressão de pertencer à realeza, de tão luxuosos, com seus tetos altos, as antiguidades cuidadosamente selecionadas e as mais belas obras de arte italianas.

Os investidores haviam ficado impressionados, conforme o esperado.

Fumaram charutos e gargalharam, sob os impressionantes lustres de Murano.

As negociações foram um sucesso. Mais dinheiro e poder para a Vila Group.

E mesmo assim, ele parecia se concentrar apenas em Drusilla.

– Está bem – dissera ela, ainda no iate, com aqueles olhos cinza furiosos, um pouco mais escurecidos e a boca tremendo. – Eu não vou levar este jogo

adiante. Se faz tanta questão dessas duas semanas, você as terá, mas esse será o fim de tudo.

– Duas semanas como minha assistente, ou como o meu cachorrinho – reiterou-o. – Para mim, não faz diferença.

Ela rira, sem convicção.

– Eu o odeio.

– Você é apenas mais uma de uma lista bastante extensa.

– Quer dizer o mundo todo?

– Eu lhe sugeriria pensar duas vezes antes de tentar alguma espécie de sabotagem passiva em seus últimos dias comigo, Srta. Bennett – advertiu ele, com um olhar que poderia tê-la fulminado. Talvez tivesse. – Você não vai gostar das conseqüências.

– Não se preocupe *Senhor Vila* – dissera ela, pronunciando o nome dele como um xingamento. – Quando eu decidir sabotá-lo, não haverá nada de passivo.

Dru sumira naquela tarde, e ele não a havia visto de novo até a manhã seguinte, quando ela se apresentou em sua suíte para o café da manhã, vestida no mesmo estilo irrepreensível que costumava usar anteriormente. Ela se acomodou em uma cadeira com o tablet no colo e lhe perguntou como já havia feito milhares de vezes antes, sem nenhuma inflexão especial, se os planos dele para aquele dia haviam se desviado do previsto.

Como se o dia anterior jamais tivesse acontecido.

Como se ela jamais tivesse pedido demissão e ele não a tivesse obrigado a cumprir as duas semanas de aviso prévio.

Como se eles nunca tivessem se beijado daquela maneira, como se seus ânimos não tivessem se inflamado, revelando coisas demais sobre as quais ele não queria pensar.

Naquela noite, Dru parecia tão profissional e fria como sempre. Estava usando um vestido azul, simples, e um blazer feito sob medida, que ressaltava sua elegância. Ela sempre funcionara como o seu braço direito em situações como aquela; era a sua arma secreta, fazendo parecer que ele estava mais interessado em desfrutar da companhia de pessoas interessantes que viriam a se tornar seus amigos do que nos possíveis investimentos.

Era ela quem lhe conferia aquele toque humano que tantos rivais furiosos e derrotados clamavam faltar a ele.

Cayo a havia observado entreter os dez investidores cuidadosamente selecionados para o evento, incentivando-os a falar a respeito de si mesmos e deixando que cada um deles se sentisse interessante e importante. *Valorizado*. Ela se mantinha atenta a tudo o que eles diziam, se antecipava às suas perguntas e ria com eles, tudo isso de uma maneira refinada e inteligente que parecia totalmente autêntica.

Era por contar com ela que Cayo podia ser simplesmente implacável e focado em si mesmo, sem que ninguém se sentisse intimidado nem ficasse na defensiva.

Ela se sentou à outra ponta da mesa, com o seu tablet à mão. Sua objetividade fazia tudo parecer natural, inclusive a solicitação de uma aplicação de Reiki pelo executivo francês, às 2h da madrugada. Dava a entender que ficava *deleitada* em conseguir fazer a sua vontade. Ela era o seu computador ambulante, sua efetiva vice, na verdade.

Era inteligente e confiável. Ele deveria tê-la encorajado a deixá-lo três anos atrás, quando ela quisera aquela promoção. Ela poderia estar gerenciando uma de suas empresas agora.

Motivo pelo qual, é claro, Cayo havia ficado tão relutante de deixá-la ir embora.

Ele tamborilou os dedos em sua taça de vinho, fingindo prestar atenção na conversa ao seu redor.

Ela é magnífica, pensou Cayo, ignorando a súbita dor que se seguiu àquele pensamento, ao lembrar que ela, em breve, o deixaria. Ele teria de pensar logo em uma nova abordagem para conseguir o que queria de seus investidores sem o apoio silencioso e quase invisível de Dru.

Em breve, teria também de enfrentar a crescente suspeita de que sua recusa em aceitar que ela fosse embora tinha bem menos a ver com os negócios do que ele ousava admitir.

Ela se ajeitou no assento, e seu olhar cruzou com o dele, do outro lado da mesa, em meio a todos aqueles investidores e à fumaça de charutos.

Foi como se o restante do recinto tivesse mergulhado na escuridão e não existisse mais nada a não ser Drusilla. Nada além do impacto chamuscante de sua conexão. Era como se ela tivesse estendido a mão por sobre os restos do banquete que eles haviam compartilhado e de todo o dinheiro que haviam ganhado e o atingido com o objeto mais próximo, diretamente em seu plexo solar.

Dru o odiava. Cayo não dera muita importância àquilo quando ela o dissera, depois de ter ouvido o mesmo de tantas pessoas, ao longo de anos. Mas estava começando a acreditar que ela estava realmente falando sério. Mais que isso, que ela achava que ele era um monstro.

Ele sabia muito bem o quanto havia agido como tal.

Era bom que ele se lembrasse daquilo.

BEM MAIS tarde, naquela mesma noite, todos os investidores já haviam se retirado, e Cayo não conseguia dormir.

Ele zanzou pelo quarto e acabou indo até o terraço, com uma vista privilegiada de Milão, embora não conseguisse enxergar nada além de Drusilla à sua frente.

Monstro o pensou, mais uma vez. *Ela acha que você é um monstro.*

Ele não conseguia parar de repassar em sua mente os acontecimentos dos últimos dias e dificilmente reconhecia a si mesmo em suas lembranças. Onde estava o seu famoso autocontrole que fazia os titãs da indústria se acovardarem à sua frente? Onde estava à frieza que sempre o guiara e que havia feito com que mais de um adversário o acusasse de ser uma máquina e não um homem? Por que se sentia tão abalado com o pedido de demissão de uma assistente a ponto de tê-la arrastado consigo por toda Europa?

Tudo estava acontecendo exatamente como o seu avô havia previsto há tanto tempo, pensou ele, enquanto a lembrança há tanto esquecida, voltava à tona, contra a sua vontade, ainda carregada de toda a tristeza e dor de sua juventude. Ele se flagrou voltando no tempo, retornando ao lugar de que menos gostava: a casa de sua infância, o lugar onde havia nascido e que deixara, 18 anos depois, para sempre.

Todo o povoado já previra que ele não seria nada na vida. Era filho de uma prostituta abandonada que se vira obrigada a passar o restante de seus dias em

um convento, como penitência. Ninguém se surpreenderia se a vida dele tivesse seguido o mesmo caminho.

Na verdade, aquilo era tudo o que esperavam dele, seu destino, como acreditava toda a cidadela, inclusive seu avô.

Apesar de tudo, Cayo se esforçara muito para fazer diferente. Seus lábios se curvaram ao lembrar-se daqueles anos vazios, sem fruto algum.

Quisera tanto encontrar o seu lugar naquele mundo, desde que compreendera ainda menino, que não tinha nenhum. Obedecia ao seu avô, em tudo, e era excelente aluno.

Trabalhara incansavelmente na pequena loja da família, sem reclamar, enquanto os outros meninos da sua idade se divertiam despreocupados. Nunca brigava com aqueles que o xingavam – ao menos nunca fora pego. Fizera o melhor que pudera para provar, com unhas e dentes, que ele não era merecedor dos insultos de que havia sido alvo desde que nascera. Queria mostrar a eles que não tinha culpa do que acontecera. Que pertencia ao povoado, à sua família, apesar do modo como fora parar lá.

A antiga frustração ameaçou voltar a tomá-lo de assalto.

Sem conseguir, é claro. Para tanto, seria preciso que Cayo tivesse um coração, e ele havia se virado muito bem sem um, por mais de vinte anos. Deliberadamente.

– Eu cumpri o meu dever – dissera o avô na manhã do décimo oitavo aniversário do neto, quase antes de Cayo ter despertado por completo, como se não pudesse mais esperar nem um segundo sequer, tão pesado era o fardo que vinha carregando por todos aqueles anos. – Mas agora você é um homem e deve suportar o peso da vergonha de sua mãe nas próprias costas.

Cayo se lembrou da expressão no rosto pétreo de seu avô, tão parecida com a sua. Aquela fora a primeira vez em que ele vira o velho parecer algo próximo de feliz.

– Mas, *abuelo*… – começara ele a dizer, tentando argumentar em seu favor.

– Você não é meu neto – dissera o velho, com aquela terrível fatalidade em seu tom de voz. – Eu fiz o que devia por você, e agora lavo as minhas mãos. Nunca mais me chame de *abuelo*.

E Cayo nunca mais o fizera. Não quando ganhara o seu primeiro milhão, nem quando comprara todas as propriedades daquela cidadezinha esquecida por Deus, cada casa, cada terreno, cada loja e cada prédio, ao completar 27 anos. Nem mesmo quando se vira diante do leito de morte do velho no hospital, e assistiu, impassivelmente, ao homem que o havia criado, se é que se podia chamar aquilo de criação, dar o último suspiro.

Não houvera nenhuma reconciliação nem arrependimento, ou revelação de última hora. Tudo ocorrera três anos atrás. Cayo tinha 33 anos, e já havia multiplicado os seus milhões inúmeras vezes.

– Você, não! – dissera o seu avô, olhando para Cayo, com horror. Quinze anos haviam se passado. – *Ay dios mio!*

– Eu – confirmara Cayo, friamente.

O velho havia se benzido com as mãos trêmulas, tortas por causa da artrite. Cayo não movera um músculo sequer.

– Você tem o diabo no corpo – praguejara aquele homem em cujas veias corriam o mesmo sangue de Cayo. – Ele sempre esteve dentro de você.

– Eu peço desculpas – dissera Cayo, secamente, quase despreocupado. – Eu era o seu dever, naquela época, e agora, pareço ser a sua maldição.

Como se tivesse concordado, o velho não disse mais nada. Apenas se benzeu outra vez, e pouco depois se foi.

Cayo não sentira absolutamente nada.

Não havia mais se permitido sentir coisa alguma desde que deixara aquela cidade, em seu décimo oitavo aniversário.

Tinha olhado para trás naquele dia e sofrido pelo que acreditara ter perdido. *Sentira-se* traído, descartado.

Tudo o que um homem fraco, um menino, sentia. Quando finalmente se refizera, aceitara o fato de que sempre estivera sozinho na vida e decidira que jamais voltaria a sê-lo, bloqueando a patética parte de si que ainda se atinha àqueles *sentimentos* contra producentes.

Ele havia deixado o seu coração na cidade montanhosa de sua juventude, e nunca se arrependera disso, nem se dera conta de sua falta.

Por isso não sentira nada quando adentrara o hall onde Drusilla aguardava por ele, com a expressão cuidadosamente neutra como era esperado de uma assistente pessoal bem paga para não esboçar reação alguma.

Não sentira nada durante o longo percurso de volta ao hotel em Cádiz, por entre as montanhas, em direção à Costa de La Luz, como uma viagem por suas lembranças. Não sentira nada pelo restante daquela longa noite, embora a *manzanilla* tivesse soltado a sua língua, e mais tarde o tivesse feito beijar Drusilla, contra uma parede, em uma calçada estreita da cidade antiga, erguendo-a contra si de modo que ela enroscasse as pernas em torno dos seus quadris, mergulhando no mel quente da boca de Dru, e de seu beijo.

Não sentira absolutamente nada.

Os lábios dela o haviam encantado, fartos e escorregadios sob os seus, bem como aquelas curvas sensuais deslizando contra ele. Cayo se excitou outra vez só de lembrar a cena, como se ainda estivesse naquela rua escura, há três anos, e não em uma noite gelada, em Milão. Seu coração traiçoeiro, que ele supunha ter conseguido treinar para não perder o compasso, insistia em lhe fazer perguntas que ele não queria responder, fazendo-o *querer* intensa e profundamente, a ponto de aquilo parecer mesmo uma *necessidade*. Ele soltou um xingamento em espanhol e esfregou o rosto.

Qualquer que fosse a loucura que estivesse tomando conta dele, contra a sua vontade e para além de se autocontrole, ela teria que parar.

DRU ESTREMECEU quando o ar frio a atingiu, desejando ter vestido algo mais encorpado para dormir do que o pijama de seda, na cor champanhe, que o mordomo havia lhe providenciado, junto com o traje que ela havia usado no jantar. Já estava tentando dormir a horas, sem sucesso.

Por que concordara em trabalhar para Cayo por mais duas semanas, como ele havia solicitado? Já fazia dois dias desde que ela voltara atrás, sem que tivesse encontrado a resposta. Pelo menos uma que não a fizesse se odiar ainda mais. Dru acabou desistindo de tentar dormir e decidiu tomar um ar fresco.

Lá fora, a noite estava úmida. A escuridão era profunda, e as luzes da cidade piscavam suavemente ao redor. Aquilo era lindo, como tudo o que Cayo tocava tudo o que fazia. Como o próprio Cayo. E tão frio quanto, também.

Ela havia ficado porque aquela era a solução mais rápida e fácil, ou pelo menos assim dissera a si mesma, nos últimos dois dias.

O que eram duas semanas, afinal? Aquilo passaria voando, e então tudo estaria terminado.

Por um lado, estava aliviada, como se Cayo pudesse recuperar o bom senso e vir a se redimir... Ela se desesperou com a fé que tinha nele. Como podia confiar que teria força suficiente para deixá-lo em duas semanas quando falhara tão espetacularmente naquele quesito até agora?

– Se você se jogar de uma altura como essa, descobrirá que a Piazza Del La República não amortecerá a sua queda do mesmo modo como o mar Adriático – disse Cayo, em meio às sombras, fazendo Dru se sobressaltar.

Ela bateu no peito como se pudesse forçar o seu coração a parar de bater daquele jeito, tomado de pânico.

Ele estava impossivelmente sexy. Usava apenas um robe de seda que ele não havia se preocupado em fechar por cima de uma cueca preta justa, apertada na altura das coxas, fazendo-o parecer um misto deslumbrante de rei e modelo de lingerie. A boca de Dru secou. Uma coisa era encará-lo usando seus ternos de grife. Outra, quando usava trajes casuais que enfatizavam a sua graça atlética e masculina. Mas aquilo...

Aquilo era praticamente um sonho se tornando realidade. O *seu*, ao menos.

Subitamente, Dru teve consciência de como o pijama de seda acariciava a sua pele a cada respiração, e que se sentia mais nua do que se estivesse efetivamente sem roupa. Sentiu um calor se instalar e passear por todo seu corpo, como um toque.

Não importava o quanto estivesse zangada com ele, nem o quão tola ou traída se sentisse.

– Eu não sabia que você estava aqui fora – disse ela, percebendo um leve tremor na voz que a denunciou.

Aquilo só fez chamar ainda mais atenção sobre os sentimentos que ela não queria admitir para si mesma e muito menos para ele. Como se derretia por Cayo, mesmo agora. Como latejava em todos os lugares que desejava ser tocada por aquelas mãos quentes e por aquela boca inebriante. Seus lábios, seus seios. E aquela fome entre suas coxas.

Era como se a escuridão, ou o adiantado da hora, não lhe permitisse mais mentir para si mesma.

Ele inclinou a cabeça muito levemente ao se aproximar, avaliando o rosto dela. Estivera mais frio e distante que o habitual durante o jantar, fazendo com que Dru se questionasse verdadeiramente quanto à sua sanidade mental e seu amor-próprio ao se flagrar *preocupada* com ele.

Não era de surpreender que ela não conseguisse dormir.

– Aqui estamos nós, outra vez, em meio à escuridão – disse ele.

Seu rosto parecia ainda mais feroz em meio às sombras, iluminado apenas pela luz que vinha de dentro da casa, mas o âmbar intenso dos olhos parecia chamuscar a sua pele.

Dru sentiu as palavras dele ressoarem nela, provocando uma dor intensa diante da ideia de que algum dia realmente deixaria aquele homem e teria que sobreviver sem ele.

– Eu não tive a intenção de perturbá-lo, Senhor Vila.

Lágrimas de raiva e exaustão inundaram os olhos dela, deixando-a envergonhada e enfurecida. Ela piscou repetidas vezes para contê-las, desviando o olhar do dele.

Cayo estendeu a mão e tocou o braço dela, com sua mão firme e quente. Dru congelou, temendo encará-lo e correr o risco de ele ver toda a confusão, atração e mágoa que ela tão desesperadamente tentava esconder. Em vez disso, ela fingiu estar profundamente interessada em seu rabo de cavalo, passando as mãos por ele, nervosamente.

Ele, porém, fechou os seus dedos em torno do cabelo dela, inclinando a cabeça de Dru para que ela o encarasse antes de soltá-lo.

A doçura daquele gesto tirou o fôlego dela. Talvez aquilo não passasse de mais um de seus sonhos com Cayo, dos quais ela despertava em pânico, em sua minúscula quitinete, arfante e frustrada.

– Diga-me – falou ele, com uma voz grave, porém muito poderosa, fazendo a resolução dela vacilar. – Por que você realmente quer me deixar?

Cayo não havia jogado nada na sua cara, mas perguntara-lhe o que a fizera olhar para ele como se naquele lugar, na calada da noite, ele pudesse se aproximar o suficiente do homem que ela acreditava que ele fosse a ponto de ela poder lhe contar ao menos parte da verdade.

Mas ela piscou novamente, e o calor nos olhos de Cayo fez com que ela se lembrasse de quem ele realmente era.

– Por que está tão determinado a me fazer ficar – perguntou ela – se nem mesmo acredita que eu tenho capacidade de fazer outra coisa que não ser sua assistente.

A boca dura dele se moveu, embora não se tratasse de um sorriso.

– Algumas pessoas seriam capazes de matar por esse privilégio.

Ele estava perto demais, e a poesia puramente masculina de seu belo torso nu, *logo ali*, aparentemente imune ao frio, estava desviando sua atenção.

O fato de sua reação a ele continuar tão intensa quanto fora há três anos à fez estremecer, como se o seu corpo não pudesse mais fingir que Cayo não a afetava.

– Suponho que esteja me punindo.

Dru avaliou o rosto dele com o coração na boca, ao ver apenas o que sempre via, e nada mais. Aquela expressão implacável e beleza feroz. Tão inalcançável quanto às estrelas no alto, ocultadas pelas nuvens.

Ele franziu a testa.

– Por que eu a puniria?

Dru sentiu as suas sobrancelhas se arquearem de incredulidade.

– Cádiz, é claro.

Cayo soltou um som impaciente.

– Nós certamente temos questões suficientes e não precisamos recorrer a fantasmas – disse ele, com aquela nota estranha em sua voz outra vez.

Como se ele mesmo também não acreditasse em si.

– Um único fantasma – lembrou-a, sem desviar o seu olhar do dele. – Foi apenas um beijo, não foi o que nos dissemos? E mesmo assim você ainda me pune por isso.

– Não diga absurdos.

– Você me pune – repetiu ela, firmemente, apesar da rouquidão em sua voz. – E foi você quem começou tudo.

Ele fizera bem mais que isso. Havia ateado fogo a ambos. Passara o braço em torno dela, zonza depois de tantas *tortitas de camaronês*, *calamares en su tinta* e xerez espanhol, e aquela inebriante descoberta, depois de trabalhar dois

anos para Cayo, de que havia algo nele que ia além de suas demandas implacáveis e seu estilo agressivo de fazer negócios. Ela sentira o cheiro do seu perfume e do couro que ele estava usando e percebera o calor que emanava da pele dele, sob as suas roupas, tonta com a combinação. Estava comovida por aquela cena de cortar o coração que ele enfrentara com o avô. Compadecera-se tanto pelo que havia acontecido quanto pelo que aquilo tinha causado a ele. Cayo *conversara* com ela naquela noite, como se ambos fossem mais do que os papéis que representavam.

Aquilo fora mágico.

E então Cayo a pressionara contra a parede mais próxima, e Dru parecera *explodir* junto a ela, como se estivesse esperando exatamente por aquele momento.

Cayo murmurara algumas palavras que ela não compreendera, e sua boca se apossara da dela, exigente, como tudo o mais que ele fazia. Dru havia sido consumida por um misto de fogo e desejo, e ela se perdeu em meio àquela tempestade, flagrando-se enroscada nele, com as pernas em torno dos seus quadris, enquanto ele pressionava o corpo maravilhoso contra o dela, enquanto sua boca exigia a dela outra e outra vez... Aquilo a mantivera desperta durante noites a fio. E ainda mantinha.

– Não há punição alguma.

A voz grave de Cayo trouxe Dru de volta ao presente.

Os olhos espertos dele procuraram os dela, como se pudessem enxergar as suas lembranças, como se soubesse exatamente o que aquilo havia provocado nela, mesmo depois de três anos.

Como se ele sentisse o mesmo calor, o mesmo desejo.

Como se Cayo também desejasse que eles não tivessem sido interrompidos.

O grupo de estrangeiros que gargalhava mais adiante, na calçada, se aproximara. Ele a colocara de pé novamente, de modo gentil. Quase gentilmente demais. Eles olharam um para o outro, ambos respirando com dificuldade, e zonzos, antes de retomar o caminho para o hotel, onde se separaram no corredor, do lado de fora de seus respectivos quartos, sem dizer uma palavra.

E nunca mais voltaram a discutir o assunto.

– Então por quê...?

Ele passou a mão pelo cabelo dela.

– Eu não queria que você fosse embora – disse Cayo, com a voz abafada. – Não havia nenhum motivo subliminar. Eu lhe disse; não gosto de dividir o que é meu. – Ele suspirou. – Você é parte integral do que eu faço, e, certamente, sabe disso.

Dru balançou a cabeça, incapaz de processar aquilo.

Cayo estava falando de trabalho, a lembrou a si mesma, ferozmente, apesar de ele olhar para ela com aquele calor em seus olhos cor de âmbar. Não existia nada mais para ele, além disso.

E aquilo doía.

– Do que você tem tanto medo? – perguntou ela, antes de se perguntar se queria mesmo ouvir a resposta. – Por que não pode admitir o que fez?

Ele a olhou com uma expressão muito grave por um momento. A cidade estava tão silenciosa que parecia existir somente eles dois no mundo. Dru se flagrou mordiscando o lábio inferior.

Daquela vez, ele usou as costas da mão para acariciar o rosto dela, delicada e muito levemente, chamuscando-a com um leve beijo, até a respiração seguinte de Dru soar como um soluço.

– Você está fria – disse ele outra vez, naquela voz abafada.

Era verdade, ela estava gelada e tremendo incontrolavelmente.

Se ele queria pensar que aquilo se devia ao frio, ela não o contestaria.

– Vá dormir um pouco – ordenou Cayo, com os olhos escuros e a boca sombria.

Ele a deixou lá, trêmula e à beira das lágrimas, sem conseguir compreender o que estava acontecendo e com a cabeça girando tão loucamente quanto em Cádiz, quase como se ela tivesse sonhado tudo aquilo.

Quase.

CAPÍTULO CINCO

CAYO TOMOU seu expresso, tão negro e forte quanto o seu humor, e olhou para Drusilla por sobre a borda de sua xícara quando ela apareceu para o café da manhã, no dia seguinte.

Ele havia passado o restante da noite às voltas com os fantasmas do passado.

Agora, sob a luz brilhante da manhã, Drusilla parecia novamente à profissional impecável de sempre, o que Cayo achou profundamente irritante. A mulher que ele não havia conseguido deixar de tocar no terraço, em meio à escuridão, desaparecera, com seu cabelo livre daquele eterno coque, caindo macio sobre os seus ombros, envolta em seda, como um presente docemente perfumado, como se tudo não tivesse passado de um sonho.

Mas ele a queria, mesmo assim. Quisera-a então e ainda queria agora, como quer que ela se apresentasse.

– Nós vamos para Bora Bora – anunciou Cayo, sem preâmbulos. – Peça que o mordomo nos providencie o guarda-roupa apropriado.

Poderia ter entrado em pânico, pensou ele, com certo humor negro, se soubesse como fazê-lo. Como jamais havia experimentado algo tão confuso, Cayo apenas a observou caminhar na sua direção e disse a si mesmo que o desejo que latejava dentro dele não passava de indignação. Falta de sono. Qualquer coisa menos aquilo de que realmente se tratava.

Dru se deteve, antes de se acomodar graciosamente no assento oposto ao dele, junto à mesinha próxima à janela, onde ele havia tomado o seu café da manhã. Cayo viu uma infinidade de emoções que não conseguiu identificar atravessar o rosto dela em um único instante, antes de Dru encobri-la sob sua costumeira neutralidade.

Aquilo também o aborreceu.

– Aconteceu alguma coisa no Vila Resort que necessite de sua atenção pessoal? – perguntou ela, inabalável, como se na noite passada não tivesse soado tão mobilizada.

Como se não tivesse falado com Cayo como se ele fosse o culpado de todo o seu desespero. Como se ele não a tivesse tocado como se ela fosse frágil, até mesmo preciosa.

Do que você tem tanto medo? Ele a ouviu perguntar outra vez, sentindo-se partir em dois.

– O hotel faz parte da Vila Group – respondeu ele, em tom nada civilizado. – E por isso requer a minha atenção pessoal.

Os olhos excessivamente irônicos de Dru encontraram os dele, e se mantiveram assim por algum tempo, até baixarem novamente em direção ao tablet que ela havia pousado sobre a mesa. Sorriu quando lhe foi oferecido um chá, mas dispensou a comida e, por alguma razão, o silêncio dela pareceu uma censura a Cayo.

– Nós vamos partir esta noite – disse ele, ainda tenso, porém bem mais educado que antes. Cayo não sabia por que estava reagindo timidamente, em vez de tomá-la em seus braços e dar vazão a toda àquela tensão sexual de uma vez por todas, como teria preferido. Não importava o que ela pensava dele, ou mesmo o que ele pensava de si mesmo. – Considere isso como um presente meu pelos seus anos de serviços prestados, se achar necessário.

Algo cintilou no olhar dela novamente, e então desapareceu por trás daquele muro de calma do qual Cayo estava descobrindo gostar cada vez menos. Ele se perguntou se ela estava tendo tanta dificuldade de manter aquele verniz cortês e profissional como ele de manter as suas mãos longe dela.

Ele duvidava.

– Esse "presente" será parte integrante das minhas duas últimas semanas? – perguntou ela, em um tom leve, mas com uma expressão de aço nos olhos. – Porque é esse o tempo de que dispõe Senhor Vila, independentemente do que tenha escolhido fazer com ele.

– Você disse que queria ir para lá – lembrou Cayo, furioso por ela não aceitar o que ele estava relutando em admitir ser uma proposta de paz.

Algo no modo como ela havia lhe olhado, na noite anterior, tinha se infiltrado, fundo, na pele dele.

– É verdade – concordou ela, suavemente. – Mas eu nunca disse que queria ir para lá com você.

Ele não precisava tomar aquilo como uma ofensa, pensou Cayo. Afinal, ela só estava sendo franca. Ele já sabia o que Dru pensava a seu respeito. Não deveria estar surpreso, se era esse o nome daquele sentimento estranho.

– A vida é toda feita de compromissos – disse Cayo, com um sotaque mais pronunciado do que deveria.

– Verdade? – perguntou Dru. Os olhos dele procuraram os dela, que pareceu entre divertida e genuinamente confusa, o que só fez piorar as coisas. – Como você sabe?

Cayo afastou o restante de seu expresso e chegou à conclusão de que estava cansado, nada mais. Não havia nenhuma razão mais profunda para o que estava acontecendo. Ele não tinha conseguido dormir. Era por isso que estava tão confuso.

– Acho difícil acompanhar todas as suas acusações – disse ele, secamente. – Você acha que eu sou um sociopata, mas na noite passada disse-me também que eu tinha medo. Hoje, já sou uma pessoa não familiarizada com compromissos. Antes, eu era um Godzilla, não é verdade? – Ele ficou fascinado pelo rubor que tingiu o rosto de Dru, e igualmente intrigado pelo modo como ela ajeitou os ombros, quase que se preparando para o ataque. – Acho que captei a sua opinião, Srta. Bennett. Eu sou um monstro sem igual.

Monstro. Aquela era apenas uma palavra, disse a si mesmo, enquanto ela ecoava fundo, dentro dele, fazendo-o se lembrar daquela cidadela nas montanhas da Espanha e do prazer perverso de seu avô em seu décimo oitavo aniversário.

É apenas uma palavra. Não significa nada.

– Você é um homem que supõe que sua vontade lhe permite fazer o que bem entende – disse Drusilla, lentamente, como se estivesse considerando cada palavra cuidadosamente. – Você não mede as conseqüências do que faz.

Ela se serviu de um pouco de chá, olhou rapidamente para ele e então voltou a desviar o olhar.

Cayo quis tocá-la com uma fúria renovada, tamanho foi o seu desejo de sentir a pele dela contra a sua, de tomar aquela boca e torná-la sua. Deitá-la sobre a superfície lisa mais próxima e se perder dentro dela, finalmente.

Mas ele não fez nada daquilo, agarrando-se ao seu autocontrole outra vez.

– É claro que não – disse ele, friamente, como se não houvesse tensão alguma entre eles, nem desejo, ou *necessidade*. Estendeu a mão na direção do *Financial Times*, dobrado ao lado de seu prato, e disse a si mesmo que a estava dispensando como sempre fizera antes, sem pensar. – É para isso que eu lhe pago.

AQUELA FOI uma viagem muito longa.

Eu não queria que você fosse embora, dissera ele.

Dru não conseguia deixar de repassar aquilo em sua mente, repetidas vezes. Havia cuidado das malas, do envio das roupas apropriadas para Cayo e de sua própria apressada seleção de alguns itens. Enviara, ainda, uma série de e-mails e fizera uma série de ligações, desempenhando suas habituais tarefas.

Mas ela não conseguia tirar a noite passada de sua mente. O ar gelado, a escuridão e a mão macia dele em seu rosto. Aquela tempestade estampada no olhar dele a abalara também. E ainda abalava.

Por que aquelas poucas palavras e alguns toques a afetaram tanto? Por que tudo lhe parecia diferente, se nada aparentemente havia mudado?

Eles embarcaram em um dos jatos de Cayo em Milão, tarde da noite, e Dru se encaminhou para o quarto que costumava utilizar.

Ela se esparramou na cama e tentou não sucumbir ao turbilhão de emoções que a agitava, pensando nas duas semanas que ainda teria pela frente.

Quando acordou, algumas horas depois, eles simplesmente retomaram o trabalho, como se estivessem em um dos escritórios da Vila Group em Londres, e não em um avião, atravessando continentes. Ela permaneceu sentada ao lado dele, na área reservada aos negócios, cuidando das ligações e lidando com os diferentes detalhes referentes a cada uma delas. Atendia às diversas pessoas que ligavam, alertando-os do humor instável de Cayo e sugerindo diferentes modos de combatê-lo.

– Estou cansado dos joguinhos dele – disse Cayo, a certa altura, referindo-se a um dos membros do conselho. – Quero acabar com ele.

– É uma alternativa – falou Dru, afastando uma pilha de documentos da frente dele e substituindo-a por uma ainda maior. – Outra poderia ser simplesmente isolá-lo, como você fez com o projeto da Argentina. Com quem ele poderá seguir jogando?

Cayo a olhou por um momento, com uma expressão de aprovação no olhar que não deveria ter agradado tanto a Dru.

– Com quem, não é? – perguntou ele, suavemente.

Ela cuidava para que o café dele estivesse sempre quente e do seu gosto, e insistia para que comesse alguma coisa mais substancial, depois de certo tempo servindo-lhe uma refeição ali mesmo, quando se recusava a se afastar do trabalho durante aqueles vôos. Ao notar que a voz de Cayo assumia um tom cada vez mais irritado, sugeria calmamente que ele se retirasse para a suíte máster, a fim de recarregar as baterias. Mantinha-se sempre à frente dos planos de viagem também, assegurando-se de que não houvesse nenhum inconveniente, independente do país em que estivesse, ou do que estivesse fazendo.

Algo, porém, havia mudado naquela noite. Até mesmo o ar entre eles parecia eletrizado, carregado. A mão dela roçou a dele e ambos congelaram. Dru desviou os olhos de seu tablet e o flagrou olhando para ela, com uma expressão pensativa naqueles olhos cujo brilho ela não reconheceu, mas, efetivamente, *sentiu*, em seus seios, em seu ventre. Em seus membros excessivamente pesados, hoje, e na sua respiração que ela não conseguia regularizar.

Aquilo a deixou excitada e trêmula, excessivamente *consciente* da presença dele. Aquilo a fez querer novamente o que ela jamais poderia ter.

Já haviam se passado cerca de 17 das quase 24 horas previstas para a viagem, acrescidas ainda das paradas para reabastecer, sendo que eles trabalharam durante nove delas. Aquilo nem chegava à metade de um dia habitual de trabalho, nos padrões de Cayo. Eles fizeram uma pausa, sentando-se na área comum no avião. Dru tomou água e soube que não deveria perguntar por que ele a estava olhando com aquele novo brilho desconcertante nos olhos, como se nunca a tivesse visto antes. Como se aquela estranha conversa que mais parecera um sonho, no terraço de Milão, realmente tivesse alterado algo fundamental entre eles.

– Por que Bora Bora? – perguntou Cayo.

Dru rolou a garrafa entre as palmas.

– E por que *não*? – perguntou ela, levemente. – Se há algo que aprendi trabalhando com você, foi exigir o melhor em tudo.

– É verdade. – Alguns fogos espocaram entre eles e, por um momento, Dru não conseguiu desviar o seu olhar do dele. Seus lábios, então, se curvaram em uma espécie de sorriso duro, irônico e levemente divertido. – Fico deleitado em descobrir que você leva a indolência tão a sério quanto todo o restante.

– Talvez tudo o que eu queira da vida seja me sentar sob uma palmeira e olhar para o mar – disse ela, embora a simples ideia a enervasse.

– E ter tudo servido em uma bandeja de prata? – perguntou ele, com um tom de voz que ela não conseguiu decifrar.

Dru pensou nas cinzas de Dominic guardadas na lata que fazia às vezes de urna, no centro de sua estante, em Londres, e nas promessas que ela fizera a ele e a si mesma. Que o lançaria ao vento e na água. O mínimo que ela podia fazer era honrar o homem que ele poderia ter sido, caso tivesse feito escolhas diferentes, ou tivesse sido mais forte na luta contra os próprios demônios.

Ela sabia que também precisava de um encerramento. Uma cerimônia. Uma despedida definitiva.

– Mais ou menos isso – disse ela, sem cruzar o olhar com o de Cayo.

Dru, porém, sabia que ele não havia acreditado nela, a julgar pelo modo como ele se remexeu em seu assento e o jeito que afastou o cabelo da testa.

– Que debochada.

Aquilo fora uma provocação e a atingira em cheio, embora ela devesse estar imune a ele.

– Deixo este tipo de coisa para o senhor, Senhor Vila – retrucou ela.

Tudo pareceu se contrair. Não havia mais ar nem som algum. Dru experimentou uma sensação de pânico, temendo que o avião estivesse caindo, mas ao ver que Cayo não havia movido um único músculo concluiu que aquilo só estava acontecendo em sua cabeça. Ela sentiu o coração bater forte dentro do peito, e então desacelerar, sem conseguir desviar o olhar do dele, daquela boca dura que ela não podia fingir que não desejava e daquela perigosa luz nos olhos dele ao olhar-lhe.

– Isso é um desafio, Srta. Bennett? – perguntou ele, suavemente, aquela voz correndo por ela, transformando toda aquela necessidade em um desejo insistente e doce, ardendo dentro de Dru. A boca cruel dele se curvou em um sorriso duro que ela sentiu como uma carícia. – Vou me esforçar para corresponder às suas fantasias.

Dru percebeu que havia enrubescido. Será que ele sabia o que a mantinha desperta... O que a atormentava, o que ela podia ver com excessiva clareza agora... Aquela deliciosa fusão do que havia acontecido em Cádiz e no iate e o que ela imaginava que viria depois...

– Mas antes – prosseguiu Cayo, naquele tom mavioso, extremamente perigoso, estreitando o seu olhar no dela –, vamos fechar o acordo com Taiwan.

Dru se sentiu esvaziada e um pouco zonza com a mudança de fuso horário e também com os efeitos de sua própria e excessiva imaginação, quando eles, finalmente, chegaram ao que ela supôs ser Bora Bora. Poderia, contudo, ser qualquer outro lugar do mundo, tendo em vista a intensa escuridão.

O helicóptero que eles pegaram depois de chegar ao Taiti pousou em um pequeno campo de pouso, iluminado por tochas altas.

A noite estava quente e abafada.

Ela sentiu o cheiro do mar e da selva. O perfume doce das flores pairava no ar, e ela teve que conter uma arfada ao ver o brilho das estrelas que lotavam o céu, quando inclinou a cabeça para ver o helicóptero se afastar.

– Venha – ordenou-lhe Cayo, impaciente, caminhando a passos largos.

Alguns carregadores surgiram em meio à escuridão para pegar as malas, e Dru seguiu Cayo em direção a um passadiço de madeira, iluminado por mais tochas e margeado de muito verde.

Cayo se deteve diante de uma grande casa, com tetos altos e arqueados e amplas janelas abertas que se estendiam pelas paredes, exibindo venezianas puxadas e vistas desobstruídas.

E do outro lado da passagem havia água.

Nada além de água escura batendo suavemente contra a praia à distância e algumas luzes fracas. A aurora se aproximava azulando a noite negra. Dru conseguiu divisar uma montanha na ilha, do outro lado.

– Esse é o casarão – disse Cayo, aproximando-se dele, com o rosto suavizado pela suave escuridão tropical.

As luzes das tochas envolviam a ambos em um halo de luz dourada, fazendo com que eles parecessem ainda mais próximos um do outro, como se não houvesse nada mais no mundo além deles, em meio a toda aquela exuberância.

– Não sei por que alguém deixaria um lugar como este. Só mesmo não tendo imaginação alguma.

Subitamente, ele estava perto demais, embora ela não o tivesse visto se mover. Seus ombros largos e seu peito amplo a impediam de respirar, ou fazer qualquer outra coisa que não se perder no perigoso âmbar do olhar dele.

O pulso dela enlouqueceu. Sua boca ficou seca, e ela sentiu aquele desejo intenso latejar entre as pernas.

O olhar duro dele se chocou violentamente contra o de Dru, como se ele tivesse a intenção de prendê-la ali, com a sua força, e, com efeito, ela não conseguiu se mover.

– Não fale comigo como se eu fosse mais um daqueles investidores – disse ele, quase raivosamente. – Não espere que eu dance conforme a sua música simplesmente porque se deu ao trabalho de conversar um pouco comigo.

Ele estava certo, Dru fazia exatamente aquilo e odiou que ele o tivesse percebido com tanta clareza.

Sempre pensara que queria que ele a enxergasse, mas a verdade era que aquilo a aterrorizava. Era ela quem tinha como função decifrá-lo, não o contrário!

– Desculpe-me – mordeu ela. – Não voltarei a tecer comentários sobre a sua falta de imaginação.

Cayo silenciou. Apenas estendeu a mão e passou o polegar pelos lábios dela, testando a sua forma. Aquele não foi um toque suave de um amante, mas um gesto forte e inegavelmente sexual. Se aquilo não fosse impensável, Dru diria que ele estava marcando terreno, marcando-a com seu toque, como quem marca seu gado ou estampa um logo em um produto.

Ela deveria ter afastado a mão dele, mas em vez disso sentiu-se queimar por dentro, longa, lenta e profundamente.

Como sempre ardia e continuaria ardendo por ele.

– Acredite – disse ele, com uma voz ao mesmo tempo muito suave e muito exigente. – Minha imaginação está mais vívida a cada minuto.

Os lábios de Dru pareciam em brasa, e ela pôde sentir o toque dele por todo o seu corpo, correndo pelas suas veias, mesmo depois de ele ter baixado a mão e se afastado. O coração de Dru não parou de bater freneticamente. Sua boca ainda estava muito seca e havia um nó em sua barriga. Sentia-o por toda parte, e por um longo momento tudo o que ele fez foi olhar-lhe, impassível, com seus olhos intensos e astutos e aquela boca cruel.

Cayo se virou a fim de cumprimentar o homem sorridente que o havia abordado, de dentro do casarão. Seu olhar estava indecifrável ao se voltar novamente para ela.

Eu não queria que você fosse embora, dissera ele no terraço, em Milão. Aquela frase ainda ressoava dentro dela.

Ela queria muito que aquilo significasse alguma coisa.

Ainda podia sentir o toque dele deslizando por ela, tornando-a tão sua como se tivesse tatuado o nome dele em sua pele com a mais negra das tintas.

Você está cansada e transtornada, disse ela a si mesma, lutando contra o calor que pareceu inundar os seus olhos. *Tudo será diferente pela manhã. Tem de ser.*

– Você parece exausta – disse Cayo, correndo os olhos pelo rosto dela, dando-lhe a impressão de que podia ler seus pensamentos. Depois fez um meneio de cabeça, como se tivesse chegado a alguma decisão. – Frederic lhe mostrará os seus aposentos.

E então foi embora, desaparecendo em meio à noite densa, deixando-a sozinha em sua tentativa de descobrir algum sentido naquilo que estava acontecendo.

Lutando contra emoções que ela não conseguia compreender, muito menos processar, Dru seguiu Frederic obedientemente pelo casarão. O teto era alto e abobadado e as paredes, revestidas da mesma madeira escura que ela havia visto do lado de fora. Os cômodos eram arejados e espaçosos, e em vez de janelas havia espaços talhados nas paredes a fim de deixar o paraíso adentrar por todos os lados.

Havia enfeites de cores vibrantes pendurados nas paredes, sofás baixos e convidativos em tons de magenta e creme, artefatos polinésios espalhados pelas estantes embutidas e flores gloriosas sobre mesas ornamentais. Ela seguiu Frederic para fora outra vez, e então prosseguiu com ele ao longo de um caminho bem mais curto que os conduziu através de um bangalô a um píer particular. Lá, também, as paredes estavam todas abertas para a noite, permitindo que a mais suave de todas as brisas entrasse na suíte.

Tudo o que queria era se desfazer em lágrimas que, ela sabia, estavam à sua espera, e chorar até não conseguir sentir mais nada.

Com um sorriso, Frederic lhe mostrou o piso de vidro escondido por um tapete na sala de estar.

– De dia – prometeu ele –, você verá muitos peixes. Até mesmo tartarugas.

– Obrigada – sussurrou ela, reunindo forças para sorrir.

– Agora durma – disse o homem, gentilmente. – Tudo ficará melhor depois que você dormir.

Como ela queria acreditar nele.

Tudo lhe parecia excessivo incômodo. Sua própria cabeça, aquele lugar e Cayo, são claro. Principalmente. Tudo parecia impossível e doloroso. Tudo machucava e doía. Ela seguiu em direção à cama com dossel e olhou para a luz alaranjada que se insinuava por trás da montanha a distância. O dia já ia raiar.

Ela estava no paraíso, acompanhada pelo demônio, e ardia por ele como se já tivesse se apaixonado. Talvez fosse por isso que tudo havia doído tanto desde o início.

Dru secou a lágrima que rolou de seus olhos e todas as outras que se seguiram. Sentiu o seu rosto se contorcer e teve que se valer de reservas de ar que ela não sabia que tinha para conseguir respirar, enquanto lutava contra os soluços que a espreitavam e que seriam o seu fim.

Ela não podia ceder. Só precisava ser forte por mais algum tempo.

Oh, Dominic, pensou ela, ao se deitar, sem se preocupar em trocar de roupa. *Queria que você pudesse ver este lugar. É ainda mais bonito do que você imaginou.*

Seu último pensamento antes de adormecer foi sobre Cayo. A hipnotizante curva da boca dura e impossível. O toque da mão em meio à escuridão fria e úmida, tão quente contra a sua pele gelada. Aquele desejo insaciável que ardia cada vez mais intensamente dentro dela, a cada dia, por mais que ela tentasse negá-lo.

Um fogo que poderia destruí-la.

Ela sempre soubera disso. Aquela fora uma das principais razões de ela ter decidido deixá-lo.

CAPÍTULO SEIS

DRU ACORDOU banhada pelos raios de sol que entravam por todos os lados do quarto. Aquilo lhe pareceu uma espécie de bênção, afastando quaisquer sombras remanescentes da longa noite anterior. Ela se esticou languidamente sobre o colchão macio e disse a si mesma que agora estava bem. Completamente recuperada.

Ela se levantou da cama e trocou de roupa lentamente, escolhendo algo adequado para o clima abafado. Acabou optando por uma calça solta de linho e uma blusa preta de alcinhas e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo.

O resultado a pensou, franzindo a testa ao olhar para o próprio reflexo, *fora o mais próximo que ela poderia chegar de algo tropical e ao mesmo tempo profissional*. Calçou ainda um par de chinelos de dedo e saiu. Lá fora, a tarde estava perfeita.

Dru piscou por causa da claridade e avaliou os arredores.

Havia outro píer, um pouco mais afastado do seu bangalô, com pequenas embarcações atracadas na praia próxima. A água se estendia em todas as direções, naquele deslumbrante tom de turquesa, sob o seu bangalô, junto àquela que devia ser a mais famosa lagoa de Bora Bora.

Ela decidiu voltar ao casarão para comer alguma coisa e foi novamente tomada pela beleza daquilo que só havia registrado parcialmente na noite anterior.

Quando terminou de tomar o seu chá com torradas em um dos muitos terraços que davam para a água, ela ficou inquieta. Cayo não podia estar esperando que ela corresse para o trabalho depois de um vôo longo como aquele, a menos que o tivesse dito explicitamente, de modo que ela não se sentiu nem um pouco obrigada a procurá-lo imediatamente. Em vez disso, foi até o passadiço e seguiu por ele até chegar a um lugar cercado de palmeiras que se

agitavam acima dela e flores de cores vibrantes que floresciam gloriosamente de cada um dos lados do calçadão.

Ela ouviu os passarinhos cantando e as ondas batendo na praia. Não era de admirar que Dominic tivesse desejado que aquele fosse o local de seu descanso final.

O sol aquecia o seu rosto e a brisa acariciava a sua pele. Ela estava serena. Em paz.

Tudo que você precisava era de uma boa noite de sono, disse Dru a si mesma, com firmeza.

Assim que o casarão voltou a entrar no seu campo de visão, ela percebeu que havia toda uma região que ainda não tinha explorado. Foi só quando se deteve para vê-lo mais de perto que se deu conta de que aquilo que parecia uma ala em separado era, de fato, a suíte máster de Cayo.

As paredes vazadas permitiram que ela entrasse facilmente. O espaço era arejado, com toques masculinos, cores escuras e linhas clean, mas a peça central era a cama enorme que dominava o quarto. *Cayo dormiu aqui na noite passada*, sussurrou uma voz dentro dela. Ou talvez mais recentemente, já que a colcha branca estava afastada e os travesseiros, amassados.

Subitamente, Dru ficou toda quente. E então, novamente fria. Quase como se estivesse com febre.

Ela estendeu a mão e traçou o contorno do travesseiro mais próximo com a ponta de seu dedo, imaginando o seu corpo moreno nu contra os lençóis alvos. Dru sentiu seu corpo amolecer, enquanto as imagens corriam em sua mente...

Dru se deteve na porta do escritório todo equipado, vendo-o franzir a testa com a atenção voltada para seu laptop e o celular junto à orelha, como de costume. Seu cabelo estava despenteado, como se tivesse ficado horas passando os dedos pelos fios e ele não havia feito a barba. Aquilo fazia com que Cayo parecesse ainda mais intenso e sexy que o habitual. Imprevisível, irascível.

– Você não compreendeu – dizia ele num francês frio. – Não é uma questão de abrirmos ou não uma fábrica em Singapura. Suspeito, porém, que isso seja de grande importância para você. Talvez queira repensar a sua tática?

Ele brilhava sob a luz dourada do sol que raiava por trás dele. Parecia terrível e maravilhoso como os antigos deuses, perigosos e poderosos. A tempestade dentro dela voltou novamente à vida.

Cayo ergueu a cabeça e seus olhares se cruzaram. Ela sentiu um frio na barriga e parou de enganar a si mesma quanto à *serenidade* e *uma boa noite de sono*. Era como se ele estivesse dentro dela, provocando-a.

Ele a olhou como se ela estivesse nua e debaixo dele, e Dru não pôde deixar de desejar que aquilo fosse verdade, por mais que odiasse a si mesma por sua eterna fraqueza.

Cayo se recostou na cadeira, com os olhos fixos nos dela, ao terminar a ligação de maneira abrupta. Ele jogou o celular na mesa à sua frente e a olhou com os olhos castanhos dourados estreitados e astutos. Sua pele morena parecia ainda mais escura em contraste com a camisa solta que estava usando, fazendo com que fosse impossível não notar os seus braços musculosos e aquele peito perfeito. Os seios dela incharam e suas mãos ficaram úmidas.

Lá estava aquele desejo despertando para a vida em seu ventre.

– Henri ainda está lhe causando problemas? – perguntou ela, determinada a ignorar o que estava acontecendo com ela.

– Sim – respondeu Cayo, embora o modo como estivesse olhando para ela a fizesse supor que ele não estava pensando em Henri nem no projeto em Singapura. – Acho que ele já se convenceu de que eu não sou, de fato, o maior acionista no momento.

– Você já esperava por isso – lembrou Dru, passando o dedo pelo batente de madeira escura.

Sua textura levemente áspera fez com que ela ficasse ainda mais excitada, como se, na verdade, estivesse lhe tocando.

Cayo se inclinou sobre o braço da cadeira e apoiou o queixo na mão, olhando-a de um modo que a deixou ciente de que ele era um dos homens mais poderosos do mundo e ela era… Apenas a pessoa que havia tentado desafiá-lo.

– O que está achando de Bora Bora? Está correspondendo às suas expectativas?

Dru não estava conseguindo sustentar o olhar dele por mais de um segundo por vez, sem ter ideia do por que.

Era como se ele realmente a tivesse marcado na noite anterior, com aquele estranho e breve toque no escuro, e ela não soubesse mais como recuperar o equilíbrio. Não com ele à sua frente, como agora. Seus lábios formigaram com a lembrança.

– Eu não compreendo você – disse Dru.

– Isso não é exatamente novidade – respondeu ele, secamente. – Eu sou um homem simples, no fundo. Gosto do que gosto e pronto. – Sua boca dura havia se curvado e seus olhos dourados intensos brilhavam. – Quero o que quero.

Dru ignorou o modo como a voz dele baixou tão sugestivamente e as imagens que aquilo evocou na mente dela, fazendo as labaredas do desejo lamberem a sua pele.

– Você não vem aqui há anos. – Ela sabia que deveria se sentar junto a ele e fazer o seu trabalho adequadamente, mas não conseguia chegar tão perto assim. – Não desde que eu trabalho para você.

– A última vez foi há oito anos – concordou ele, emanando deliberadamente todo o seu poder na direção dela, enquanto *aguardava* –, quando comprei este lugar de um príncipe saudita.

Dru mordeu o lábio inferior. Parecia impossível ficar junto dele sem que toda aquela emoção se agitasse dentro dela.

– De que adianta possuir belas propriedades, se você nunca as visita? – Sua voz deveria ter soado casual e não tão… crua, ferida. – E agora que está aqui, pela primeira vez, depois de quase uma década, você está sentado em um escritório, trabalhando, movendo todo o seu poder e dinheiro como em um eterno jogo de xadrez.

Ele voltou a olhá-la com a mesma expressão da noite anterior, como se tivesse tomado uma decisão. Dru sentiu um arrepio lhe subir pelas costas quando Cayo se levantou e foi até ela.

Dru teve que lutar para permanecer quieta e não sair em disparada.

Ele se deteve a poucos centímetros dela e aquela sua boca cruel, brutalmente sensual e excessivamente perigosa se curvou levemente. Dru reagiu àquilo como se ele tivesse pressionado novamente a mão contra o seu rosto, como fizera em Milão, passando o polegar pela sua boca. Seu sangue se aqueceu nas veias e sua pele se retesou sobre o corpo, e quando ela estendeu a

mão na direção do batente da porta, outra vez, foi para se apoiar, pois suas pernas já não pareciam mais capazes de mantê-la de pé.

– Agradeço a sua preocupação – disse Cayo, naquela voz maviosa que provocava reações intensas na pele ultra-sensível dela. – É uma pena que você insista em me deixar. Nós poderíamos jogar xadrez com as minhas propriedades juntos.

– A ideia é adorável – respondeu ela, sem fazer o menor esforço para esconder a sua insinceridade –, mas eu sou péssima no xadrez.

– Acho difícil acreditar nisso. – Dru teve a sensação de que ele estava quase sorrindo. – Você está sempre ao menos seis lances à frente do adversário.

Ela teve a mais estranha sensação de déjà vu por um momento e então compreendeu que ele a estava tratando como a uma pessoa e não como sua funcionária. A última vez em que havia feito aquilo, ele a provocara exatamente daquela maneira. Eles tinham sorrido, contado histórias um ao outro, compartilhado histórias ao longo de pequenas refeições e taças de vinho um pouco maiores. Ou ao menos, fora o que ela pensara. Assim havia sido o longo jantar em Cádiz, antes do fatídico caminho de volta, e Dru não pôde conter o seu coração traiçoeiro e o modo como se desmanchara por ele novamente, como se não soubesse exatamente aonde momentos como aquele conduziriam.

– Eu não vim aqui para jogar – disse ela, em voz baixa, torcendo para que ele não ouvisse a irregularidade em sua voz. – Estou aqui para ser a sua assistente pessoal. A única alternativa que você me ofereceu foi ser o seu cachorro em uma coleira. É isso o que prefere?

O olhar dele se aqueceu, a ponto de ela quase não conseguir sustentá-lo, embora não tivesse desviado o olhar. A boca dele se contorceu. Dru lembrou, tarde demais, que estava muito perto de sua potente masculinidade, engolindo em seco.

– Se quiser ser o meu cachorrinho, terá que ficar junto a mim, se sentar, se *render* – provocou ele.

E o pior foi que ela quase obedeceu.

– Agradeço a oferta – sussurrou Dru, assim que conseguiu voltar a falar, embora mal conseguisse ouvir a própria voz –, mas eu passo.

Ela deveria ter se afastado, mas em vez disso permaneceu lá, paralisada. Enquanto isso Cayo cruzava a distância entre eles e estendia o braço por sobre a sua cabeça, para se apoiar contra o batente da porta e olhar diretamente para o rosto dela.

Dru voltou a pensar nos antigos deuses, imprevisíveis, implacáveis e ferozes. Ele se inclinou, com os olhos escurecidos e aquele corpo de pecado, exalando poder.

Pior, ele olhou para ela como se a conhecesse pelo menos tão bem quanto ela o conhecia. Como se pudesse ler a sua mente tão facilmente quanto ela havia aprendido a ler a dele. A própria ideia era aterrorizante.

– Conte-me – disse ele, com uma voz ainda mais grave, e seus olhos dourados cor de âmbar tão quentes que ela chegou a temer que pudessem consumi-la. – Do que *você* está se escondendo?

POR UM momento, pareceu ter sofrido um golpe na boca do estômago. Logo em seguida, porém, Dru piscou, e o rímel que Cayo havia passado a odiar borrou, e ela chegou até a produzir uma espécie de sorriso.

Aquilo poderia tê-lo irritado, mas ele já havia decidido que a teria independentemente dos jogos que ela lhe propusesse e estava disposto a lamber aquela parede até que ela caísse se fosse preciso.

– A única coisa de que estou me escondendo, no momento, é da nossa carga de trabalho – disse ela, com vivacidade. – Talvez devêssemos encarar isso.

– Esqueça o trabalho – rosnou ele, uma sentença que jamais havia saído de seus lábios antes. Ele não se permitiu avaliar as ramificações daquilo. Tudo em que parecia conseguir se concentrar era na mulher atordoante à sua frente, e no quanto ele a queria, apesar de todas as razões pelas quais aquilo não lhe parecia uma boa ideia. – Nós estamos em Bora Bora. O trabalho pode esperar.

– Como? – perguntou ela, parecendo horrorizada.

– De que adianta ser o chefe, se eu não posso decretar uma folga quando quero? – perguntou ele, lutando por alcançar um tom um pouco mais leve, e fracassando, a julgar pela expressão estampada no rosto dela. – Você não sugeriu a menos de cinco minutos que eu me divertisse no paraíso?

– E às favas com as conseqüências, é isso? – perguntou Dru, devolvendo-lhe a pergunta, e os olhos dela faiscaram como se estivesse zangada com ele.

Cayo não compreendia o que estava acontecendo com ele, e certamente não compreendia por que tudo o que dizia a deixava tão infeliz ou furiosa, ou ambos, de uma só vez. Por que ela havia saltado do iate para fugir dele, e então olhara para ele num terraço italiano, às escuras, com o mundo estampado em seus olhos e falara de *punição*, fazendo com que ele se sentisse pequeno, três anos depois.

Ele não sabia lidar com incertezas.

Tudo o que conhecia era paixão, sexo e desejo.

Ele sabia *querer*, e por mais que ela alegasse odiá-lo, por mais que atirasse palavras ou sapatos nele, Cayo sabia que ela o queria tanto quanto ele a queria. Ele podia ver isso. Sempre vira se fosse honesto consigo mesmo.

E estava cansado de lutar contra a única coisa que o fazia sentir aquilo tudo.

– As conseqüências são menores para os homens – disse Cayo.

Ele já havia se decidido. Quando a deixara na noite anterior, apesar do modo como ansiara por tomá-la para si, quando se vira tratando sozinho da necessidade brutal que tinha dela, no chuveiro, ele soubera que já havia se decidido.

Ela iria deixá-lo de qualquer jeito. Por que, então, estava negando aquilo a si mesmo? Ele não era o tipo de homem que se abstinha do que queria.

Dru piscou diante da arrogância dele, mas aquilo era bem melhor que as lágrimas dela, ou pior, aquela neutralidade forjada por ela.

Ele queria calor. Queria aquele fogo outra vez.

– Venha – disse ele. Era uma ordem. Ele não fingiu o contrário. – Beije-me.

Drusilla arregalou os olhos e levou uma das mãos ao pescoço. Ele imaginou que poderia sentir o pulso dela, imaginando a sua própria mão ali, em vez da dela.

Ele quis pressionar a sua boca contra a pele de Dru e saborear a excitação dela.

– O que você disse? – perguntou Dru, com uma voz que era pouco mais que um suspiro.

– Você me ouviu.

– Eu não vou beijá-lo – disse ela, indignada.

Por trás daquilo, porém misturado àquilo, havia aquele calor que o consumia tanto quanto a ela. Dru já era sua. Era apenas uma questão de tempo.

– Vai, sim, Drusilla – prometeu ele. – Pode acreditar.

DRU NÃO sabia por que estava fugindo dele. Seu coração batia com tanta força que fazia com que ela quase desmaiasse, e ainda assim, ela permaneceu ali, parada, olhando para ele, enquanto a incerteza e o desejo se concentravam entre as pernas dela, em um pulsar quente de desejo.

– Não me chame assim – disse ela, em vez de todas as outras coisas que poderia... *deveria* ter dito.

Qual era o problema dela? Por que não conseguia reunir força suficiente para se proteger como deveria?

– Pelo seu nome?

Ele estava tão perto, tão arrogante e seguro, que ficava cada vez mais difícil se lembrar de todas as razões pelas quais ela não deveria se permitir cair naquele precipício.

– Minha mãe era a única pessoa que me chamava assim – ela se viu contando, enquanto o seu corpo clamava por coisas que temia avaliar mais proximamente, e muito mais ainda de fazer. Ou de não fazer. – E eu não ponho os olhos nessa mulher há pelo menos dez anos.

– Dru, então – disse ele, fazendo o nome de Dru escorrer como mel de sua boca e deslizar por todo o corpo dela, ateando fogo a partes que ela mal sabia que existiam.

Dru sabia que não deveria confiar em si mesma quando estava perto daquele homem. Haja visto o que acontecera por conta de um único beijo!

– Acho que você quer que eu a prenda em uma coleira, afinal, não é?

Não havia como negar a sensualidade daquela pergunta nem o efeito que tivera sobre ela.

Naquele momento, tudo o que havia no mundo era Cayo, roubando o seu fôlego e fazendo os seus olhos brilharem.

Ela deveria ter dito alguma coisa. Qualquer coisa.

Os olhos dele escureceram ao vê-la olhando para ele, lutando para recuperar o fôlego, incapaz de falar.

– Então venha. – Mais uma ordem que deveria tê-la deixado arrasada. A boca de Cayo se curvou com ironia... E incrível sensualidade, e aquelas sobrancelhas diabólicas se arquearam em desafio. – Na ponta dos pés.

Ela sentiu as palavras dele chamuscarem-na e soube, em uma explosão de clareza, que só havia um modo de dar fim àquilo. Ela o conhecia. Se realmente quisesse deixá-lo, se realmente quisesse se libertar do domínio dele, aquele seria o único modo de fazê-lo. Aquela era uma via de mão única. Não havia como dar meia-volta.

Por mais que aquilo lhe custasse.

– Bem? – perguntou ele, suavemente, provocando-a.

Dru engoliu em seco. Ela sustentou o olhar dele por um longo momento, compreendendo que aquela era uma linha que jamais poderia ultrapassar. Havia passado três anos se recuperando de um único beijo e não podia imaginar o que aquilo poderia fazer com ela.

Mas aquilo não importava naquele momento. Cayo olhou-lhe com aquela autoconfiança masculina e a promessa de prazeres carnais, e ela soube que não

queria mais fugir. Não depois de ter passado tanto tempo imaginando, fantasiando a respeito, ansiando por aquilo com todas as suas forças.

Quem se importa em como você o terá, contanto que o tenha? Perguntou uma voz dentro dela. Aquilo era uma estratégia, não uma rendição.

Dru cruzou a distância que os separava, vendo a luz naqueles olhos fascinantes arder cada vez mais, à medida que se aproximava. Deslizou, então, as mãos sobre o peito dele, deleitando-se em seu calor e sua força.

Não havia como voltar atrás nem como seguir em frente sem aquilo. A verdade era que ela o queria. Sempre o quisera. Agora poderia ter Cayo do modo como sempre sonhara, desde Cádiz, e então a sua liberdade, em pouco mais de uma semana.

– Por favor, não me diga que pretende fazer tudo isso neste tedioso ritmo lento – disse Cayo. A curva em seus lábios indicava que ele a estava provocando, outra vez, e conectando-se com todos os pontos do corpo dela que ansiavam pelo seu toque, elevando ainda mais a temperatura dela. – Acho isso bem mais interessante nos filmes do que na vida real.

– Pelo amor de Deus – disse Dru, deixando o papel de sua assistente finalmente de lado, naquele momento em que tudo entre eles estava mudando, certamente para pior, e ela não podia mais nem mesmo fingir se importar com isso. – Cale a boca!

E então Dru ficou na ponta dos pés e moldou todo o seu corpo à extensão do de Cayo, sempre pressionando a sua boca contra a dele.

CAPÍTULO SETE

O SABOR dela continuava exatamente como ele o havia guardado na lembrança. Melhor até. Tão quente e tão sua.

Cayo passou os braços em torno dela, puxando-a para junto de si, ansioso por sentir o peso dos seios de Dru contra o seu peito, a maciez da sua barriga contra a rigidez da própria ereção, o suave balanço dos quadris dela contra os seus.

Ele a beijou repetidas vezes, e ela correspondeu. Passou os braços em torno do pescoço de Cayo e moveu a boca contra a dele com a mesma urgência.

Cayo teve a impressão de tê-la ouvido dizer o seu nome.

Não estava certo de que seria capaz de falar, ou que língua utilizar, caso o fizesse, ou se só conseguiria dizer coisas sem sentido.

Não importava.

Ela era inebriante e ele podia, finalmente, se deleitar nela, como desejara.

Cayo enterrou as mãos no cabelo escuro dela, exultando com a sua textura e perfume: uma seda quente e um toque de baunilha. Ele puxou a fivela que mantinha o cabelo dela preso e deixou que as madeixas caíssem por sobre os ombros. Depois inclinou a cabeça, a fim de obter um melhor encaixe de sua

boca com a dela, puxando-a para mais perto de si e tomando o que queria, por fim.

Deslizou as mãos pela curva sensual das costas dela e então apertou as nádegas firmes, arrancando gemidos de ambos ao fazê-la roçar o corpo contra a sua excitação. Aquilo não era suficiente. Era, quando muito, um começo.

Cayo se apoderou de Dru até ela dizer o seu nome, com a voz arfante. Ele teve que se conter para não possuí-la ali mesmo, no corredor.

Não queria que as coisas fossem rápidas daquele jeito. Não com aquela mulher. Não com Dru. Não quando sua sensação era a de que ele havia esperado uma eternidade por aquilo. Por ela.

Ele saboreou as sardas que o sol havia pintado em seu nariz, e então traçou uma trilha ao longo de sua clavícula, pela pele de pêssego do seu rosto, seu maxilar. Ela estava cheirando a coco e flores e seu sabor era de magia. Cayo parecia insaciável.

Ela soltou um pequeno som do fundo da garganta, como um ronronado, e aquilo quase fez com que Cayo perdesse o controle. *Minha*, pensou ele, com um triunfo possessivo. *Toda minha.*

Cayo tomou a mão dela na sua, maravilhado com a sua delicadeza e beleza. Conduziu-a, então, ao longo do corredor, sem disfarçar a sua sensação de vitória, com os olhos turvados de desejo com a rendição daquela mulher que havia fingido ser frágil e dócil por anos, mas não o era. A rendição de uma mulher forte o pensou com extrema satisfação masculina, era muito mais excitante que a de uma mulher fraca.

Assim que chegou ao seu quarto, ele a puxou para junto de si outra vez, deleitando-se na sensação de tê-la em seus braços. *Finalmente*.

Ele tomou a boca de Dru de assalto novamente, beijando-a enquanto a conduzia em direção à cama. Quando a parte posterior dos joelhos dela tocou o colchão, ela se afastou e ergueu o olhar na direção do dele, com a respiração acelerada, os olhos escurecidos e tontos de desejo, o rosto afogueado.

Ela era sua.

Cayo não disse coisa alguma. Não confiava em sua própria possessividade para sequer tentar. Nada a respeito de Dru fazia sentido até aqui, não desde aquela manhã chuvosa, em Londres, quando ela mudou tudo o que ele tomava por certo até então. Por que agora seria diferente? Ele puxou a blusa dela por cima da cabeça, deslizando-a por todo aquele cabelo longo e escuro, e sorriu quando viu o sutiã azul Royal e os seios redondos que ele antes apenas havia vislumbrado através da blusa molhada.

– *Perfecto* – murmurou ele, inclinando-se para pressionar a boca contra o alto de um seio, sugando-o por cima do tecido fino e brilhante.

Dru arfou e ele fez o mesmo com o outro, até que ela jogasse a cabeça para trás e seus olhos se fechassem, antes de abrir o sutiã dela. Dru estendeu os braços para tirá-lo, e Cayo se inclinou a fim de lamber o bico mais próximo, sugando-o para dentro da sua boca.

Ela enlouqueceu.

Cayo se perdeu no seio dela, nela como um todo. Seu calor, sua suavidade, seus belos gritos. Ele fez a calça dela deslizar pelas pernas longas e bem torneadas, e então aquela outra peça de seda e renda. Tirou depois as próprias roupas, o mais rapidamente que pôde, porque aquilo significava não tocá-la. Pareceu-lhe ter levado uma eternidade para ficar nu e deitá-la em sua cama,

esparramada, como ele a queria a mais tempo do que se dera conta. Aquela não era uma necessidade nova que rugia dentro dele, exigindo que ele a possuísse repetidas vezes até ficarem ambos saciados. Aquilo que o movia era algo antigo e complicado, como se ele o tivesse escondido de si mesmo. Mas não estava mais escondendo coisa alguma. Cayo se estendeu na cama, ao lado dela, apoiando-se em um dos braços, ficando ferozmente satisfeito ao ver os bicos dos seios dela intumescidos e a pele inglesa rosada.

Sua.

Ela rolou na cama a fim de começar a explorá-lo, mas ele a pressionou de volta, contra o colchão.

– Mas eu quero…

– Sente-se – murmurou ele, traçando uma trilha até o seio dela e brincando com o bico, fazendo Dru arquear o corpo da cama, com um gemido.

Ele se abaixou para substituir os dedos pelos lábios, e Dru gritou mais uma vez, agitando-se sob Cayo, quando ele sugou o bico do seio dela, envolvendo-o no calor de sua boca, enquanto tomava o outro na mão. Depois beijou todo o corpo de Dru até alcançar a leve elevação de seu abdômen, lambendo o umbigo e a suave curva dos quadris. Descobriu que ela possuía três pequenas marcas de nascença perto da cintura e que não conseguia manter os quadris parados, especialmente quando ele os segurou e fechou os seus dedos em torno deles para testar a forma, a doçura e a sedosa perfeição das nádegas.

E então ele afastou as coxas dela e seguiu a trilha de beijos até mais embaixo.

– Cayo… – recomeçou ela, com uma voz tão carregada de *desejo* que fez a ereção dele latejar.

– Quieta – ordenou ele, lambendo o caminho em direção ao âmago dela, exultando no sabor fresco e quente do seu desejo.

Dru arqueou o corpo outra vez, erguendo os quadris contra a boca dele, e Cayo a possuiu e saboreou, tornando-a sua. Ela se desfez em mil pedaços junto à boca dele, repetindo o seu nome ao ser lançada à outra dimensão.

E aquilo ainda estava longe de ser o bastante.

Ele voltou para a cama e a puxou para junto de si, rolando com ela, de modo a fazer com que montasse sobre ele. Queria vê-la. Queria ver tudo.

– Cayo… – sussurrou ela, e seus olhos se abriram para vê-lo pressionar o seu sexo contra o dela.

Dru estava molhada, quente e receptiva. Cayo agarrou as nádegas dela em suas mãos, ergueu-a e a viu estremecer quando a aproximou de seu membro, provocando-a. Seus olhos cinza escureceram outra vez. Ela mordiscou o perfeito lábio inferior, ergueu os braços e os passou em torno dos ombros dele, pressionando os seios grandes contra o peito de Cayo.

– Renda-se – sussurrou ele, e então a penetrou, ateando fogo a ambos, incinerando tudo, até ele não enxergar mais nada além de Dru, toda enroscada nele.

Ela começou a mover os seus quadris e Cayo gemeu perigosamente próximo ao limite.

Ele a agarrou pelos quadris a fim de contê-la e impor o seu próprio ritmo, lento, deliberado.

Torturando a ambos com investidas quentes e intermináveis que o fizeram cerrar os dentes e ela enterrar a cabeça no pescoço dele e soluçar de prazer.

Cayo a fez subir e descer repetidas vezes, penetrando-a, e desejando que aquilo nunca tivesse fim. Desejando permanecer para sempre naquela perfeição, tão fundo dentro dela a ponto de já não saber mais quem era quem.

Dru ergueu a cabeça e seu olhar se fixou no dele. Cayo sentiu a respiração dela em seu rosto, suas pernas apertadas em torno dele e continuou se movendo, alimentando ainda mais aquela chama até ela se transformar em uma fogueira ardente, fazendo-a gemer ainda mais alto, e seus olhos se turvarem com a mesma paixão incomparável que o atormentava. Fazendo com que ele não desejasse outra coisa que não ser consumido por aquele fogo, até não sobrar mais nada.

Esta é Dru, pensou ele, incapaz de parar de olhar para ela, de tocá-la e senti-la com todo o seu corpo. *E é toda minha.*

Cayo compreendeu, então, que não tinha a menor intenção de deixá-la partir, o que quer que aquilo significasse.

Ela fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, arqueando suas costas adoráveis em direção à luz do sol que se punha e atravessava a janela, banhando o corpo dela em tons de laranja e dourado.

Uma deusa pagã, e toda sua.

Dru recomeçou a tremer selvagem e indomada nos braços dele, e quando ela gritou o seu nome, ele transpôs o limite junto com ela.

DRU SE deitou na ampla cama, toda enroscada nele, e olhou o sol se pôr no mar e então se desmanchar.

Não conseguia formular nenhum pensamento coerente. Seu corpo todo parecia vibrar sob a pele, como uma espécie de fio de alta voltagem, desencapado, ainda soltando faíscas. Ela sentiu o ombro duro de Cayo sob o seu rosto e sentiu o calor da pele e o modo como o peito dele subia e descia, e não pensou em nada. Nem sabia ao certo se queria fazê-lo.

Cayo se remexeu ao lado dela quando o sol se pôs no horizonte. Virou-se para encará-la, com seus olhos intensos e mais uma vez indecifráveis em meio às profundas sombras do seu quarto.

Ele deslizou a mão até alcançar o rosto dela e o puxou para junto do seu. Por um momento, ele apenas olhou para Dru.

Ela se sentiu a beira de outro grande precipício.

O tempo já está correndo, sussurrou uma voz implacável dentro da cabeça dela.

Como se pudesse ouvi-la, porém, ele a beijou. Profunda e lentamente. Docemente. De modo a viciá-la. E então o fogo se reacendeu, como se jamais pudesse ser extinto. Como se nada daquilo jamais pudesse ser o bastante. Ela fora uma tola, reconheceu Dru quando a mão dele se moveu pelo rosto dela, inclinando a sua boca a fim de obter um melhor ângulo para aprofundar o beijo.

Deveria ter previsto que não saberia lidar com aquilo. Ela partiria conforme havia planejado, mas sofreria por ele, talvez para sempre. E mesmo assim, ela o beijou incapaz de se conter.

Incapaz de deter o que ela já havia começado o que já havia feito.

Ele se levantou da cama e se posicionou entre as pernas dela, e Dru abriu mão de um futuro que parecia distante daquele momento, distante demais para importar. Ele apoiou o seu peso sobre as mãos e olhou para ela com aqueles olhos astutos.

– Dru – disse ele, como se estivesse saboreando o seu nome.

– Cayo – respondeu ela, sentindo-se excessivamente vulnerável.

Ela não sabia como impedi-lo de enxergar todas as suas esperanças, medos e terrores, depois de ter se abandonado tão completamente.

Mas ele simplesmente investiu sobre ela e a possuiu, escorregadio, quente, e ela deixou de se importar com o que ele podia ver ou descobrir.

Em vez disso, concentrou-se apenas na perfeição daquela sua dança ancestral, como se tivesse sido feita sob medida para ele.

Cayo se moveu lenta e hipnoticamente, como se quisesse que aquele fogo se intensificasse daquela vez por conta própria. Ela se sintonizou ao seu ritmo lânguido, erguendo os quadris para encontrar os dele, cada vez mais exultante com o modo como eles encaixavam um no outro.

Dru disse a si mesma que aquela era a única coisa que importava para ela.

Daquela vez, ela pôde explorar toda a beleza do torso esguio de Cayo. Correu as mãos pelos peitorais firmes e então traçou um caminho até aquele abdômen de dar água na boca. Uma pele macia estendida sobre aço. Uma beleza masculina diferente de qualquer outra. Feroz e exigente. Ela se ergueu da cama para beijar o peito dele, sentir seu sabor, sua força incomparável, seu poder.

O ritmo começou a mudar, cada vez mais intensamente. Os ombros de Cayo bloquearam o restante do mundo, e ela se esqueceu de tudo o mais. Tudo com exceção dele.

Tudo com exceção da força selvagem do que estava acontecendo ali.

Ele baixou o seu corpo a fim de puxá-la para mais perto de si, e ela adorou sentir o peso dele contra si, pressionando-a contra a cama, fazendo com que ela se sentisse pequena e ainda assim venerada. Sentiu a respiração dele junto à sua orelha e então Cayo começou a murmurar palavras que ela não conhecia, em espanhol, junto ao seu pescoço, enquanto continuava investindo nela repetidas vezes. Ela enroscou as pernas em torno dos quadris dele e se agarrou, inteiramente entregue ao seu comando.

Quando ele levou a mão até o centro do seu desejo, alcançou o êxtase outra vez.

Prosseguiu, enquanto ela se desfazia em torno dele, até gritar o seu nome, enterrando o rosto entre seu pescoço e ombro. Mesmo em meio àquele transe, Dru compreendeu que nada mais voltaria a ser como antes. Especialmente ela.

A VERSÃO de Cayo de se divertir no paraíso, conforme Dru descobriu, sem muita surpresa, envolvia reduzir as horas de trabalho a algo como seis ou oito horas por dia, em vez de mais que o dobro disso.

– Que enorme sacrifício deve ser para você – a murmurou durante uma daquelas tardes de "folga", ao anotar mais um ditado –, adotar o ritmo de trabalho de uma pessoa normal.

Cayo olhou para ela, um tanto divertido. Como estava encarando aquele período como uma espécie de férias, não havia se importado em abotoar a camisa, expondo o físico de dar água na boca e a pele morena. Graças à sua habilidade com o teclado, Dru podia olhar para ele sem perder uma única palavra. Os pés de Cayo estavam cruzados sobre a mesa. Ele pareceria à própria encarnação da indolência, se não estivesse ditando uma série de ordens para todos os seus vice-presidentes ao redor do mundo.

– Você pode me distrair o quanto quiser agora – disse ele, assim que ela apertou a tecla "enviar".

Dru abriu a boca a fim de lhe oferecer alguma resistência, mas se deteve. O que tinha a perder?

Os negócios de Cayo prosseguiriam no mesmo ritmo de sempre, depois que aqueles dias estranhos chegassem ao fim, contudo ela nunca mais teria outra chance de tê-lo daquela maneira. Ela sentiu mais uma vez que estava reunindo lembranças daqueles momentos de intensa paixão para recorrer a eles mais tarde, quando estivesse sozinha. Quando estivesse livre. Quando não tivesse mais nada em que se agarrar, além das lembranças.

– Se insiste Senhor Vila.

Ela deslizou da cadeira que havia puxado para junto da mesa, indo até o chão, sorrindo levemente quando o rosto dele ficou tenso de desejo.

Lentamente e sustentando o olhar de Cayo durante todo o tempo, ela rastejou por entre as pernas dele.

– Esta, por acaso, é a sua nova forma de tomar um ditado, Srta. Bennett? – perguntou, com a voz rouca, enquanto ela passava as mãos pelas coxas firmes e pelo abdômen dele, presa entre suas pernas, exatamente onde a queria. – Estou encantado com o novo método.

Dru, então, estendeu a mão em direção à calça de Cayo e libertou o membro dele, tomando-o fundo em sua boca.

Ele gemeu e Dru o venerou, saboreando a maciez aveludada dele, amando-o com sua boca, sua língua, mãos e lábios, conduzindo-o a um final atordoante, com as mãos enterradas no cabelo dela.

Eles foram assumindo uma espécie de rotina com o passar dos dias.

Cayo continuava sendo o chefe, apesar da enorme mudança ocorrida em seu relacionamento, o que poderia ter sido insustentável, caso ela não tivesse estabelecido para si mesma que era apenas o seu coração, e não a sua carreira que estava em jogo ali.

– Não faça isso com o seu cabelo – disse Cayo certa manhã, quando ela saía do chuveiro.

Ele estava junto à porta que conduzia ao seu quarto, com os olhos ardendo de paixão ao olhar para ela, vendo-a se enrolar em uma toalha. Cayo havia vestido outra daquelas calças de linho pelas quais optara por causa do calor, mas estava sem camisa, expondo toda aquela perfeição musculosa.

Eles acordaram ao raiar do sol e foram nadar na lagoa. Ele simplesmente a havia puxado para junto de si, baixado o seu biquíni e a penetrado, conduzindo ambos ao êxtase, naquela água clara e quente, enquanto o sol começava a iluminar o céu perfeito acima deles.

– Não fazer o quê? – perguntou ela.

Não podia ser saudável desejar alguém daquele jeito. Ela havia imaginado que dormiria com ele uma única vez.

Em vez disso, porém, você só fez piorarem as coisas, lembrou-lhe rapidamente aquela voz. Como se ela já não soubesse.

– Aquele coque – disse Cayo.

Uma expressão estranha cruzou o rosto dele, algo que ela poderia ter chamado de vulnerabilidade, caso se tratasse de outro homem.

– Eu gosto dele caído sobre os seus ombros. Gosto de passar as minhas mãos nele – disse Cayo, com a voz abafada, e então se virou e desapareceu, deixando Dru fazer o que quisesse com aquilo.

Ela colocou o vestido longo, todo em tons de azul e amarelo vibrantes que havia adotado como o seu uniforme por lá, e passou os dedos pelo cabelo, ainda úmido, que caía sobre os ombros. Ela olhou para si mesma no grande espelho que dominava a parede mais próxima e mal conseguiu se reconhecer. A exposição ao sol havia propiciado o surgimento de sardas e aquele bronzeado em sua pele. Seus olhos estavam brilhantes, e sua boca, suave.

Estava à milhas de distância da antiga Dru Bennett que ela se orgulhara de incorporar durante os cinco anos que trabalhara na Vila Group.

Podia mentir e dizer a si mesma que aquilo se devia à influência da ilha, mas sabia que era Cayo quem estava provocando a sua mudança.

Ela só precisava se lembrar de que aquilo tudo era temporário.

Depois que voltasse a Londres, Dru nunca mais se vestiria daquela maneira.

Assim como nunca mais interromperia uma sessão de ditado como fizera outro dia, ou deixaria o seu cabelo solto porque um homem lhe pedira que o fizesse. Nunca mais dormiria com o seu chefe, por mais que pudesse desejá-lo, e continuaria a trabalhar para ele. Mas estavam em Bora Bora, e era como se o que ela fizesse ali não contasse.

São só mais alguns dias, lembrou ela a si mesma, a caminho do escritório. *Quando voltarmos para casa, será como se nada disso tivesse acontecido.*

Dru estava feliz por se permitir viver o momento, algo tão difícil para ela. Teria todo o restante de sua vida para se arrepender daquilo. Não fazia sentido começar a fazê-lo agora.

Mas era como se Cayo soubesse que havia algo que ela não tinha lhe contado, ou talvez também estivesse sentindo a pressão do caráter temporário daquela situação. Às vezes, ele meramente a erguia e a mantinha contra a parede mais próxima quando a queria, com uma expressão feroz ao penetrá-la, como se enxergasse o mesmo doloroso futuro diante de si. Em outras ocasiões, ele a despertava no meio da noite, repetidas vezes, para tocá-la e fazê-la transpor limites, como que para provar que podia fazê-lo. Como que para se certificar de que aquilo era real.

Certa tarde, depois de dar por terminado o seu dia de trabalho, Cayo a encontrou no pátio coberto, do lado de fora da biblioteca. Ele se deteve na entrada, por um longo momento, admirando-a, até Dru pousar o seu romance e lhe dedicar toda a sua atenção.

– Precisa de alguma coisa? – perguntou ela, com um sorriso, pronta para mais uma série de comandos.

– Não sei como você faz isso.

A voz dele estava tensa e grave, fazendo-a estremecer.

– Ler?

Ele ignorou aquela provocação.

– Suas palavras, seus sorrisos. – Ele passou a mão pela barba cerrada, parecendo um pirata impiedoso. – Até mesmo na cama. Você vive se escondendo, não é?

O coração de Dru bateu descompassado dentro do peito, e ela ouviu uma espécie de zumbido, como se toda uma série de alarmes tivesse sido disparada em torno deles. Sabia, porém, que se tratava apenas do som das ondas batendo na praia, dos pássaros cantando em cima das árvores e do vento dançando por entre as chaminés do terraço.

– Não sei o que você está querendo dizer.

– Eu quase acredito em você.

Cayo não parecia zangado. Ela teria sabido lidar melhor com ele, se esse fosse o caso. Ele, na verdade, parecia quase resignado. Toda aquela atenção perspicaz voltada para ela acabou por deixá-la em pânico.

Temendo, outra vez, o que ele pudesse enxergar.

– Eu não estou me escondendo. – Ela se levantou e abriu os braços para prová-lo. – Estou bem aqui.

Cayo sorriu, deixando-a sem fôlego.

– Está mesmo, Dru? – perguntou ele, cruzando a distância que os separava.

Ela não respondeu, beijando-o em vez disso, com paixão. Desesperada. Com tudo o que era capaz de lhe dar.

Ele não disse mais nada.

Ouviu-a se ajoelhar no sofá, e a tomou por trás, pousando as mãos nos quadris dela e pressionando o peito contra as suas costas, enquanto a penetrava, fazendo-a gritar o nome dele, tendo apenas o mar brilhante por testemunha.

Quando ele baixou a cabeça, aninhando-a ao pescoço dele, exausto, depois da intensidade daquela paixão, ela disse a si mesma que aquela era mais uma vitória. Mais uma lembrança para a sua coleção.

CAPÍTULO OITO

DRU SE recostou em sua cadeira e olhou para o alto, ciente de que o tempo estava passando mesmo em momentos como aquele, em que se sentia completamente fora do tempo.

Não se esqueça do que significa a palavra temporário, aconselhou ela a si mesma. *Não finja que isso pode durar.*

À sua frente, Cayo estava terminando uma ligação para o vice-presidente de uma de suas empresas em Nova York. Ele franziu a testa, olhando para o mar escuro, enquanto falava em um tom de voz cada vez mais impaciente. Dru tomou um gole de vinho e o observou, imprimindo aquele rosto impossível na memória.

Seu chefe se tornara seu amante. Agora que havia acontecido, aquilo parecia ter sido inevitável. Como se eles sempre tivessem se dirigido a esse fim. Como se os três anos que se passaram entre Cádiz e aquele momento tivessem sido parte de um plano maior.

Assim como ela sempre pretendera deixá-lo ao final. A menos que se esquecesse de seus planos e promessas.

Vitória a cantarolou, silenciosamente em sua cabeça. *Voltarei para casa como uma vencedora e farei exatamente o que planejei fazer a duas semanas.*

Mas ela não estava certa de acreditar naquilo.

A equipe havia servido pratos de tartare de atum para começar, e Dru deu uma mordida, suspirando de prazer ao sentir o sabor excruciantemente fresco explodir em sua boca. Ela tomou um gole de vinho e sorriu quando Cayo terminou a ligação e ignorou o modo como ele a olhou, tão intenso e inquietante.

– Isto está fantástico – disse ela, ao comer o tartare de atum. – Você deveria experimentar.

– Achei que tínhamos concordado que os negócios terminavam às 16h30 hoje. Quando quiser que você desempenhe o seu papel de assistente perfeita, eu a avisarei.

– Então não experimente – disse ela. – Sobra mais para mim.

A boca dele se curvou de um modo excessivo para ser chamado de sorriso.

– Conte-me algo a seu respeito – disse Cayo, depois de fazer o seu prato. – Algo que eu não saiba. Nada que já conste em seu currículo.

Dru pousou o garfo e o olhou calmamente por um momento, enquanto aquele mesmo alarme voltava a soar dentro dela. Precisava mudar de assunto, desviar a atenção de Cayo. Ele já dispunha de armas suficientes para usar contra ela. Por que aumentar ainda mais o seu arsenal?

– O que você quer saber? – perguntou ela, pousando o vinho sobre a mesa, após concluir que já estava desequilibrada demais. – Chegou à hora de falarmos de nossos ex-namorados? A minha lista certamente é bem menor que a sua.

Os olhos escuros cor de âmbar dele brilharam, como que apreciando a sua tentativa de voltar o foco daquela conversa novamente na direção dele, mas Cayo não mordeu a isca.

– Você testemunhou pessoalmente o final ignóbil da minha família – disse ele, com uma voz muito baixa e um olhar intenso. – E quanto à sua? Você nunca fala deles.

Dru pigarreou, tentando ganhar tempo. Houvera uma época em que teria ficado lisonjeada por ele se interessar por ela, mas não agora. Não quando já sabia com muito mais clareza o quanto seria difícil deixá-lo.

– Por acaso incentivou conversas pessoais no escritório durante todos esses anos, e eu é que não me dei conta?

Ele inclinou a cabeça, reconhecendo a argumentação dela, mas continuou esperando. *Desgraçado*.

– Nós vivíamos em Shropshire até meu pai morrer. Dominic e eu tínhamos acabado de completar cinco anos. – Ela viu as sobrancelhas dele se franzirem e assentiu: – Sim, gêmeos. Nós nos mudamos bastante depois disso. Foi um alívio ir para a faculdade e permanecer no mesmo lugar por alguns anos.

– Por que vocês se mudavam tanto?

Se ela não o conhecesse, diria que ele estava fascinado. Que ele realmente queria saber. E talvez tivesse sido esse o motivo de ela lhe ter contado – porque, apesar de tudo, ela queria acreditar que ele podia querer aquilo.

– Minha mãe tinha muitos namorados – disse Dru, o que era mais do que o que ela costumava contar a quem quer que fosse. – Alguns chegaram a se tornar nossos padrastos.

Ela não tinha intenção de lhe contar mais nada.

Quando, porém, ousou encará-lo outra vez, Dru o encontrou olhando para ela com uma expressão intensa, como se ela fosse um mistério que ele quisesse desvendar.

– Acho que posso dizer que minha mãe também se casou novamente – disse ele, naquele seu tom seco que sugeria um humor negro que ela nunca supôs possuir. – Só que agora ela é esposa de Cristo.

Dru não pôde deixar de sorrir, e os olhos dele se aqueceram em resposta. Ela ainda queria que ele soubesse apesar do quão temporário tudo aquilo pudesse ser. Apesar do medo de que aquilo lhe conferisse poder demais sobre ela. Quis imaginar que ele também se lembraria dela quando estivesse com a próxima assistente, em um de seus iates, acompanhado da próxima supermodelo loura de sua vida.

– Eles eram muito violentos – disse ela, surpresa por não ter engasgado e pelo quanto ele a fazia se sentir segura, simplesmente por não desviar o olhar. Era como se com aquela simples atitude, ele dividisse, um pouco, o seu fardo com ela. – Primeiro com minha mãe, e depois cada vez mais com Dominic. Eu era muito boa em não me fazer notar.

– Eu acredito – disse ele. – Ainda hoje é assim.

– Mas então eu cresci, e eles começaram a me notar cada vez mais. – Ela engoliu em seco e balançou a cabeça levemente, como que para afastar as lembranças. – Um deles se chamava Harold. Era o pior, sempre tentando ficar a sós comigo. Sempre querendo colocar a mão onde não devia. Contei isso à minha mãe, mas ela me deu um tapa na cara e me chamou de mentirosa e prostituta. – Dru deu de ombros, quase como se aquela lembrança não a ferisse mais. – Portanto, assim que pude, eu fui embora. Da última vez em que a vi, eu tinha 19 anos.

A única pessoa com quem ela já havia compartilhado aquela história fora com Dominic, e ainda assim sem jamais mencionar explicitamente os fatos, mas, sim, os seus efeitos.

Dru desviou o olhar do de Cayo, estendendo a mão cegamente em busca do vinho, sem se importar mais com o que aquilo podia fazer com ela. Era melhor do que *ele* simplesmente ouvindo-a. Fazendo-a se sentir segura quando antes aquilo lhe parecera impossível.

– E o seu irmão gêmeo? – perguntou Cayo, após um momento. – Você também não é próxima dele?

Aquilo a chocou foi como se ela tivesse levado um soco no estômago. Sua primeira reação foi de pura fúria, embora soubesse, no fundo, que grande parte daquilo se devia ao sentimento de culpa que sempre a tomava de assalto quando pensava em Dominic.

– Não exatamente, já que ele está morto – disse ela, odiando-se logo em seguida por ter falado daquele jeito, e agarrando a taça de vinho com força.

Cayo não desviou o olhar do dela, nem demonstrou qualquer indício de que havia se abalado.

– Eu sinto muito – começou ele a dizer, após um momento, em voz baixa.

– Como você poderia saber? É que tudo ainda é muito recente e eu não encontrei uma maneira de falar a esse respeito.

– Como assim, recente? Eu não me lembro de você ter tirado nenhuma licença.

Nos últimos cinco anos. Mas ele não teve que dizer aquela última parte em voz alta.

Ela balançou a cabeça e soltou um som oco que não chegava a ser uma gargalhada.

– Como se você, alguma vez, tivesse me permitido ter algum tempo para mim. Não posso nem me imaginar solicitando uma licença. Veja só como você reagiu ao meu pedido de demissão.

O músculo junto ao maxilar dele saltou, denunciando sua irritação.

Os olhos dele ficaram negros, tomados por algo que pareceu novamente muito próximo à dor, como naquela noite em Milão. Ela quis estender a mão e tocá-lo, e mais uma vez se arrependeu profundamente de suas palavras.

– Sim – disse ele, após um momento, com uma voz profunda e rouca que ela mal reconheceu. – É claro. Sou um monstro tão insensível que a impediria de comparecer ao funeral do próprio irmão.

O coração de Dru pareceu se contrair dentro do peito, e ela balançou a cabeça.

– Não foi isso o que eu quis dizer.

– Afinal – prosseguiu ele, no mesmo tom sombrio e amargo que a fez querer chorar e protegê-lo do que quer que o estivesse fazendo falar daquela maneira –, o que eu sei a respeito de família? Você é a única pessoa do mundo que sabe o quão pouco o meu próprio avô se importava comigo. Ouviu o que ele disse. Também é a única pessoa no mundo que manteve algum tipo de proximidade comigo por certo tempo. Você, certamente, sabe o quão pouco eu estou qualificado para falar a respeito desse assunto.

Ela se sentiu péssima.

– Não seja idiota – disse ela.

Ele congelou, e seus olhos escurecidos se arregalaram.

– Eu disse que duvidava que você me desse uma licença. Você é um chefe muito exigente, Cayo. Insiste em ter acesso aos seus funcionários 24 horas por dia. Eu não tinha motivos para achar que iria receber a notícia de que eu sequer *tinha* uma vida pessoal de outra maneira que não se horrorizando.

– Você não tem ideia do que eu faria.

– Eu sei exatamente o que você faria – retrucou-a. – É para isso que você me paga.

Por um momento, Cayo apenas olhou para ela. Dru não teve ideia de como ele iria reagir.

E então, provando o quão pouco ela o conhecia, ele jogou a cabeça para trás e riu.

Ela nunca soubera que ele era *capaz* de rir. Aquele som era contagiante. A alegria iluminou o rosto dele, transformando-o...

A verdade se abateu sobre ela, tirando-lhe o fôlego e fazendo a sua cabeça girar.

Ela estava apaixonada por ele.

E ao que parecia, já há bastante tempo.

Tinha minimizado as coisas até então, temendo encarar a verdade. Nunca pensara em perguntar a ele por que a havia preterido para aquele emprego, três anos atrás, apesar de saber que era perfeitamente qualificada para tanto. Pior, tinha optado por manter distância de seu irmão, não só quando ele morrera, mas mesmo antes, se fosse honesta consigo mesma. Era mais fácil lhe enviar dinheiro de longe do que se envolver nas confusões em que Dominic vivia se metendo.

Tudo para cuidar de um homem que nunca retribuiria o seu amor. Que não faria a menor ideia do que *era* o amor.

E você, disse outra vez aquela voz dentro dela, *faz?*

Dru sentiu uma vergonha terrível se apoderar dela. Quisera que sua mãe doente e egoísta a amasse como deveria, que todos aqueles padrastos a amassem como a uma filha. Que Dominic a amasse mais do que as drogas em que havia se viciado.

E Cayo… Ele não podia amar coisa alguma. Por isso, ela se dedicara a fazer com que ele *precisasse* dela e achava que ele a valorizava, se não por outra coisa, ao menos por aquilo.

Fora aquilo o que ela quisera naquele dia, em seu escritório, que agora parecia tão distante? Por acaso supusera que ele ia se jogar a seus pés quando pedisse demissão, declarando o seu amor por ela?

É claro que ele não o havia feito. Ninguém jamais o fizera. Cayo nem mesmo saberia como fazê-lo, ainda que sentisse o mesmo que ela.

Como ela era tola.

Ele a estava observando agora, com aquela risada inesperada ainda estampada em seu rosto, tornando-o mais do que simplesmente belo. Cayo estava lindo e quase... Abordável.

Aquilo partiu o que restava de seu coração.

– Você está bem? – perguntou ele, com os olhos ainda brilhantes, procurando os dela, estreitando-os diante do que quer que estivesse estampado neles... A verdade, ela temia.

Uma terrível verdade que ela jamais poderia lhe revelar.

– Estou – disse ela, enquanto Cayo franziu a testa diante da nota trêmula em seu tom de voz. E ela mentiu: – Mordi minha língua, só isso.

AO QUE parecia, o tempo era a única coisa que Cayo não podia controlar.

Aquela era à tarde do último dia deles juntos, fato que nenhum dos dois ainda havia mencionado, embora aquilo tivesse pairado entre ambos muitas vezes, quando ele a possuíra na noite anterior, ou naquela mesma manhã. Cayo não conseguia se concentrar na teleconferência de que ela estava participando como sua representante, descobrindo que não podia fazer outra coisa que não observá-la enquanto ela falava ao microfone, ao centro da mesa.

– Vou levar isso ao conhecimento do Senhor Vila – disse ela, com aquela voz suave, capaz de deixá-lo em brasa, e que agora ele sabia o que encobria. – Enquanto isso, porém, acho melhor darmos uma nova olhada nesses gráficos, antes de tirarmos qualquer conclusão.

Talvez fosse porque podia vê-la, enquanto o restante dos participantes da teleconferência, não. Eles, certamente, deveriam imaginar a Dru habitual, com seus conjuntinhos cinza, seus saltos perigosos e o cabelo preso. Mas ele estava vendo a verdadeira Dru, com o cabelo selvagem, aquela nova cor em sua pele clara, as sardas no nariz e nos ombros, pés descalços e um sarongue cor de turquesa enrolado em torno de um biquíni rosa - choque.

Ela era magnífica. E sua. E ia deixá-lo.

Cayo não sabia o que fazer. Sabia apenas que não poderia permitir que ela partisse.

Ela tentou voltar à atenção para o que diziam os diversos executivos, sem saber que ele os estava ouvindo. Havia descoberto que podia ser altamente vantajoso se valer de Dru, daquela maneira, fazendo-os pensar que estavam conversando com alguém mais abordável que ele.

– O Senhor Vila prefere lidar com propostas de soluções, Barney – disse ela, ao microfone. – Posso relatar as suas preocupações a ele, mas suspeito que ele lhe dará uma resposta semelhante. Só que não será tão educado.

Ouviram-se algumas gargalhadas, e ela se virou para sorrir para ele, com seus olhos cinza quase da cor da prata.

Um sorriso verdadeiro o pensou, com satisfação, e não um daqueles sorrisos profissionais que ela usava para aplacá-lo de tanto em tanto, e que ele havia passado a odiar. Mas ainda continuava escondendo alguma coisa dele. Não sabia de que se tratava, nem o motivo, mas podia ver que havia um segredo.

Perversamente, aquilo só fez com que ele a quisesse ainda mais.

Cayo havia lhe dito que ela era a única pessoa com quem ele tivera alguma espécie de proximidade e a verdade nua e crua daquilo passara a atormentá-lo. Ela era a única pessoa na vida em quem ele confiava. Havia lhe permitido um acesso sem precedentes a todas as partes de sua vida. A ele. Nenhum de seus funcionários jamais se envolvera em sua vida pessoal antes e ele, certamente, jamais permitira que nenhuma de suas mulheres sequer se aproximasse de seus negócios. Só Dru fazia a ponte entre aqueles dois mundos.

E seu tempo com ela estava chegando ao fim.

Cedendo a um rápido e incompreensível desejo, como se aquilo pudesse aliviar o súbito peso em seu peito, Cayo estendeu a mão e pegou a dela. Os olhos de Dru voaram na direção dos dele, mas ele se concentrou no deslizar dos dedos dela contra os seus. No modo como eles se encaixavam tão bem, uns nos outros.

Ele levou a mão dela até os lábios e beijou as suas costas. Dru curvou a palma para melhor se aninhar ao rosto dele como se também o estivesse abraçando e algo se agitou dentro dele. Um muro que não sabia que existia ruiu, e ele soube, então, o que precisava fazer.

Havia uma maneira de mantê-la consigo. Uma estratégia que ainda não havia tentado. E daí que as coisas não seriam mais exatamente como haviam sido até agora? Ele poderia até gostar de tê-la como alguém da família, qualquer que fosse o verdadeiro significado daquela palavra. Ela era o que de mais próximo ele jamais viria a ter daquilo.

Ele precisava fazer com que ela dissesse sim.

– O HELICÓPTERO chegará daqui a duas horas – disse Dru na manhã seguinte, tomando cuidado para parecer calma e objetiva. – O avião estará pronto para decolar assim que chegarmos ao Taiti.

Cayo estava na ponta do píer, de costas para ela. Parecia distante e imóvel, e ela quis se apoiar naquela ampla força, pousar a cabeça em seu ombro. Quis deixar que o seu cheiro masculino a envolvesse. Quis mergulhar no seu calor. Os dedos de seus pés descalços se curvaram na madeira macia e quente sob eles, e ela disse a si mesma que estava *perfeitamente bem*, que não sentia outra coisa a não ser um alívio de que aquilo estivesse chegando ao fim.

Eles despertaram na aurora e se enroscaram um no outro, na cama enorme de Cayo. Ele a havia puxado para cima de si, antes mesmo de ela acordar completamente, deslizando para dentro de Dru tão facilmente que ela chegou a se perguntar se aquilo era sonho ou realidade. *Ou um adeus*, sugeriu a voz em sua mente. Ela a ignorou e se inclinou para beijá-lo.

Eles se exploraram lentamente, com beijos longos e carícias intermináveis, alimentando uma espécie diferente de chama que ardia longa e docemente.

Será que aquilo, algum dia, ia se apagar dentro dela?

Ela duvidava.

– Acho que ninguém pode permanecer no paraíso para sempre, não é? – perguntou ela, quando ele não se virou para encará-la, tentando puxar assunto a fim de encobrir o seu nervosismo.

– Não. – Foi uma resposta dura, feroz.

– Tudo é tão adorável por aqui – disse ela, sentindo-se indefesa, incapaz de parar. – Mas isso não é real, é?

Cayo se virou, tão intenso e implacável que ela quase deu um passo para trás, mas se conteve. Os olhos dele se chocaram com os dela.

– E essa sua falação é? A essa altura, você já deveria saber que isso não funciona comigo.

Dru sabia que não podia cair naquela armadilha. Não iria se envolver em nenhuma briga que acabasse em beijos, ou reconciliações apaixonadas.

– Você é ocupado demais para passar mais tempo se escondendo do mundo – disse ela, o que era a mais pura verdade. – Até mesmo aqui.

– Como você mesma pontuou na noite passada – falou ele, com a voz abafada –, a vantagem de empregar os melhores profissionais do mercado está em poder, ocasionalmente, delegar responsabilidades a eles.

Ela sorriu, mas foi um sorriso vazio que ele não retribuiu.

– Cayo…

Ela mordeu o lábio inferior e viu os olhos dele escurecerem em um misto de dor e paixão, e o coração dela se apertou dentro do peito. Se começasse a chorar agora, talvez não conseguisse parar nunca mais.

– Não torne isto mais difícil do que tem de ser – sussurrou ela.

Ele só a olhou, como se fosse feito de pedra. A pequena masoquista dentro dela queria Cayo e só ele, como quer que pudesse tê-lo. O que quer que aquilo significasse. Independente do quanto aquilo a machucasse.

– Isto não tem que ser difícil – disse ele, então.

A sua voz estava muito baixa. Cayo estendeu a mão e acariciou o espaço entre o cós da calça dela e a blusa. Dru respirou fundo, tão sintonizada com ele que o mais leve toque desencadeava a sua paixão, deixando o corpo dela pronto para recebê-lo.

– Acho que você deveria se casar comigo – disse ele.

O mundo parou de repente.

Ela não conseguia respirar. Não ouviu som algum. O ar não se moveu.

De algum modo, porém, conseguiu não desmaiar. Apenas permaneceu lá, olhando para ele.

– O que você disse?

– Não faça esse tipo de joguinho comigo.

Ele tomou o queixo de Dru em sua mão, injetando o seu olhar no dela, vendo coisas demais – e ela não podia permitir uma coisa dessas. Não sobreviveria se ele soubesse que ela o amava. Jogou a cabeça para trás, e ele a soltou, mas não sem lembrar a ambos, sem dizer uma palavra, que ele o havia permitido.

– Você não pode estar falando sério – disse ela, com a respiração e a voz irregulares. Tremendo como se o que ele havia dito fosse algum tipo de terremoto e ela ainda estivesse sofrendo com os efeitos secundários.

– Eu nunca falei tão sério em toda a minha vida.

E aquilo, concluiu ela, era o que mais doía. Aquilo era tudo o que ela havia querido na vida – mais do que ela sonhara ser possível –, mas não daquele jeito.

– Eu não posso – disse ela, quase que em um sussurro.

– Por que não? – perguntou ele na voz que usava quando tentava fazer algum investidor mudar de ideia.

Dru ficou magoada. Por que não podia simplesmente aproveitar aquela oportunidade, perguntou o seu lado masoquista. Afinal, ele podia aprender a amá-la.

Talvez até já a amasse, ao menos na medida em que era capaz de fazê-lo. E será que *talvez* não era suficientemente bom?

Mas havia outra voz lá agora, uma nova.

Frágil e minúscula, mas sua.

– Eu mereço algo melhor. – Ela se ouviu dizer a si mesma.

O efeito em Cayo foi imediato e drástico, embora ele não parecesse se mover. Era como se ela o tivesse ferido além do suportável.

– "Melhor"? – repetiu ele.

Dru quis estender as mãos para tocá-lo, mas não ousou fazê-lo. Havia um nó em sua garganta e em seu peito, e não tinha nada que ela pudesse fazer.

– Eu tenho que cumprir uma promessa que fiz ao meu irmão – sussurrou ela. – Nada é mais importante que isso.

Nem mesmo você, pensou Dru tristemente, embora tudo dentro dela se revoltasse contra aquilo.

– Case-se comigo. – Aquilo foi menos um comando e mais um pedido. – É a única solução. – Quando ela só olhou para ele por entre olhos cada vez mais turvos, ele pareceu quase desesperado. – Eu não saberia perder você – disse ele, quase que em um sussurro. – Não posso.

– Você vai ter que aprender.

– Dru…

– Eu não posso Cayo. Nem mesmo por você.

– Dru.

Até mesmo o modo de ele dizer o seu nome doía. Como se o tivesse ferido mortalmente. Ele tomou o rosto dela em suas mãos, e foi então que ela notou as lágrimas molhando o seu rosto, apesar de seus esforços.

Mas ele não a amava. Nem mesmo fingia amar. *Ele não amava ninguém.* Portanto, ela podia se rasgar em mil pedaços, partindo agora, ou ficar e se casar com ele, e ir desmoronando aos poucos, ano após ano, até realmente odiá-lo como desejara poder odiar duas semanas atrás.

– Eu não sou o monstro que você pensa – disse ele, suave e intenso, cravando uma adaga em seu coração.

– Suas duas semanas acabaram Cayo. – Aquela foi à coisa mais difícil que ela já havia feito na vida. O maior sacrifício. Ela deu um passo para trás, viu as mãos de ele baixarem e soube que nunca sararia daquela dor. – Você tem que me deixar ir embora.

CAPÍTULO NOVE

SE AQUILO era gostar de alguém, pensou Cayo algumas semanas depois de ter retornado de Bora Bora e Dru o haver deixado sem olhar para trás, ele estivera certo em desencorajar o desenvolvimento daquele sentimento durante toda sua vida adulta.

Quando eu decidir sabotá-lo, dissera ela, certa vez, *não haverá nada de passivo nisso*. Ele não pôde deixar de se perguntar se era àquilo que ela havia se referido. Aquela sensação… dolorosa de perda que tingia tudo de cinza.

Ele olhou feio para um dos muitos vice-presidentes do outro lado da sua ampla mesa em Londres, e conseguiu, de algum modo, conter o seu impulso de voar no pescoço do homem.

– Não compreendo por que estou tendo esta conversa com você – disse ele, friamente, tamborilando sobre o tampo de vidro da mesa. – Eu o contratei para tomar esse tipo de decisão sozinho.

Sabia que estava deixando de obter os resultados que Dru podia ter obtido com alguns poucos sorrisos e uma palavra de apoio, mas não tinha o menor talento para aquilo.

Dru havia desaparecido completamente depois que o seu avião tocara o solo britânico, exatamente como prometera fazer. Ele ainda não conseguia acreditar.

– É claro… – gaguejou o vice-presidente, em frente a ele. – É que você sempre quis saber de todos os detalhes das negociações em potencial...

– Isso foi antes – disse Cayo, com um suspiro, esfregando as têmporas. – Se isso for tudo…?

Ele se recostou em sua cadeira por trás da enorme mesa e observou o outro homem sair para a segurança da parte externa do escritório. Então, como um relógio, sua nova assistente surgiu, junto à porta, a fim de lhe passar sua agenda e mensagens.

Claire era tudo o que qualquer pessoa podia querer em uma assistente pessoal. A agência a havia enviado no dia em que ele voltara da Polinésia Francesa, e ela se saíra muito bem desde então. Aprendia rápido, estava ávida por agradar e não tremia cada vez que ele falava, como tantos de seus executivos. Era até bonita e sabia deixar os investidores em potencial e diferentes clientes à vontade. Ela já estava com ele há um mês e ele ainda não havia detectado nenhum furo sequer.

Exceto um. Ela não era Dru. Não sabia como ele gostava do seu café, menos ainda como acalmar os membros de seu exigente conselho com aparente facilidade. Ele não lhe fazia perguntas nem pedia a sua opinião a respeito dos negócios. Nunca supusera que ela tivesse algum interesse genuíno nas longas conversas ao telefone com os executivos.

Dru fora muito mais que uma assistente pessoal para ele. Fora sua parceira.

E ela já não estava mais presente agora, como se nunca tivesse feito parte da Vila Group. Como se nunca tivesse estado com ele.

O que havia esperado? Continuava se fazendo aquela pergunta, sem nunca chegar a uma resposta. *Dru o odiava*. Ela lhe dissera isso. Então ele tinha realmente acreditado que o sexo poderia mudar aquilo? Ou que aquilo pudesse mudar quem ele era... Quem sempre fora? Aquele monstro que nem mesmo sabia quando estava acabando com a vida da única coisa que realmente valorizara?

– Senhor Vila? – perguntou Claire. Uma nota em sua voz sugeriu que aquela não era a primeira vez que ela dizia o seu nome. – Devo colocar o Sr. Young na linha?

Ele não estava sendo ele mesmo. Não o vinha sendo há algumas semanas e sabia muito bem daquilo.

– Sim – resmungou Cayo.

Não era culpa dela não ser Dru. Ele tinha que lembrar a si mesmo daquilo. Várias vezes por dia.

Cayo cuidou do assunto com sua habitual falta de tato, ou clemência, e quando acabou se flagrou junto à grande janela que dava para a cidade. Olhava para a deprimente chuva britânica por vários minutos antes de lhe ocorrer que vinha fazendo aquilo com excessiva frequência, ultimamente.

Estava irritado consigo mesmo. Havia sofrido quando o seu avô o expulsara de sua vida? Não. Havia se esforçado e reconstruído a sua vida, trabalhado duro, e com o tempo, chegara a pensar que a traição do avô fora a melhor coisa que lhe acontecera.

Ainda assim, ele olhou pela janela e viu Dru.

Eles haviam estendido uma toalha sobre a areia da praia, certa noite, em Bora Bora, cobertos apenas pela lua cheia e brilhante lá no céu.

Dru se aninhara em seu ombro, ainda ofegante por causa da paixão que os havia feito arrancar as roupas às pressas e espalhá-las pela praia.

– Eu admito – dissera Cayo. – Nunca tive um cachorrinho como você.

– Quer dizer que eu sento e levanto melhor que todas as outras?

– Na verdade, estava pensando no quanto gosto quando você se rende – murmurara ele.

– Cuidado com o que você deseja – dissera ela, suavemente, com uma voz que não combinava com a expressão dos olhos dele.

– Não sei o que você está querendo dizer – respondera Cayo, estendendo a mão para ajeitar uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. – Não há nada de errado em se render. Especialmente a mim.

– É fácil para você dizer isso. Você nunca teve esse prazer.

– É disso que tem medo? – perguntara ele, tranquilamente.

Ela soltara um pequeno som, como se tivesse rido, e então desviou o olhar.

– Meu irmão era um viciado – dissera ela, em tom de voz fraco, porém determinado. – Não sei por que tenho a sensação de traí-lo ao lhe contar isso.

Cayo não dissera nada. Apenas acariciara as suas costas e a mantivera junto de si, enquanto a ouvia. Ela lhe contara tudo a respeito das tentativas de Dominic de se recuperar, de suas inevitáveis recaídas. Contou-lhe como as coisas haviam sido antes, quando ela trabalhara em outros empregos e os deixara para correr até Dominic, só para ele mentir e partir o seu coração, repetidas vezes. Sobre o quão próxima tinha sido do irmão gêmeo outrora e como, por muito tempo, a única coisa que eles tiveram no mundo fora um ao outro.

– Mas isso não era exatamente verdade porque ele também tinha os seus vícios – dissera ela. – E sempre acabava por sucumbir a eles, por mais que alegasse que não queria fazê-lo. E então, um dia, ele simplesmente não conseguiu mais voltar.

Ele se virara e a rolara até ela deitar de costas de modo que pudesse olhá-la, avaliando o seu rosto, seus olhos.

Ela estendera a mão, cuidadosamente, como se ele fosse algo precioso para ela. Traçara a linha do maxilar dele, seu nariz, até mesmo a forma das sobrancelhas com a ponta dos seus dedos, e então os passou pelos lábios dele, curvando a boca levemente quando ele a mordiscou.

– Incapaz de resistir àquilo que você sabe que irá destruí-lo.

– Dru – dissera ele, franzindo a testa. – Você certamente não acha...

Mas ela não o deixara terminar. Silenciara-o com um beijo quente e se movera contra ele, seduzindo-o com relativa facilidade. Ele havia se esquecido de tudo, até agora.

Estaria advertindo-o? Teria sabido que ia se infiltrar no sangue dele daquele jeito, envenenando-o, transformando-o em um estranho para si mesmo? Cayo franziu a testa, olhando para a chuva. Pela primeira vez, em quase 20 anos, ele se perguntou se valia à pena ter construído todo aquele enorme império. Seria capaz de trocar tudo aquilo, hoje, para ficar com ela.

O interfone tocou alto, atrás dele. Cayo não se moveu. Não sabia mais se estava furioso ou se havia se transformado em um resto do homem que tinha sido.

Ele precisou de todas as suas forças para não colocar uma equipe de investigadores atrás dela para rastrear todos os seus passos, exatamente como o tolo ciumento e obsessivo que ela o havia acusado de ser. Ela lhe dissera que ele precisava aprender a perdê-la e ele descobrira que aquela não era uma lição que estivesse interessado em dominar.

Você tem que me deixar ir embora, dissera ela. E ele deixara, mesmo que aquilo quase o tivesse matado, o mantido desperto todas as noites desde então, e arruinado os seus dias. Ela era a única coisa de que ele havia aberto mão na vida.

E aquilo parecia o maior de todos os seus fracassos.

Cayo não conseguia perdoar a si mesmo, nem a ela, por ter feito aquilo com ele. Por tê-lo transformado naquela criatura fraca e destruída.

E o pior de tudo, por tê-lo permitido *gostar dela*.

DRU NÃO tivera tempo de se jogar na posição fetal sob a coberta, assim que retornara à minúscula quitinete, em Clapham, apesar de aquilo ser tudo o que ela queria fazer.

O vôo que ela já havia reservado para Bora Bora partiria em dois dias. Tinha se encontrado com os advogados taciturnos de Cayo na manhã anterior à sua partida e assinado todos os papéis que eles colocaram à sua frente, sem questionar coisa alguma.

Aquela fora a última etapa necessária para recuperar a sua liberdade.

Mais que isso, significara que ele estava permitindo que ela partisse.

Uma parte dela havia imaginado que ele pudesse bancar o Godzilla, rugindo e se agitando, exigindo que ela ficasse mais duas semanas, ou prendendo-a naquele casamento que tinha lhe proposto. *Alguma coisa.* Mas ele permitira que ela o deixasse no aeroporto, em um dia inglês frio, e tão

deprimentemente *real* que ela quase se perguntara se Bora Bora, o iate no mar Adriático, Milão, e tudo o mais, realmente haviam existido.

Cayo Vila, que nunca cedia, nunca havia ouvido a palavra *não*, finalmente a deixara partir.

Exatamente como ela havia lhe dito para fazer, lembrara a si mesma.

Exatamente como tinha lhe pedido.

E então ela havia voltado para casa, pegado cuidadosamente a lata com as cinzas de Dominic, fechado-a com uma fita adesiva, embrulhado e colocado em sua bolsa.

A viagem havia sido terrível. Quando, finalmente, chegara ao hotel, na parte sudeste da principal ilha de Bora Bora, longe da ilha particular de Cayo, fora impossível não fazer comparações. Ela dissera a si mesma que não se importava. Que havia ido até lá a fim de realizar uma tarefa específica e não era nenhuma princesa para achar o seu pequeno quarto, com vista para um jardim, *deprimente*.

Tinha ficado furiosa consigo mesma, e com Cayo, por tê-la mimado daquele jeito. Ela havia se acostumado a todo o luxo de que ele se cercava.

Precisara de uma semana para se refazer minimamente daquelas duas semanas intensas passadas com Cayo, mas estava finalmente pronta. Certa tarde, ao pôr do sol, ela pegara um dos caiaques e levara as cinzas de Dominic consigo e as lançara naquela linda e pacífica lagoa, enquanto o céu explodia em tons de laranja e rosa, cumprindo a promessa que fizera ao primeiro homem a quem havia amado, e que sempre amaria.

– Como eu desejaria ter podido salvá-lo – sussurrou ela em direção à água, ao céu e ao mar. – Como gostaria de ter tentado com mais afinco.

Ela se lembrou da risada deleitada do irmão que ela nunca se cansava de ouvir. Pensara em seu olhar malicioso e divertido, tão mais brilhante e vivo que o dela e então, algumas vezes, tão mais apagado. Ela pensou no seu corpo excessivamente magro, seu cabelo escuro, suas mãos de poeta e na tatuagem em seu ombro de dois beija-flores, que lhes representava, conforme ele havia lhe dito, certa vez.

Livres e voando, para sempre.

– Como eu gostaria de saber o que aconteceu com aquela nossa foto de quando éramos bebês – dissera ela, sorrindo diante da lembrança do antigo fotógrafo. – Ainda não sei quem era quem naquela imagem.

Pensara em sua mãe, tão aterrorizada com a sua solidão que qualquer homem serviria, por mais vil que fosse. Pensara em todos aqueles anos em que haviam sido apenas ela e Dominic contra o mundo e em como sentiria a falta dele pelo restante de seus dias.

Dru se permitira chorar pela família que havia perdido, pelos seus filhos em potencial que jamais viriam a conhecer o tio, e todo o restante de sua vida estendendo-se diante dela sem nada de seu irmão gêmeo, a não ser o que ela carregava consigo, dentro dela.

O que não era suficiente a pensara, então, com amargura.

Nunca seria.

– Você levou parte de mim com você, Dominic – disse-lhe ela enquanto a escuridão a envolvia. – E eu nunca o esquecerei. Prometo.

Quando todas as cinzas já se haviam ido, ela fizera o caminho de volta para o hotel, onde, finalmente, se enroscara na cama, cobrira-se até a cabeça e desabara.

Ela havia passado dias por lá. Chorara até ficar cega com as próprias lágrimas. Deixara tudo sair para, por fim, desabar a terrível tempestade que vinha carregando consigo por tanto tempo. O pesar de tantos anos, a dor e a fúria e todas as mentiras que havia contado a si mesma a respeito de suas motivações. Quanto tinha amado Dominic e sim, para a sua vergonha, o quanto, algumas vezes, também o havia odiado. Chorara por tudo o que perdera, por como estava sozinha, e por como não sabia o que fazer de sua vida, agora que não tinha mais pelo que sobreviver, nem propósito algum a alcançar.

Mas um dia ela se sentou, abriu as janelas e deixou a brisa entrar.

Ela respirou fundo. Havia tomado o seu chá na bela praia do hotel, e se sentiu renascer.

Já estava na hora de enfrentar a verdade a respeito de seus sentimentos por Cayo.

– Eu sou tão assustador assim? – perguntara ele naquela noite, em Cádiz. O restaurante estava lotado e muito barulhento, e o braço dele roçara no dela, na mesa onde estavam sentados pertinho um do outro.

– Acho que você se orgulha de ser o mais assustador possível – respondera ela, sorrindo. – Afinal, você tem um nome a zelar.

– Tenho certeza de que em algum lugar, debaixo disso tudo, eu não passo de um pedaço de argila à espera de alguém que me molde – dissera ele, com aquele quase sorriso se aprofundando cada vez mais.

– Um metal talvez, mas barro, jamais – comentara-a, rindo.

– Eu me curvo diante da sua sabedoria superior – falara ele, agitando o seu xerez, olhando intensamente para ela.

Dru se sentira enrubescer, desconcertada, mas aquilo lhe parecera certo, mesmo assim.

Cayo, então, se inclinara e murmurara junto ao seu ouvido:

– O que eu faria sem você?

Ela sabia muito bem o que ele faria sem ela, pensou Dru agora, olhando para o céu perfeito e para aquela gloriosa lagoa, nenhum dos dois parecendo-lhe tão brilhante quanto antes, sem Cayo. Ele devia estar à frente de seus negócios, implacável, enquanto ela estava destroçada pela sua ausência.

E aquilo não parecia melhorar independentemente de quantos dias se passavam.

Ela se sentou em seu assento apertado, no vôo da Air Vila, de Los Angeles para Londres, olhando para a foto dele na contracapa da revista ofertada no avião, achando que seu coração ia se partir em dois. *Eu não posso fazer isso*, pensou ela então, secando as lágrimas antes que elas molhassem o seu vizinho que roncava. Não podia viver o que ainda tinha para viver sabendo que só voltaria a vê-lo naqueles dolorosos e distantes vislumbres. Na televisão, ou nas revistas, porém nunca mais na sua frente. Nunca mais suficientemente próximo para que ela pudesse tocá-lo, saboreá-lo, provocá-lo.

Fora e ainda era apaixonada por ele, por mais que desejasse não sê-lo e estava começando a acreditar que aquilo jamais mudaria. Ela se sentia menor sem ele.

Já de volta à quitinete, em Londres, ela tentou dizer a si mesma que ainda tinha toda a sua vida pela frente, que só precisava escolher um caminho para seguir e o mundo seria seu. Acordou na manhã seguinte em busca de pistas para o seu próximo capítulo, mas tudo lhe pareceu frio e vazio. Sem sentido.

A lembrança de Cayo ainda a assombrava, naquele minúsculo apartamento que ele nunca havia visitado, em uma manhã brilhante que não deveria ter nada a ver com ele. Seus olhos se fecharam quando ela estava junto à pequena geladeira e ela o viu. Olhos intensos cor de âmbar. Aquele rosto feroz, implacável, com aquele nariz reto e aquela boca cruel, impossível. Ela o *sentiu*. Não podia respirar sem imaginar as mãos dele sobre a sua pele, o seu sorriso, o som de sua voz dizendo o seu nome.

Importava mesmo como ele pudesse querê-la, contanto que a quisesse? Dru se flagrou andando de um lado para outro na pequena cozinha, desejando ter lidado de outra maneira com a situação em Bora Bora. Desejou que ele tivesse mentido e lhe dito que a queria que precisava dela, e não apenas como sua assistente. Ela poderia não ter acreditado nele, mas teria querido fazê-lo, e talvez aquilo tivesse sido suficiente.

Mas não podia se casar com Cayo se ele nem mesmo pudesse fingir que a amava.

– Uma moça tem que ter seus padrões de conduta – disse ela em voz alta, balançando a cabeça, e lá estava sozinha, prestes a voltar para um homem que nunca a amaria como ela merecia.

Mas aquele era o problema. Dru não queria simplesmente ser amada. Ela queria ser amada *por Cayo* e não via sentido em viver sem ele. Talvez uma sobra de Cayo fosse realmente melhor que nada, já que nada mais serviria. A ideia de outro homem era risível. A verdade era que ela não conseguia nem mesmo lembrar por que havia ficado tão zangada com ele, ou porque ficara tão desesperada por se afastar dele. Aquelas semanas sem vê-lo foram as mais longas de sua vida desde que começara a trabalhar para ele, há cinco anos. Ela ansiava por um olhar de Cayo, pelo som de sua voz impaciente. Sentia falta *dele*.

Ele podia não querê-la do modo como ela desejava. Podia tê-la pedido em casamento apenas para manter algo que não queria perder, mas não era aquilo que lhe doía mais, e sim ficar sem ele.

Seu amor por ele era maior que o seu amor-próprio, ainda que aquilo fizesse dela uma tola igual à mãe, uma mulher triste, destinada a uma vida de *migalhas*.

DRU ADENTROU novamente a vida dele e o seu escritório em uma tarde de quarta-feira, usando um estilo casual chique, despreocupadamente elegante e o cabelo preso em um rabo de cavalo baixo.

Era evidente que havia passado mais tempo sob o sol e que aquilo combinava com ela. Mostrava um brilho saudável e seus olhos estavam claros quando cruzaram os dele.

Minha, pensou ele, tomado de desejo.

Ele quis colar a sua boca sobre a dela. Quis estar dentro dela. Em vez disso, porém, enfiou as mãos nos bolsos e permaneceu atrás da mesa, olhando para ela, tentando conter a fúria de seu desejo.

– Eu sei que você detesta quando as pessoas aparecem sem marcar – começou Dru com aquele tom de voz calmo, que o assombrara por semanas. – Eu peço desculpas – disse ela, com aquele seu maldito sorriso que ele odiava. – Sua nova assistente parece adorável.

– Ela é perfeita – concordou Cayo, quase que com um rugido. – A melhor assistente pessoal que eu já tive.

– Fico feliz em saber disso – falou ela, muito agradavelmente, como se ele fosse apenas mais um homem rico que ela tivesse que aplacar. Como se estivesse trabalhando. – Porém, se a memória não me falha, você não é muito adepto a este de elogios, o que o torna sem sentido, eu diria.

Ele não disse coisa alguma. Não podia.

– Eu voltei a Bora Bora, conforme o planejado – disse ela, procurando o olhar dele, embora Cayo não soubesse por quê.

– Espero que o seu vôo tenha sido agradável. – Ele não pôde conter aquele tom irônico nem o modo como sua sobrancelha se arqueou. – Vôo comercial?

– Levei mais de 40 horas.

Ele deveria ter respondido. Seus olhos cruzaram os dela como se Dru o estivesse simplesmente encorajando a conversar com ela, com se ele pudesse ter feito aquilo antes. Mas ele não podia. Ela o havia deixado. Ele havia permitido que ela partisse.

E ainda não conseguia compreender nenhuma daquelas coisas.

E acima de tudo ainda a queria. Simples assim.

Apesar de saber exatamente o quanto querê-la o havia destruído.

– Dru – disse o nome dela com toda a fúria, denunciando todo o desejo que ainda sentia, sem nem mesmo se importar como aquilo a atingiria. – Por que está aqui?

Ele a viu engolir em seco, como se estivesse nervosa, e começou a sentir uma dor física por ainda não estar tocando nela.

– Vim para a entrevista – disse ela, e sua voz não tremeu, mas mesmo assim ele pôde ouvir a emoção que havia nela. Um homem melhor poderia não ter tomado aquilo como uma vitória, mas ele não tinha aquele tipo de pretensão.

– Entrevista? – repetiu ele, em um tom gelado. – Para quê?

Dru ergueu o queixo, e mais uma vez ele pôde ver que ela estava se escondendo.

– Para a minha antiga função, é claro.

Ele havia sonhado com aquilo, exatamente daquele jeito, e não pôde conter um sorriso.

Mas ela não se quebrou. Não a sua Dru.

– Eu gostaria de reaver o meu antigo emprego – disse ela, muito distinta e educadamente. Ela cruzou as mãos à sua frente como a passiva e obediente funcionária que sempre fingira ser e seguiu diretamente para as mãos dele com a cabeça erguida. – Estou disposta a implorar, caso seja necessário.

CAPÍTULO DEZ

ELE A olhou como se quisesse estraçalhá-la com os dentes e Dru lutou para se controlar.

– Se quiser mesmo implorar, não sou eu quem vai detê-la – disse Cayo, depois de um longo momento, embora os seus olhos cor de âmbar brilhassem. – Pode começar se ajoelhando.

Ela se lembrou daquele dia em Bora Bora, com riqueza de detalhes. Lembrou-se de ter rastejado até ele pela madeira polida, sorrindo para ele por entre as pernas fortes, querendo-o mais do que a sua próxima respiração. E ainda o queria. Um calor subiu pelo corpo dela, e Dru temeu ter ficado com o rosto em brasa. Os olhos dele haviam se estreitado e aquecido, e ela soube, sem sombra de dúvida, que ele estava se lembrando da mesma coisa.

– Doces lembranças – disse ele, provocando-a deliberadamente, mas ela não pareceu reagir do mesmo modo que antes.

Agora que sabia exatamente o que podia fazer com cada centímetro daquele seu belo corpo, ela se flagrou sem voz.

Cayo saiu de detrás da mesa e foi até a frente dela, apoiando-se de modo a permanecer a poucos centímetros. Dru se conteve para não se afastar nem esboçar qualquer reação.

– Conte-me – disse ele, naquela sua voz suave, extremamente perigosa. – O que aconteceu para que você quisesse se candidatar novamente a um emprego que quis tão desesperadamente deixar? Como vai ser da próxima vez que decidir que me odeia? O que vai jogar na minha cara?

– Talvez eu tenha sido apressada – falou, antes que perdesse o que ainda lhe restava de bom senso e lhe implorasse para possuí-la, como bem entendesse. – Talvez tenha permitido que o meu pesar pela perda de meu irmão afetasse o meu julgamento.

Ele a olhou por um longo momento.

– A vaga já foi preenchida – informou Cayo, com frieza. – Você estava certa – prosseguiu ele, com o sotaque extremamente acentuado. – Foi ridiculamente fácil substituí-la. Bastou uma simples ligação.

– Oh, eu entendo – disse ela, então, fingindo ser forte. – É a minha última punição?

– E pelo que eu a puniria? – perguntou ele, com uma voz grave e intensa que a atingiu diretamente em seu ventre. – Parece que eu não passei de uma maneira conveniente de você saciar os seus desejos, exatamente como eu a aconselhei a fazer. O que aconteceu, exatamente, para que eu devesse achar que precisava puni-la?

– Nada – disse ela, já tão destroçada a ponto de não sentir mais os efeitos de mais aquela tempestade. – Não aconteceu nada.

Dru inclinou a cabeça na direção dele, se virou e olhou para a porta. Tinha sido um erro ir até lá. Precisava seguir em frente, por mais que lhe doesse sequer pensar aquilo. Com o tempo, ela se recuperaria de tudo aquilo. É claro que se recuperaria. As pessoas se recuperavam de desilusões amorosas o tempo todo.

Ela também conseguiria.

– Ainda há uma vaga em aberto – disse ele, por trás dela, em um tom quase satisfeito que a deixou toda arrepiada.

Dru se deteve e se odiou por isso. *Você não passa de uma viciada*, repreendeu-a sua voz interior. *Como o seu irmão, e igualzinha à sua mãe. Aceitaria qualquer punição que ele lhe infligisse.*

– E que função é essa? – perguntou Dru, distante, como se estivesse em outro lugar, longe dali. – Seu saco de pancadas particular?

– Minha mulher.

Ela se sentiu estapeada, como da outra vez, na ilha, só que daquela vez estava muito fraca. Já havia se quebrado em mil pedaços para ir até lá. Aquele tinha sido apenas mais um golpe. Por um momento, pensou que sucumbiria às lágrimas que ameaçavam rolar de seus olhos, mas piscou repetida e furiosamente para afastá-las, e então se virou para ele.

As sobrancelhas dele estavam arqueadas, desafiadoras e autoritárias. Toda a tensão, toda a dor, mágoa e o desejo pareciam pairar no ar, entre eles. Os olhos dele estavam em chamas e ela não parecia conseguir reunir o orgulho e o instinto de autopreservação necessários para conseguir rir daquele pedido de casamento torto.

Ele não havia dito que precisava dela, nem que a queria. Não tinha dito que a desejava nem que aquilo era difícil para ele.

Parecia o mesmo de sempre.

Intocável. Implacável. O homem mais perigoso que ela já havia conhecido.

– Sua mulher – disse ela, como se mal reconhecesse a palavra. Ela mal conseguia falar graças ao nó em sua garganta. – E o que envolveria essa posição, exatamente?

Aquele brilho predatório surgiu novamente em seu olhar. Por trás dele, a chuva começou a bater na vidraça e o céu ficou escuro, conferindo-lhe um caráter ainda mais elementar.

– Tenho certeza de que vamos pensar em alguma coisa – disse ele, em um tom de voz que a fez lembrar-se das vezes em que a havia possuído. O ajuste perfeito. A eletricidade. A fúria que a fazia esquecer completamente de si mesma.

– E até quando vale esse acordo? – perguntou ela, com a voz densa. – Você é conhecido por ser volúvel.

Ele se afastou da mesa e caminhou na direção dela, como uma arma letal apontada diretamente para ela, e Dru teve que se conter para permanecer imóvel. Para não correr na direção oposta nem na dele.

– Eu tenho pensado em muito pouca coisa desde o dia em que você entrou aqui e pediu demissão – disse ele, aproximando-se demais, obrigando-a a olhar para ele. – Eu jamais quis que você deixasse este lugar. Não é a minha volubilidade que está em questão aqui, é?

– Eu não posso me casar com você – falou ela, decidida.

Desesperada, na verdade.

Ele baixou as sobrancelhas.

– Está interessada em alguém mais rico? Mais poderoso? – Ele não riu ao dizê-lo. Não precisava. Sua voz ficou ainda mais grave, apesar de sua boca se curvar naquele frio e zombeteiro fac-símile de sorriso. – Melhor de cama?

– Amor – revelou, ouvindo-se dizer para seu grande horror. Mas não havia como desdizê-lo, nem mesmo quando ele a olhou como se ela tivesse lhe atirado outro sapato na cabeça e acertado o alvo daquela vez. – Não faz sentido se casar sem amor.

– É claro – bufou ele, com uma expressão que ela nunca havia visto antes, distante e terrível, como se lhe tivessem arrancado o coração do peito. Mas aquele era Cayo.

A boca dele se contorceu.

– Você já deixou a sua opinião bem clara. Em sã consciência, jamais se casaria com um monstro como eu.

Embora aquelas palavras fossem as mais amargas que ela já havia ouvido, a ponto de fazer com que ela se contorcesse, ele chegou ainda mais perto. Estendeu a mão e acariciou a ponta sedosa do rabo de cavalo, puxando-o por cima do seu ombro. O toque suave contrastava com a agressividade contida em seu olhar, e ela se lembrou daquela noite no terraço gelado, em Milão, em que ele fizera mesma coisa. Quando a fizera acreditar que havia algo mais entre eles do que uma simples atração sexual.

Ela se lembrou de quando chegara a pensar em se deixar afundar para não ter que enfrentar aquele homem que lançava uma sombra sobre toda a sua vida. Que a havia acusado de se esconder dele, repetidas vezes, e lá estava ela, escondendo dele a mais importante de todas as verdades. O que, efetivamente, ela estava protegendo?

Dru não tinha nada nem ninguém. Estava completamente sozinha. Não tinha nada a perder.

– Eu não o acho um monstro, Cayo – sussurrou ela, sentindo-se à beira de um precipício muito alto rumo ao nada. – Eu o amo. – Ele permaneceu aterrorizantemente imóvel. – E você gosta de colecionar coisas – prosseguiu ela, sem se importar com a emoção contida em sua voz por conta das lágrimas não derramadas que pressionavam a sua garganta. – Você é muito bom nisso. Fica obcecado por algo durante algum tempo e então o abandona em busca de outra obsessão. – Ela balançou a cabeça e deu um passo para trás. – Não posso culpá-lo por isso. Conheci o seu avô. Mas como posso me casar com você se não retribuiu o meu amor?

– Dru... – começou ele, mas sua voz parecia a de um estranho, e ele a olhava como se ela tivesse se transformado em um fantasma, bem ali, à sua frente, e ela soube que estava na hora de ir embora.

Que nunca deveria ter ido até lá.

Que havia se traído mais uma vez.

– Você não precisa dizer coisa alguma – falou ela. – Eu deveria ter me mantido a distância. Sinto muito.

E então ela se virou e foi embora. Pela última vez.

CAYO RASTREOU os passos dela e descobriu o seu endereço. Uma quitinete, em Clapham, do outro lado da cidade. Estava tão zangado com ela que sua cabeça parecia estar pegando fogo.

Ele bateu com força na porta, nem mesmo tentando fingir ser educado.

– Sei que você está aí – gritou ele, do lado de fora da porta. – Eu a vi entrar no prédio há menos de cinco minutos.

Ele ouviu o barulho das chaves dela. Dru abriu a porta e o olhou com uma expressão grave. Seu rosto estava afogueado de emoção, fazendo os olhos dela

brilharem. Cayo estava cansado de jogar limpo. Ou, pelo menos, de tentar fazê-lo. Havia permitido que ela fosse embora, não é? O que mais deveria ter feito? Fora ela quem voltara, deixando perfeitamente claro que ele havia sido um tolo. Que deveria ter ignorado o que ela lhe dissera. Que ele nem sequer deveria ter permitido que ela partisse da primeira vez.

– Você não é bem-vindo aqui – disse ela, naquela voz fria que só fazia com que ele a quisesse ainda mais. – Vá embora.

– Não posso fazer isso – afirmou ele, indo a sua direção.

Dru recuou, aterrorizada, suspeitou ele, temendo que Cayo pudesse tocá-la e provar que ela estava mentindo. Ele simplesmente abriu caminho com o seu ombro, entrou no apartamento e fechou a porta.

E então eles ficaram sozinhos. Nenhuma nova assistente na parte externa do escritório. E ele estava bloqueando a única saída. Cayo notou precisamente o momento em que ela se deu conta daquilo e sorriu.

O lugar era minúsculo, mas extremamente bem arrumado.

Era ali que ela dormia. Onde sonhava. Onde imaginava a sua vida sem ele, mesmo declarando estar apaixonada.

Ela ia pagar por aquilo também, prometeu ele a si mesmo.

– Este é o meu espaço. Não é uma das muitas coisas que lhe pertencem, onde você pode entrar e sair quando bem entende. Sou eu quem decide o que acontece aqui, e eu quero que você vá embora.

– Eu não vou embora – disse ele. – Nem estou planejando fugir se as coisas ficarem intensas, ao contrário de certas pessoas.

Ele adentrou mais o recinto, sombriamente divertido pelo modo como ela se esquivou, ou ao menos tentou fazê-lo, já que não havia para onde fugir. Ele pegou um dos porta-retratos sobre a estante estreita no alto de sua cabeceira. Uma Dru mais jovem e um rapaz pálido e magro, igualzinho a ela, com o mesmo cabelo escuro e aqueles mesmos olhos cinza.

Dru estava olhando para a câmera, com um leve sorriso nos lábios, enquanto seu irmão passava um braço em torno do seu pescoço e ria. *Eles pareciam felizes*, pensou ele. Verdadeiramente felizes.

Seu peito se apertou ainda mais.

– Eu não *fugi* – protestou ela, arrancando a fotografia da mão dele e apertando-a contra o peito por um momento, antes de recolocá-la no lugar. – Não fazia mais sentido prosseguir com aquela conversa. E ainda não faz. Isso dói demais.

– Tudo o que você faz é fugir – contradisse ele, sem ao menos tentar conter a dureza do tom de voz. – Você saltou daquele maldito iate. Exigiu que eu a deixasse partir. Você foi embora do meu escritório. E isso sem contar as diversas vezes que fugiu sem sequer sair do recinto.

– Isso se chama instinto de sobrevivência. Eu farei o que for preciso para sobreviver, Cayo, inclusive saltar desta janela...

– Prometo que se tentar fugir de mim outra vez – o interrompeu, injetando o seu olhar no dela, sem deixar espaço para que ela argumentasse –, eu a trancarei na torre mais próxima e jogarei a chave fora.

– Outra ideia excelente. Com toques de Rapunzel. Infelizmente, nenhuma das suas 16 propriedades tem uma torre.

– Nesse caso, eu construirei uma.

Eles se encararam por um longo momento. Como aquela mulher fazia aquilo com ele? Mesmo agora, tudo o que ele queria era jogá-la sobre o seu ombro e levá-la para a cama, sem se importar com o que ela achava daquilo.

Cayo sabia o que ela *sentiria*, e aquilo estava se tornando rapidamente a única coisa que importava para ele. Dru estava de pé, na pequena sala de estar, de braços cruzados, e as botas que ela havia tirado jaziam ao lado da poltrona.

Ele a queria com tamanha intensidade que chegava a doer.

– O que você quer Cayo?

– Eu quero você – disse ele, sustentando deliberadamente o olhar dela. – Isso não mudou Dru, e acredito que jamais mudará.

Ela empalideceu e mordeu o lábio inferior. Ele queria colocar as mãos nela. Queria enterrar o rosto em seu cabelo e inalar a sua doce fragrância. Queria segurar os ombros delgados dela em suas mãos. Queria ser a cura para a sua dor e não a sua causa.

Mas ele nunca soubera fazer aquele tipo de coisa. Nunca tentara. Não sabia sequer como começar, e tudo o que ela fazia era fugir.

Contudo, Dru o amava. E aquilo era como uma luz brilhante em que nunca existira nada além de escuridão.

– Eu estava falando sério no escritório – sussurrou ela. – Eu não deveria ter voltado. Se você for embora agora, nunca mais me verá outra vez.

– Eu acredito em você. – Ele mal estava conseguindo evitar tocá-la. – Mas não estou preparado para ver você se martirizar. Não por mim.

– Eu não sou nenhum mártir – disse ela em tom grave.

– Tem certeza? – A voz dele estava maviosa, perigosa e exigente. E ele não recuou um centímetro sequer. – Eu posso ver as chamas dançarem ao seu redor, enquanto você arde na fogueira por sua escolha.

Ela não conseguia compreender o que estava acontecendo nem conter aquele nó no estômago.

– Eu não tenho ideia do que você está falando – disse ela, em um fio de voz.

Cayo foi até Dru, fazendo com que ela fosse até as janelas frias, do outro lado da sala. Bastaram três passos, e então o vidro frio estava contra as costas dela, e Cayo estava na parede à sua frente, mais perigoso que qualquer outra coisa no mundo.

– O que você disse a si mesma? – perguntou ele. – Você chorou por minha causa, Dru? Pelo homem que não pode retribuir o seu amor? Você esqueceu que eu também a conheço?

– Está caçoando de mim? – perguntou ela, incrédula. Não sabia ao certo se era raiva ou angústia o que estava sentindo. – Quer dizer que você é realmente um monstro, afinal?

Os olhos cor de âmbar dele brilharam com algo que não era exatamente malícia, algo que a fez perder o fôlego.

– Que conveniente para você – disse ele. – Encontrar alguém para amar tão valentemente e de longe.

As palavras dele a atingiram em cheio. Dru ouviu a si mesma gemer e sentiu suas pernas fraquejarem. Ela tentou se desvencilhar, mas Cayo não arredou pé e continuou olhando para ela.

– Você só ama quem nunca a ama de volta – disse ele naquele mesmo tom, tão calmamente, como se não soubesse o quão devastador aquilo estava sendo para ela. Como se ele não pudesse ver o que estava fazendo com ela, ou mais

provavelmente, não se importasse. – Você organiza a sua vida em torno de objetos distantes e inalcançáveis.

– Você... – Ela mal conseguia falar. – Você não sabe do que está falando.

– Não sei? – Ela viu as sombras nos olhos dele e a escuridão que por lá espreitava. – Você me ama, Dru? Ou acha que só pensa que ama porque acredita que não há o menor perigo de eu retribuir o seu sentimento? Você jamais se arriscaria, não é? Aprendeu a fingir sofrer pelo seu grande amor permanecendo para sempre sozinha. Hermeticamente. A perfeita mártir. – Ele se deteve, com um brilho nos olhos, e sua voz ficou mais grave. – Exatamente como fez com o seu irmão.

Ela ergueu uma das mãos trêmula e se apoiou na parede, com as pernas bambas.

Mas ele foi implacável, com seu, sobretudo voando em torno dele, como uma capa, e o terno colado aos músculos firmes de suas coxas. Um deus perfeito e impiedoso, submetendo-a a seu terrível julgamento.

– Você não tem ideia do que é o amor.

Dru olhou para ele pelo que pareceu ser uma eternidade, excessivamente abalada para sequer chorar. Estava se sentindo devassada, como se ele fosse à luz que tivesse iluminado a escuridão de seu interior.

– E você tem? – perguntou ela, por fim.

Os olhos de Cayo eram puro fogo e ouro derretido, queimando-a viva. Ele tomou a mão dela na sua, e em vez de evitar o contato, ela se deleitou na sensação da pele dele contra a sua, depois de todo aquele tempo.

– Deixe-me lhe dizer o que você sabe – disse Cayo, com a voz grave e intensa, carregada de urgência. – Eu a quero de um jeito que não consigo compreender. Posso viver sem você, mas não quero. Não entendo por que deveria fazê-lo.

– Cayo...

– *Cállate* – ordenou Cayo, virando-se e baixando as mãos dela. Dru as cruzou sobre o que restara do calor dele. – Eu tentei. Deixei que você partisse. *Você voltou*. Você só ama o que não pode ter, e eu nunca fui outra coisa que não um monstro para você. Eu jamais quis ser outra coisa que não eu mesmo. Até agora.

Algo se avolumou no espaço entre eles, frágil e novo. Dru sentiu as lágrimas rolarem pelo rosto, mas não fez movimento algum para secá-las. Só conseguia enxergar Cayo diante de si. E assim como os beija-flores que Dominic havia tatuado em sua pele, ela sentiu algo se elevar timidamente dentro de si, como um dom, uma esperança, fazendo com que aquela terrível caverna em que ela vinha vivendo há tanto tempo finalmente começasse a se iluminar.

Ela não queria mais saber de dor. Não queria mais alimentar aquele traço masoquista de sua personalidade. Tudo o que queria era ele. Sempre quisera. Estava cansada de se esconder. Já era à hora de parar com aquilo.

Daquela vez foi ela quem estendeu a mão. Ela se inclinou para frente e passou as mãos pelo maxilar severo de Cayo, e então segurou o rosto feroz, impossível, entre as mãos. Dru sentiu o calor dele se mover por ela, aquecendo-a de dentro para fora.

– Se eu não sou uma mártir – disse ela em voz baixa, mas forte – e você não é um monstro, então quem você acha que somos?

– Essa é a questão – falou ele, erguendo as mãos para cobrir as dela, seu olhar se derretendo no dela, enquanto o mundo girava ao redor deles e o fogo que sempre ardera entre eles, soldava-os, um ao outro. – Eu quero descobrir. Com você.

– Acho que nós podemos fazer isso – sussurrou ela, e então o beijou, para selar o seu voto.

ELE A encontrou esparramada sobre uma das espreguiçadeiras do deque do iate, exibindo suas adoráveis e perfeitas curvas em um biquíni delicioso.

Ela sorriu ao vê-lo se aproximar, mas não afastou o tablet até ele a erguer em seus braços e colar os seus lábios aos dela. Já não a via há quase 24 horas e estava tão desesperado como se tivessem se passado anos.

Cayo a colocou novamente de pé, cuidadosamente, desfrutando do deslizar do corpo dela contra o seu.

– O que foi? – disse, vasculhando o rosto dele.

Enfiou a mão no bolso e tirou de dentro dele uma caixa branca longa que passou a ela. Dru o observou por um momento e então abriu a caixa. Ela arfou e Cayo ficou tenso, sem saber se havia feito a coisa certa.

Dru pegou o pingente e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Beija-flores… – sussurrou ela.

Dois pássaros aninhados em um ninho de prata, nas cores vibrantes que só podiam ser de Murano. Eles brilhavam sob a luz dourada do sol, parecendo quase vivos.

Os olhos dela ainda estavam molhados ao olhar novamente para ele, mas havia um sorriso em seus lábios.

– Você não vai esquecê-lo – disse Cayo, com a voz rouca. – E nem eu.

Ela passou os braços em torno dele e o beijou. Por um longo tempo. Suave e docemente. Fazendo ambos suspirarem.

Já fazia oito meses desde aquela cena, na quitinete de Clapham. Oito meses de Dru em sua vida, testando-o e transformando-o, fazendo com que ele se perguntasse como havia conseguido viver sem ela por tanto tempo. Não podia mais imaginar qualquer situação que não incluísse aquela mulher, que o havia, de algum modo, transformado no homem que ele jamais acreditara poder ser. De carne e osso. Vivo. Não um monstro, afinal. Não enquanto ela o amasse.

– Quando vai se casar comigo? – perguntou Cayo, envolvendo-a ainda arfante e exausta em seus braços.

– Quando você merecer – disse ela, afastando-se dele, esfregando os olhos como se achasse aquela probabilidade muito remota e riu.

– Será que vou ter que subornã-la? – perguntou ele. – Você não quer uma casa, nem uma propriedade, atóis ou ilhas.

Ele fez um gesto e ela o seguiu, olhando para o azul profundo do mar Egeu em direção à pequena, ensolarada e verdejante ilha ao fundo. Particular e desabitada. E dele. Dru havia insistido que Cayo visitasse todas as suas propriedades ou as vendesse, e assim ele fizera, deixando os negócios nas mãos competentes de seus vice-presidentes. *Delegando funções*. Aquela ilha grega, uma das Cyclades, próxima a Mykonos, era a última da lista. Ele descobrira que gostara do processo de explorá-las, todas, com ela.

– Não – concordou ela. – Eu não quero a sua propriedade. Mas…

– Sim?

Ela o divertia. Fascinava.

– Talvez uma companhia. – Seus olhos cinza brilharam, enquanto ela prendia o pingente em torno do pescoço.

– Por que será que não estou surpreso do ócio entediá-la?

Ela apenas sorriu.

– Aquela agência de publicidade, em Nova York, ainda está precisando de alguém para gerenciá-la?

Ele estava ciente de que ela conhecia muito bem a resposta.

– E o que você sabe a respeito de agenciamento e publicidade?

Seu tom, porém, era doce. Ele não tinha dúvidas de que aquela mulher podia fazer qualquer coisa a que se dispusesse, e bem.

– Eu o gerenciei por cinco anos – disse ela. – Imagino que uma empresa repleta de artistas americanos seja apenas uma leve brisa em comparação a você.

– Eu amo você – disse ele, porque era a mais pura verdade e porque não conseguia pensar em nada que o agradasse mais do que a ideia de ela construir um futuro *com* ele. O império *deles*, e não apenas o seu. – Você pode gerenciar o que quiser *mi amor*. Mas eu terei que insistir para que se case comigo. Há uma cláusula pouco conhecida em todos os meus contratos – explicou ele, suavemente, beijando o rosto dela, as sardas em seu nariz e sua doce boca. – Todas as filiais da Vila Group têm de ser presididas por um Vila, de modo que eu estou de mãos atadas...

Dru riu e enroscou os braços em torno do pescoço dele.

– Você sabe como eu amo um sacrifício – provocou ela.

– Ainda bem – disse ele com a voz abafada, sorrindo e beijando-a a fim de selar o acordo.

Aquilo seria muito bom, e eles iam passar a vida toda tornando as coisas ainda melhores. Ele não tinha dúvidas.

Ele era Cayo Vila, que não aceitava um não como resposta e não conhecia o fracasso.